



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Rafaela Malaquias Marcelino

Vozes que se transformam em luta: uma reflexão sobre gênero, raça e classe a partir das batalhas de slam na cidade de Juiz de Fora/MG.

Juiz de Fora
Março 2024

Rafaela Malaquias Marcelino

Vozes que se transformam em luta: uma reflexão sobre gênero, raça e classe a partir das batalhas de slam na cidade de Juiz de Fora/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção de grau Mestre em Ciências Sociais; na Área de concentração: Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

Juiz de Fora
Março -2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Malaquias Marcelino, Rafaela.

Vozes que se transformam em luta: uma reflexão sobre gênero, raça e classe a partir das batalhas de slam na cidade de Juiz de Fora/MG / Rafaela Malaquias Marcelino. -- 2024.

154 p.

Orientador: Raphael Bispo dos Santos

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2024.

1. Slam. 2. Feminismo Negro. 3. Gênero. 4. Antropologia Urbana.
5. Poesia. I. Bispo dos Santos, Raphael, orient. II. Título.

Rafaela Malaquias Marcelino

Vozes que se transformam em luta: uma reflexão sobre gênero, raça e classe a partir das batalhas de slam na cidade de Juiz de Fora/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção de grau Mestre em Ciências Sociais; na Área de concentração: Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais.

Aprovada em 18 de março de 2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos- Orientador

Profa. Dra. Carla dos Santos Mattos

Profa. Dra. Carolina dos Santos Bezerra Perez

Agradecimentos

O trabalho que será apresentado foi escrito por uma mulher negra, lésbica e periférica que tem sua vivência marcada por diferentes camadas de operações e que teve que superá-las para que hoje possa estar defendendo o seu título de mestre. O trabalho que será apresentado fala sobre mulheres e tem como personagens mulheres marginalizadas que fazem de suas vozes instrumentos de luta contra tudo que as oprimem. O trabalho que será apresentado foi feito para mulheres, para que a riqueza do nosso conhecimento seja cada vez mais difundida, honrando o legado daquelas que por muito tempo foram silenciadas, e inspirando e abrindo os caminhos daquelas que estarão por vir. Considerando todas essas questões, é indispensável que todos os agradecimentos e dedicatórias sejam feitos para as mulheres.

Primeiro gostaria de agradecer a todas as Yabás por terem me transmitido a força da ancestralidade para vencer todas as adversidades e conseguir concluir esse ciclo da minha vida.

Agradeço às mulheres da minha família, minhas tias e primas, minha irmã Gabriela, e principalmente minha mãe Adriana, por todo apoio e companheirismo nessa luta e por todo afeto que me impulsionaram a chegar até aqui.

Agradeço às mulheres cujas histórias aqui serão contadas, Laura Conceição, Sophia Bispo e Tay, por fazerem de sua arte um instrumento que dá voz a tantas vivências e por propagar a sabedoria da periferia.

Por fim, gostaria de dedicar a presente pesquisa a todas as mulheres que vieram antes de mim, abrindo os caminhos da produção do conhecimento para que hoje possamos ocupar nossos espaços dentro dele. Dedico a todas as mulheres que estiveram nessa caminhada junto comigo, amigas e companheiras de jornada, as quais pude dividir a luta da vivência acadêmica. E dedico a todas que estão por vir propagando os nossos saberes.

A todas essas mulheres dedico esse trabalho, e entrego o meu mais sincero, muito obrigada!

Escrevo por mim. Escrevo por mim e por meus filhos pelas pessoas que eventualmente possam me ler. Quando digo por mim, não me refiro apenas a Audre Lorde que habita esse corpo, mas a todas aquelas mulheres negras belas, bravas e incorrigíveis que insistem em se levantar e dizer eu sou e você não pode me apagar, não importa com irritante eu seja.

(Audre Lorde).

Resumo:

Os slams são competições de poesia que misturam arte e política, sendo uma forma de expressão para a juventude das periferias. Os poemas escritos e recitados pelas mulheres no slam trazem em suas letras toda a luta feminista, expressando também a necessidade de se questionar as relações não só de gênero, mas também de raça, classe, sexualidade e identidade. As poesias das mulheres negras são marcadas pelas suas experiências de vida, experiências essas, que trazem as marcas de suas ancestralidades, amores e culturas, e demonstram as marcas da escravidão e de violências por elas vividas por serem negras e mulheres. Dessa maneira, o presente trabalho trará a história de vida de três poetisas que participam de slams em Juiz de Fora. O objetivo será analisar as poesias dessas mulheres com base na literatura acadêmica de mulheres negras para identificar a relação das poesias com o que foi escrito por essas autoras, e para compreender essas poesias como uma forma de luta, resistência e produção de conhecimento feminista. Também será feita uma análise da cena do slam na cidade de Juiz de Fora sob o olhar das interlocutoras, a fim de identificar essa cultura como uma potência da arte urbana que traz nas poesias as vivências de povos marginalizados. Compreendendo o slam como uma forma de produção de conhecimento vindo das periferias que dá voz a grupos marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Slam. Feminismo Negro. Arte. Conhecimento.

Abstract

Slams are poetry competitions that mix art and politics and are a form of expression for youth in the suburbs. The poems written and recited by women at slam bring the entire feminist struggle into their lyrics, also expressing the need to question relationships not only of gender, but also of race, class, sexuality, identity. The poems of black women are marked by their life experiences, experiences that bear the marks of their ancestries, loves and cultures, and which also bear the marks of slavery and violence experienced because they are black women. In this way, this work will bring the life story of three poets who participate in slams in Juiz de Fora. The objective will be to analyze the poems of these women based on academic literature by black women to identify the relationship between the poems and what was written by these authors, and to understand these poems as a form of struggle, resistance, and production of feminist knowledge. An analysis of the slam scene in the city of Juiz de Fora will also be carried out under the eyes of the interlocutors, to identify this culture as a powerhouse of urban art that brings in the poems the experiences of marginalized peoples. Understanding slam as a form of knowledge production coming from the peripheries that gives voice to marginalized groups.

KEYWORDS: Poetry. Slam. Black Feminism. Art. Knowledge

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1- O SLAM COMO UMA VOZ CONTRA TODO TIPO DE OPRESSÃO.....	18
1.1. Erga a voz	27
1.2. Muito mais que um luxo, uma necessidade vital.....	31
1.3. Vivências que se transformam em lutas	35
1.3.1. Sophia Bispo.....	36
1.3.2. Tay.....	38
1.3.3. Laura Conceição.....	40
1.4. Poemas de slam, um reflexo da realidade.....	42
CAPÍTULO 2- AS VIVÊNCIAS DO SLAM NO ENCONTRO COM A CIDADE	63
2.1. A cidade como ambiente de socialização	67
2.2. A voz que denuncia os contrastes da “ <i>Princesa de Minas</i> ”	73
2.3. Universo digital como aliado na cultura do Slam.....	84
2.4. Emoções possíveis dentro do slam	91
2.5. A potência na voz dos povos marginalizados	115
2.6. Conhecimento marginal.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	130
ANEXO - POEMAS ANALISADOS	137

Vozes que se transformam em luta: uma reflexão sobre gênero, raça e classe a partir das batalhas de slam na cidade de Juiz de Fora/MG

Rafaela Malaquias Marcelino

Introdução

O “*Poetry Slam*” é uma competição poética na qual se destaca a poesia falada. Essa prática surgiu nos Estados Unidos e se formou nas periferias com o intuito de ser uma forma de expressão e arte para o seu povo. As poesias apresentadas pelos e pelas poetas nos Slams carregam discursos de crítica social e política, além de também trazerem características de afirmação identitária dos praticantes. Sendo assim, além de um movimento artístico, o Slam¹ também é um movimento político, social, cultural e indenitário, se mostrando como uma arma de cultura e expressão para os/as jovens de periferia. Essas batalhas foram trazidas para o Brasil pela poeta Roberta Estrela D’Alva, uma das maiores representantes da competição no país.

O Slam tem conquistado jovens de todas as regiões do Brasil. Ele é realizado em escolas, praças, bares, teatros e lugares públicos, reunindo todas as classes. No entanto, é entre os/as jovens de periferia, em sua maioria negros e negras, que essa prática artística e política mais tem ganhado força, mostrando-se uma forma de luta e reivindicação social entre esses/as jovens.

A presença das mulheres nessas competições é bastante expressiva; suas poesias rompem totalmente com um espaço de submissão feminina, expressando inconformidade com o sistema machista e trazendo temáticas que perpassam por suas diferentes vivências. Os poemas escritos e recitados pelas mulheres no Slam trazem em suas letras toda a luta feminista, expressando também a necessidade de questionar as relações não apenas de gênero, mas também de raça, classe, sexualidade, identidade e região, destacando a importância de se olhar para os problemas sociais, identificando as intersecções do sistema de opressão de gênero, raça, classe e tantos outros.

¹ Palavra de origem na língua inglesa que vem do verbo “*to slam*”, utilizada para se referir às batalhas de poesia. Opto por não grafar a palavra em itálico, tendo em consideração a sua frequência ao longo do texto.

A cultura do Slam também chegou à cidade de Juiz de Fora (Minas Gerais) e hoje existem diversas rodas, coletivos e batalhas, que estão presentes em diferentes locais. Uma dessas batalhas é o *Slam da Ágora*, uma competição organizada pela *Confraria dos Poetas*² e realizada em diversos espaços públicos, nela competem jovens de diferentes escolas e bairros. Ao fazer uma primeira observação do *Slam da Ágora*, pude perceber nas rimas dos/das competidores/as uma presença de críticas sociais, abordando pobreza, violência, racismo, discriminação, homofobia, machismo e outros. Nessas batalhas, assim como em todo país, há uma presença marcante de competidoras mulheres, e é possível notar que nas poesias feitas por essas *slammers*³ existe uma presença significativa de temas relacionados com o machismo, violência contra a mulher, empoderamento feminino e feminismo.

O presente trabalho visa refletir sobre a presença das mulheres na cena de slam na cidade de Juiz de Fora, com o intuito de identificar a relação dessa forma de expressão com as ideias do movimento feminista. Para isso, será importante identificar quem são as poetisas que estão sendo estudadas e qual a relação delas e de suas artes com esse movimento. O primeiro passo para essa investigação será distanciar de qualquer ideia que seja universalizante e naturalizante sobre a luta feminina.

O contato que tive com minhas interlocutoras me fez perceber que não é possível partir do pressuposto de que por ter em suas poesias versos sobre a luta contra a opressão machista, essas mulheres se consideram feministas e entendem sua arte como parte dessa luta; essa é uma afirmação equivocada, uma vez que a luta feminina pode se manifestar de diversas formas. As poetisas podem escrever palavras contra o patriarcado, mas não se considerarem feministas ou não considerarem suas poesias como feministas, ou até mesmo, podem assumir uma posição contra o feminismo hegemônico, como na poesia da poeta Vic Oliveira, que foi apresentada na competição do *Slam MG de 2021*⁴. Em seus versos, a artista faz uma crítica ao feminismo hegemônico e afirma que a sua poesia não é feminista:

Não me venha com o seu discurso, pois ele não me contempla.

² Grupo de poetisas da cidade de Juiz de Fora.

³ *Slammer* é quem escreve e declama poemas nos eventos de slam.

⁴ Competição que ocorre todos os anos para escolher os e as *slammers* que serão representantes do estado de Minas Gerais no *Slam BR*. No ano de 2021, a competição aconteceu no formato virtual devido à pandemia.

Não me venha com fatos históricos, pois a história sempre me invisibilizou, sempre tirou a minha voz. Não me classifique no que pra mim é tido como inclassificável.

Se você acha que, por eu ser mulher, eu tenho que defender o seu feminismo.

Eu acho que isso está um tanto errado, a minha luta vem em defesa de um matriarcado.

Que por muitos iguais a você, de mim, foi tirado, roubado.

O meu poema não é feminista. (VIC OLIVEIRA, 2017).

Não se considerar feminista ou não assumir sua arte como feminista, não significa que o feminismo não esteja de alguma forma presente nas vivências dessas poetisas, na postura que elas adotam em suas vidas e lutas, em suas performances poéticas, nas palavras que elas escrevem trazendo seus pontos de vista e seus posicionamentos sobre opressões decorrentes das relações de gênero, e no uso de sua voz potente para ocupar seu espaço político e marcar sua identidade.

A crítica ao feminismo hegemônico também é um ponto que deve ser considerado para a análise do trabalho. Aqui considero como feminismo hegemônico uma das tantas correntes do movimento formada por mulheres brancas, de classe alta, em sua maioria universitárias ou que possuem carreiras profissionais de prestígio. Essa corrente segue geralmente o posicionamento político e econômico do liberalismo, valorizando visões sobre trabalho e independência financeira. Essas mulheres são a maioria em espaços de produção de conhecimento, universidades, editoriais e na mídia em geral, são elas as que mais ocupam espaços de poder tanto no âmbito privado quanto na esfera pública. Portanto, são elas que levam as questões das mulheres para as discussões políticas, e fazem isso sobre os seus pontos de vista, destacando suas lutas pelas independências individuais femininas, sem levar para a discussão as questões de classe, raça e tantas outras.

Sobre essa questão, bell hooks, em seu livro *Teoria Feminista da Margem ao Centro*, aponta que a teoria feminista destacou durante muito tempo os escritos das mulheres brancas e da elite econômica e intelectual. Segundo a autora, esse fator fez com que as demandas dessas mulheres ganhassem destaque no cenário de luta feminina, deixando de lado outras vivências e demandas de diferentes mulheres, ignorando a relação entre classe e raça nos processos de discriminação de gênero. bell hooks alega que existem mulheres que nunca tiveram o protagonismo no feminismo e que ficaram no papel das

“silenciosas”, essas mulheres são exatamente as subjugadas que convivem diariamente com diferentes tipos de opressões e que por isso são também as que mais sofrem pelo sexismo. O fato de as mulheres brancas dominarem o discurso feminista fez com que o feminismo subestimasse outras questões sociais, que estão interligadas com a opressão machista, como as questões políticas envolvendo o capitalismo e o racismo. Em sua teoria, a autora afirma que o feminismo moderno universaliza a ideia de opressão ao alegar que “todas as mulheres são oprimidas”. No entanto, essa afirmação desconsidera as vivências de cada grupo e o impacto que o sexismo tem sobre cada uma delas.

O sexismo é, sem dúvida, um sistema de dominação institucionalizado, mas nunca foi capaz de determinar de modo absoluto o destino das mulheres nessa sociedade (hooks, 2019). Por esse motivo a autora destaca a importância de as mulheres negras trazerem o seu protagonismo para o feminismo, e assim levar para a luta feminina nossas experiências marcadas por diferentes tipos de opressões, criticando o feminismo hegemônico e propondo novas estratégias para acabar com todas as formas de discriminação:

Resistimos ao domínio hegemônico no pensamento feminista se o encaramos como uma teoria em formação que necessariamente precisa ser criticada, questionada, reexaminada e confrontada com novas possibilidades. Minha crítica persistente se nutre do fato de ser parte de um grupo oprimido, bem como da minha experiência com a exploração e a discriminação sexista e da sensação de que as análises correntes do feminismo não constituem a força modeladora de minha própria consciência feminista. Isso se aplica a muitas mulheres. Existem mulheres brancas que só passaram a cogitar erguer-se contra a dominação masculina depois que o movimento feminista lhes deu a consciência de que deviam e podiam fazê-lo. Minha consciência da luta feminista foi estimulada por circunstâncias sociais. (hooks, 2019. p. 41).

O livro de bell hooks foi escrito em 1984. Nos últimos tempos, a realidade do feminismo passou por diferentes transformações e cada vez mais uma pluralidade de mulheres vem conquistando o seu espaço de fala e ocupando o seu protagonismo dentro dessa luta, levando para o movimento, seus discursos e suas formas de conduzir as pautas. Hoje, o feminismo se divide em diferentes correntes, como negro, periférico, do campo, ecológico, religioso, trans e tantos outros que trazem a diversidade das mulheres e somam cada vez mais na luta contra a opressão.

As mulheres são múltiplas, suas realidades são diversas e marcadas por diferentes questões sociais. Por essa razão, o movimento feminista não pode ser visto de forma

universalizada. Mulheres negras, lésbicas, trans, periféricas, trabalhadoras, refugiadas, religiosas, mães e tantas outras têm suas lutas cotidianas e levam suas experiências para suas militâncias e reivindicações. As poetisas no slam também carregam suas marcas individuais e trazem todas suas vivências para suas poesias. É possível notar no slam uma presença significativa de mulheres negras, jovens, periféricas, pobres, LGBTQIAPN+, que carregam as marcas das mais variadas violências e opressões, e por esse motivo levam para suas poesias todas essas lutas.

Essas questões permitem identificar que, primeiro, não se pode partir de um pressuposto de que todas as poetisas se identificam como feministas. Isso não significa que essas mulheres são contrárias ao feminismo, mas sim que elas questionam um feminismo hegemônico, cujas pautas colocam como protagonistas mulheres brancas e de elite. As poetisas reivindicam que suas demandas também sejam ouvidas e respeitadas, trazendo para a luta das mulheres novas pautas e novas formas de lutas. Por esse motivo, é importante identificar como as ideias feministas se relacionam e influenciam na formação dos discursos trazidos na arte das *slammers* em Juiz de Fora.

Outra questão identificada é em relação ao uso do feminismo de forma universal. Sendo o feminismo uma multiplicidade de ideias, é necessário para este trabalho identificar quais as expressões, correntes e teorias feministas podem ser utilizadas para contribuir na análise das poesias das *slammers*. Para isso, também será necessário identificar quem são essas poetisas que participam dos slams. Considerando o fato de o slam ser uma batalha que faz parte de uma cultura marginalizada e vinda das periferias, e tem uma pluralidade de competidoras que se refletem nas poesias, fazendo versos que falam sobre raça, classe, gênero, sexualidade, violência entre outros. Podemos perceber que o discurso apresentado se aproxima das ideias do feminismo negro e da interseccionalidade. Por esse motivo, o trabalho usará especificamente essas correntes teóricas e políticas do feminismo para a realização da análise.

A interseccionalidade é uma ideia trazida pelo feminismo negro estadunidense, o termo foi inicialmente utilizado pela jurista Kimberlé Crenshaw (2002). Pensando nos espaços sociais ocupados pelas mulheres negras e refletindo sobre as opressões e exclusões que essas mulheres enfrentam, a autora propõe uma nova forma de se pensar o direito e as questões sociais. Crenshaw (2002) afirma que, graças às lutas sociais, os direitos das mulheres avançaram em muitos sentidos, no entanto, esses direitos são pensados universalmente, não considerando as múltiplas vivências e possibilidades de ser mulher. Mulheres com diferentes realidades vivenciam múltiplas formas de opressões.

Portanto, os direitos para as mulheres devem pensar os diversos fatores que transformam as experiências de vida femininas em diversidades que são acompanhadas por opressões e exclusões. No caso da mulher negra, elas sofrem duas grandes discriminações que dificultam o seu acesso aos direitos: o sexismo e o racismo. Além desses dois, outros tantos fatores também podem contribuir para essa exclusão.

Sendo assim, a autora afirma que o direito da população negra não pode ser visto universalmente, uma vez que questões de gênero, classe e tantas outras são importantes de serem pensadas para assegurar os direitos para todos sem distinção. Articular os direitos humanos dessa forma possibilita a diminuição da desigualdade, a valorização da diversidade, a criação de políticas públicas que fazem com que todos e todas sejam portadores de direitos de forma igualitária. Crenshaw afirma que nosso sistema é formado por múltiplas formas de opressões e que essas opressões se entrecruzam em diferentes esferas de subordinações. A autora propõe o conceito de interseccionalidade para analisar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Esse conceito trata sobre como o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002). A interseccionalidade também trata sobre como as ações políticas específicas geram opressões que constituem aspectos ativos de desempoderamento.

As poetas *slammers* trazem esse olhar interseccional para a arte por elas expressada, demonstrando que suas vivências, discriminação e violências sofridas fazem parte de um sistema de exploração sustentado por relações de poder que colocam essas mulheres na base do sistema de opressão.

As temáticas trabalhadas nas poesias dessas mulheres tratam sobre questões que perpassam as suas experiências e fazem parte de suas lutas cotidianas em busca de respeito. Questões como ancestralidade, identidade, discriminação, herança da escravidão, apagamento histórico, violência, racismo estrutural, crítica ao sistema de opressão e ao feminismo hegemônico são questões presentes nessas poesias, assim como nos escritos das autoras feministas negras, constantemente lembradas nos versos das mulheres no slam.

Portanto, o objetivo do trabalho é identificar como os discursos feministas, especificamente do feminismo negro e da interseccionalidade, se relacionam, contribuem e inspiram os discursos trazidos nas poesias, performances e posturas adotadas pelas poetas que participam de batalhas de slam. Analisando as temáticas abordadas nos

poemas, tendo como base textos de feministas negras, busco nesta pesquisa identificar como essas ideias se fazem presentes nas poesias e nas expressões políticas das poetisas.

Para a realização do trabalho, foi feita uma pesquisa acompanhando mulheres poetisas participantes de competições de slam na cidade de Juiz de Fora. Analisando suas poesias e buscando identificar o uso político da arte realizada por elas, tendo em vista que os slams são competições de poesia onde as e as/os poetisas expressam através dos seus poemas todas as suas indignações em relação às mazelas da sociedade. Por meio das rimas são feitas denúncias, críticas sociais e políticas, e exaltação da identidade de povos marginalizados. O slam é uma arte da periferia que dá voz aos jovens que querem e precisam ser ouvidos/as.

As poetisas definidas para contribuir com o trabalho têm suas experiências de vida marcadas pela interseccionalidade das opressões e pela diversidade. São mulheres com diferentes características que compõem a arte por elas produzida. O intuito é pensar como a poesia do slam faz parte de um ativismo periférico e marginal que dá voz para os/as jovens da periferia. Refletindo sobre os discursos empregados nos poemas, as questões levantadas e o impacto que estas questões têm na vida e na militância das poetisas. Entendendo o gênero e todas suas interseccionalidades como determinantes para a história de vida dessas mulheres e na motivação das suas artes, visio compreender como essas questões são trabalhadas e vivenciadas.

O trabalho se divide em dois capítulos: o primeiro deles focará na análise dos discursos trazidos na poesia. Nesse capítulo, será apresentada a competição do slam em seu contexto artístico, político e será demonstrado como essa cultura que nasceu entre trabalhadores brancos absorveu traços da cultura negra e se transformou em um instrumento da luta das minorias sociais. Apresentará o seu uso como expressão da juventude na cidade de Juiz de Fora. Com isso, também será apresentada a relação do slam com as teorias das interseccionalidades, seu contato com o feminismo negro e a sua contribuição para dar voz às minorias. Por fim, será feita uma análise das poesias com base nas teorias do feminismo negro e da interseccionalidade.

O segundo capítulo da dissertação se dedica a compreender melhor a história de vida das poetisas que estão sendo acompanhadas. Buscando identificar quem são essas pessoas, quais são os seus interesses pessoais, quais são os seus posicionamentos políticos, suas relações com a arte, como elas se envolvem na cena do slam, como se comportam perante a competição, e como se relacionam com os espaços urbanos onde os slams acontecem. A pretensão é fazer uma análise da cena do slam em Juiz de Fora e o

seu processo histórico. Buscando compreender qual a posição que essa expressão artística se coloca na cidade, e quais são as relações e emoções possíveis na cena, identificando essa arte como um movimento político e social. Para isso, serão apresentadas as metodologias aplicadas na pesquisa para identificar o slam como uma forma de expressão, produção de conhecimento e luta política das poetas.

Capítulo 1- O slam como uma voz contra todo tipo de opressão

Definir em poucas palavras o que é o *poetry slam* não é uma tarefa fácil. Podemos dizer que o slam é uma competição de poesia falada, uma manifestação política, uma performance artística ou uma expressão literária; podemos dizer que é um conjunto de todas essas coisas e mais, um estilo de vida e uma comunidade. Sobre essa questão, Roberta Estrela D’Alva, atriz, poeta, apresentadora, *slammer* e uma das pioneiras nas batalhas de slam pelo Brasil, faz a seguinte afirmação:

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, o *poetry slam* se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo (D’ALVA, 2011. p.1).

O slam é uma forma de expressão que dá voz às minorias políticas e sociais. Através da literatura e da performance, questões como racismo, desigualdade de classe e região, desigualdade de gênero e sexualidade, violência e tantos outros assuntos, são colocadas no centro das discussões, transformando a arte em um meio de denúncia das mazelas sociais, ao mesmo tempo que intensifica um espaço de lugar de fala e afirmação das identidades. O slam é um ambiente onde todas as pessoas têm microfone aberto para falar e transpassar suas emoções. Dessa forma, todas as vozes, feministas, dos movimentos negros, LGBTQIAPN+, da juventude, etc., têm visto esse espaço como uma oportunidade para se colocarem (COELHO, 2017). Por ser uma arte que traz em sua estrutura características de crítica social, o slam se torna uma expressão combativa e se mostra contra tudo o que é hegemônico e tradicional. A própria história do slam evidencia essa característica.

A origem da palavra slam vem do verbo inglês “*to slam*”, que significa bater ou criticar, sendo também utilizado nos torneios esportivos (VILAR, 2019). As palavras das e dos poetas batem no público com toda sua agressividade e revolta, causando nos espectadores e espectadoras as mais diferentes emoções que os fazem refletir e se sentirem representados.

O slam surge com o intuito de ser subversivo. Sua história remonta à década de 1980 no bar *Green Mill Jazz Club*, frequentado pela classe trabalhadora branca em Chicago, nos Estados Unidos. O operário da construção civil e poeta Mark Kelly Smith, juntamente com o grupo *Chicago Poetry Ensemble*, criou um “show-cabaré-poético-vaudevilliano” chamado *Uptown Poetry Slam*, considerado o primeiro *poetry slam* (D’ALVA, 2011). A competição de slam foi se criando gradualmente. No final da noite, no bar, eram organizadas performances poéticas. Smith tentava transformar os eventos de leitura de poesia em um show. O intuito era atrair mais trabalhadores para apreciar a arte da poesia e criar um espaço poético popular e democrático que contrariasse as normas literárias das elites e fosse aberto para todos/as. Assim, em um fim de noite, de forma orgânica, e a partir de um jogo improvisado, o *poetry slam* nasceu (D’ALVA, 2011). Hoje, o slam se faz presente em diferentes partes do mundo, conquistando as periferias e principalmente os/as jovens.

A competição herdou traços de outras expressões artísticas e poéticas que já existiam e que foram surgindo paralelamente, como poetas *beatniks*, as *spoken words*, o movimento de *MC’s* entre outros (FREITAS, 2020).

A competição chega ao Brasil em 2008, trazida pela poeta, escritora e atriz Roberta Estrela D’Alva. Inspirada pelo documentário “Slam” de 1998, Estrela D’Alva cria em São Paulo o primeiro slam do país, o *ZAP (Zona Autônoma da Palavra)* (VILAR, 2019). Além de trazer a competição para o país, a poeta também foi a primeira representante do Brasil na *Copa Mundo de Slam* na França; foi também uma das primeiras estudiosas da temática no país, e hoje é *slammaster*⁵ do *Slam BR* e uma das maiores divulgadoras e propagadoras da competição no território nacional.

É importante destacar que o slam chega ao Brasil pelas mãos de uma mulher negra. Isso nos faz compreender melhor algumas características específicas do movimento no país. A primeira delas é a grande participação das mulheres, característica que não é uma exclusividade brasileira, mas no Brasil a participação feminina é bastante expressiva, ao contrário de outros movimentos como as batalhas de *MC’s*, nas quais existe uma maior participação de homens. No slam brasileiro, portanto, as mulheres ocupam lugar de destaque (VILAR, 2019).

⁵ Apresentadores/as dos slams, semelhante ao Mestre de Cerimônia (*MC*). Em muitos casos, são também poetas e *ex-slammers*.

As mulheres participam do slam não só como competidoras, mas também como *slammaster*, juradas, organizadoras e como público, tornando o slam um espaço acolhedor, de empoderamento e de crítica à desigualdade de gênero e de sexualidade. Hoje, grandes nomes de poetisas *slammers* no país são de mulheres. Além de Roberta Estrela D'Alva, temos Luz Ribeiro, mulher negra, poeta e educadora, a qual foi a primeira ganhadora do *Slam BR* em 2016. Outros nomes, como Bell Puã, Mel Duarte, Dall Farra, Laura Conceição, Luiza Romão, Mariana Felix, Meimei Bastos, Negafya, Ryane Leão e tantas outras, são importantes para a cena do slam no país. Muitos coletivos de mulheres também foram criados durante a história do movimento no país, e até mesmo uma competição criada somente por mulheres, o *Slam das Minas*, que foi criado em Brasília em 2015 para ser um evento exclusivo de mulheres e logo se espalhou por todo território nacional. (KLIEN, 2018).

A participação significativa de mulheres no slam é reflexo do avanço dos movimentos feministas e suas novas formas de manifestações que buscam agregar diferentes públicos, e encontra na arte uma nova forma de dar voz às lutas das mulheres. A poesia é uma forma de expressão contra todas as opressões vivenciadas decorrentes das desigualdades de gênero, uma forma de reforçar as diferentes identidades das poetisas e de se colocar de forma política e ativa na sociedade. Essas poesias destacam a insistência em reiterar um ponto de vista próprio, intransferível, fortemente marcado pela ótica das relações de gênero. A nova experiência com a linguagem poética é consequência imediata dessa perspectiva (KLIEN, 2018.). No slam, a luta feminina se manifesta não apenas nas letras das poesias, mas também na expressão do corpo, no estilo adotado, na entonação, voz e na performance da poeta.

Outra característica do slam no Brasil é que, diferente dos Estados Unidos e outros lugares do mundo onde as competições são realizadas em espaços privados como bares e teatros, aqui os slams são realizados na maioria das vezes nas ruas, ocupando bairros, praças, viadutos, estações e espaços públicos em geral. Mesmo quando efetuados em espaços fechados, os slams se mantêm sempre gratuitos, afirmando sua característica de espaço democrático e acolhedor para todos e todas. Essa tradição se inicia em 2012 em São Paulo com o *Slam da Guilhermina*, que acontece ao lado da estação de metrô Guilhermina Esperança, na Zona Leste de São Paulo, ao redor de um lampião (FREITAS, 2020). Desde então, os slams no Brasil ocupam as cidades de uma forma popular e democrática, para que todos possam participar e apreciar poesia.

O slam conta com cinco regras simples seguidas em todas as competições, podendo ter pequenas variações dependendo do lugar. Essas regras são:

1. A principal regra é que os poemas apresentados devem ser autorais. Diferente dos sarais, onde não necessariamente a poesia recitada deve ser de autoria própria. Nos slams, o poema recitado deve ter sido escrito pelo/a poeta que se apresenta.
2. Cada competidor/a tem três minutos para fazer sua apresentação; extrapolando esse tempo, o/a *slammer* passa a perder pontos.
3. A apresentação é apenas entre o corpo e a voz; é proibido o uso de figurinos, instrumentos musicais ou qualquer adereço artístico.
4. O slam tem três rodadas, onde os artistas se apresentam e recebem notas, que podem variar de um a dez. Ao todo, são cinco jurades⁶ que dão suas notas, sendo que a maior e a menor nota são descartadas, mantendo apenas três que são somadas. O/a artista que tiver a maior nota somando as três rodadas vence a competição.
5. Os/as jurades, por sua vez, são escolhidos aleatoriamente na plateia, já que a ideia é deixar a competição democrática e que as notas sejam dadas pela emoção e todos/as possam participar. As notas devem ser dadas imediatamente após a recitação e os/as jurades devem mostrar as suas notas simultaneamente para não haver nenhum tipo de manipulação⁷.

Embora seja uma competição, o objetivo principal do slam não é a vitória ou ascensão pessoal de uma/um poeta. Uma vez que se centraliza na coletividade, todos/as que participam do movimento se unem em um interesse comum de celebrar a arte, a poesia e de fazer política através da expressão artística. O slam nasce para resgatar e popularizar a poesia, e através dela, manifestar as demandas sociais e romper com os padrões das elites culturais e artísticas. Desse modo, o encontro entre poetas, a identificação com o público e a atmosfera criada valem mais do que a competição em si.

⁶ Nas competições de slam que presenciei, tanto presencial quanto virtual, era sempre utilizado o termo “jurades” para se referenciar aos jurados e juradas. Essa forma de utilizar a palavra respeita a linguagem neutra reivindicada pela luta transexual. Farei o uso desse termo em todo o texto.

⁷ Informações retiradas do texto: FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. *Estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 59, e5915, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/29317/25083>>. Acesso em: 17 ago 2022.

Nesse sentido, os slams que, inicialmente têm como mote a competição, tomam a proporção de uma celebração, que conta com um mestre de cerimônias, chamado *slammaster*, e onde a palavra é comungada entre todos sem hierarquias. Um círculo poético onde as demandas “do agora” de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com as experiências que esta vivência (D’ALVA, 2011, p.121).

Ao recitar sua poesia, a/o poeta expressa ali todas as suas vivências, trazendo relatos de suas experiências, suas emoções, suas dores e temáticas que os/as atravessam e lhes causam indignação, como racismo, violência, machismo e tantas outras. Demonstram suas opiniões, suas mágoas, seus amores e seus medos, abrem para o público suas individualidades, que já não são mais deles/as somente, mas de todos/as espectadores/as que se identificam com a arte expressada, compartilhando vivências e emoções, retribuindo com aplausos e exaltações. É assim que as esferas do público e privado são quebradas em uma roda de slam (FREITAS, 2020). Todos ganham, poetas e público são presenteados em um sistema de trocas e reciprocidades, como uma dádiva (MAUSS, 2003).

Ao dar início à sua performance, o/a poeta transborda em emoção e transpõe esse sentimento para todos que estão presentes, que passam ser afetados pelas palavras que estão sendo recitadas. Nesse momento, a reação do público ao que ali foi dito se expressa por meio de gestos e sons, transformando o ambiente em um espaço de compartilhamento de símbolos sociais transmitidos pela emoção.

A emoção é uma linguagem, por meio de reações corporais, os indivíduos transmitem os valores morais de um grupo. Esses sentimentos são carregados de significados sociais que ganham sentido nas interações sociais. A emoção apenas tem sentido quando os seus símbolos são compartilhados e compreendidos por todo grupo. Ao analisar os rituais funerários da Austrália, o antropólogo Marcel Mauss afirma que as manifestações das emoções são mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo-se aos outros, é essencialmente uma ação simbólica. (MAUSS, 1979).

No caso do slam a emoção ocorre através da sensação de representação que os versos das poesias causam no grupo. O momento da declamação da poesia se transforma em um ritual, a/o poeta expõe sentimentos compartilhados por todos os presentes, e o público se sente representado pelo discurso que ali está sendo proferido e se emociona

pelas palavras dos e das poetas. As competições de poesia falada são eventos que mexem intensamente com o campo das emoções. Através das palavras são compartilhados sentimentos de revolta, raiva, amor, medos, traumas, inquietações, ancestralidade e outros. E essas emoções são compartilhadas por todo grupo social envolvido nessa cena.

Conforme as teorias da antropologia das emoções, o fenômeno da emoção é um construto sociocultural (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990). Tais teorias se opõem a teorias anteriores que consideravam as emoções como partindo de experiências naturais, sendo assim tidas como generalizantes e universais a todos os indivíduos; ou a teorias que consideravam as emoções apenas no campo da psicologia, que entendiam as emoções a partir de experiências individuais. A antropologia das emoções busca, por meio de fatos etnográficos, identificar as origens coletivas das emoções, entendendo esse fenômeno não como sendo do âmbito privado, mas sim do âmbito público, se relacionando com questões de grupos sociais, questões históricas e de relação de poder. Essa teoria busca a compreensão das muitas formas pelas quais a emoção retira seu sentido, força e desempenho no domínio público do discurso. (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990).

Segundo as antropólogas estadunidenses Lila Abu-Lughod e Catherine A. Lutz, o discurso está relacionado com o uso da linguagem. Aquilo que é passado por meio de códigos e detém um sentido em determinado contexto social. O discurso, portanto, estaria localizado no campo sociolinguístico, se relacionando com o uso social da linguagem. O discurso também pode estar relacionado com produções de realidades. Segundo Foucault, os discursos são práticas que formam de modo sistemático os objetos dos quais falam (FOUCAULT *apud* ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990). Sendo assim, tudo aquilo que está relacionado com a linguagem, textos, fala, artes e qualquer forma de transmissão de códigos sociais, são também produtores de experiências e realidades.

Dessa forma, as estruturas de poder também são construtoras de discursos. O discurso está diretamente ligado à emoção, pois a emoção surge da linguagem e se apresenta como uma prática discursiva. Compreender a emoção na ideia do discurso é entender que as emoções são fenômenos presentes nas interações sociais, e que essas interações ocorreram verbalmente. Sendo assim, o discurso tem uma dimensão de comunicação, definindo valores sociais e afetando diversos campos da vida social. Essas questões são trazidas pelas autoras Abu-Lughod e Lutz ao afirmarem que a emoção é uma prática discursiva. Segundo essa visão, as emoções são ações sociais que podem ser vistas na interação social, cuja fala é a maior expressão dessa interação. Portanto, compreender a emoção na perspectiva do discurso é entender a linguagem como geradora de

significados para um grupo social. O estudo da emoção como discurso nos permite explorar o modo como a fala fornece os meios pelos quais concepções locais da emoção exercem seus efeitos e obtêm seu significado. (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990).

Entender o campo das emoções e sua relação com o discurso e o uso da linguagem na formação social nos faz ter a compreensão da dimensão que todo contexto do slam tem para os/as jovens que participam desse circuito. A poesia no slam, acompanhada da performance artística e do estilo adotado pelos/as poetas, carregam discursos que criam empoderamento de todos que ali estão presentes, por meio de palavras que representam sentimentos e emoções compartilhadas entre poeta e público.

As questões raciais, o racismo e a memória do povo negro são temáticas recorrentes nas poesias de slam, isso porque as e os poetas retratam nas suas poesias questões que fazem parte do seu cotidiano. Elas usam sua arte e a sua própria gramática, como intitulado por Conceição Evaristo (2019) de “gramática do cotidiano”⁸, para se comunicarem e protestarem sobre esses assuntos.

Embora não tenha origem na cultura negra, o slam cresceu e se popularizou dentro dessa cultura. Sua origem periférica, a sua inspiração em outros movimentos de oralidade marginal e a sua trajetória similar às batalhas de *MC's* fizeram com que o slam se encontrasse com o movimento *Hip Hop* e se tornasse mais uma arma contra a violência racial. Os e as poetas negro/as no slam, além de fazerem denúncias sobre o nosso sistema racista, também buscam afirmar a memória do povo negro, relembrar a história apagada pela colonização e ressaltar sua beleza e sua identidade.

Características da cultura, da filosofia, da história, da arte e do ativismo negro estão o tempo todo vivas no movimento do slam. A lógica da comunidade é um exemplo disso. Ela revive a filosofia *Ubuntu* o qual o conceito pode ser encontrado em diferentes línguas presentes no continente africano, dentre os seus vários significados, o que transmite melhor a sua essência é encontrada no sul do continente e se traduz como, “uma pessoa só é uma pessoa por meio de outras pessoas” ou “eu sou apenas porque você é” (NGOMANE, 2022). Segundo a escritora Mungi Ngomane, *Ubuntu* é um estilo de vida e uma forma de perceber o mundo, tendo origem na filosofia sul-africana. Essa sabedoria ensina como viver bem e em união. Significa a conexão e o compartilhamento entre os seres, ouvir o outro, sentir benevolência, criar vínculos emocionais, tratar o outro com

⁸ Prefácio do livro: DUARTE, Mel. Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

dignidade fazem parte da vivência dessa filosofia. *Ubuntu* é o princípio de estar em comunidade, se fortalecer e superar os problemas e as diferenças (NGOMANE, 2022). Essa sabedoria está presente na estrutura do slam, onde o que é festejado não é a/o poeta somente, mas sim o coletivo, já que a poesia e a performance não são individuais. Em outras palavras, a expressão ali vivida não é individual, tudo existe devido à comunidade. Ser é ser coletivamente.

A tradição da oralidade africana se faz fortemente presente no slam. Nesse sentido, é importante lembrar a herança dos *Griots*. Segundo o antropólogo alemão Hauke Dorsch os *Griots* são em sua maioria homens, mas também existem mulheres denominadas pelo autor de *Griotes*. Essas pessoas são contadoras de histórias, não apenas através da oralidade, mas também através da música, do artesanato e de diversas formas de comunicação e arte. A origem dos *Griots* é encontrada nas sociedades da África Ocidental do século X. Esses/essas artistas são pessoas de grande valor para o funcionamento social, eles/elas são mediadores em disputas, mestres de cerimônias e conselheiros, cujos conselhos são amplamente respeitados (DORSCH, 2020). Segundo o autor esse valor ocorre porque os/as *Griots/Griotes* são pessoas responsáveis por transmitir a história de um povo, são guardiões e contadores dessa memória, lembrando o povo de suas ancestralidades, valores e tradições, sendo assim um/uma personagem importante para a formação e manutenção da identidade coletiva. Os/as *Griots/Griotes* representam sociedades que vivenciam a oralidade. Nesse sentido, toda história e feitos de um povo são recordados oralmente através da música, da poesia, das histórias, tudo isso é transmitido através das artes dos/das *Griots/Griotes*. Quando fazem suas artes, esses sábios não fazem apenas um espetáculo, mas conectam os indivíduos com o seu passado e com sua identidade. Os/as *slammers* são verdadeiros *Griots/Griotes*, através de suas poesias eles e elas contam histórias que carregam conhecimentos sobre a nossa sociedade, além de também reviverem e ressaltarem toda importância da oralidade para cultura negra e através disso ressaltar nossa identidade e reverenciar nossa ancestralidade.

O uso da arte como forma de expressão política também é uma questão que liga o slam à cultura negra, pois se aproxima de movimentos musicais como o *Soul*, o *Blues*, o *Jazz*, o *Rap*, o Samba e tantos outros estilos musicais que trazem em suas canções letras de crítica a desigualdade e afirmação da história do povo negro.

A militância política do povo negro sempre foi marcada pela oralidade, tal como o slam. Líderes políticos importantes na história da luta pelos direitos sempre estiveram presentes em púlpitos, fazendo discursos, denunciando as opressões e gritando a favor do

seu povo. Como Martin Luther King Jr, que foi dono de uns dos discursos mais importantes da luta pelos direitos civis do povo negro nos Estados Unidos, com sua famosa frase “*I have a dream*” (“Eu tenho um sonho”), a qual é até hoje lembrada como símbolo da luta contra o racismo. Outros tantos líderes políticos expressam seus discursos marcantes e esses discursos servem de inspiração para os/as poetas e são constantemente citados nas poesias.

A cultura e a história negra estão presentes na essência do slam, nos poemas recitados e na emoção que eles causam, como na frase do poeta e músico juiz-forano PretoVivo, que diz: “Mano, tem África em tudo que eu sinto”⁹.

A oralidade também se faz presente na luta das mulheres negras, que através do uso de suas vozes buscam questionar as estruturas de poder, de violência e discriminação. Por meio de suas experiências, levam para o feminismo debates que enfatizam a importância de se pensar não só nas questões de gênero, mas também de raça, classe, sexualidade e outros, buscando questionar e combater a estrutura de poder e dominação. Além de questionar as esferas de poder, essas mulheres também se afirmam como sujeitos e questionam uma estrutura feminista universalista que diz que toda mulher é igualmente oprimida. Sendo assim, questionam também o próprio feminismo e o que é ser mulher. Esse questionamento pode ser visto no famoso discurso de Sojourner Truth na primeira *Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres nos Estados Unidos*, em 1851, discurso que marca historicamente a luta das mulheres negras para terem sua voz escutada e respeitada:

“Não sou eu uma mulher?” Com uma voz que soava como “o eco de um trovão”, ela disse: “Olhe para mim! Olhe para o meu braço”, e levantou a manga para revelar a “extraordinária força muscular” de seu braço. “Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?” (KYRILLOS, 2020, p. 3 *apud* DAVIS, 2016, p. 97).

Sojourner Truth era uma mulher negra, que fora escravizada. Ela subiu no palco de uma convenção por direitos para as mulheres, em que havia a presença de feministas

⁹ PRETOVIVO, NEGA PRETO, TOPRE. Afrika Em Tudo. Youtube, 20 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sPqVgB8QsqQ>>. Acesso em: 19 ago 2022.

brancas, para questionar e afirmar o seu lugar de mulher, que muitas vezes era apagado pela sociedade, e para destacar as suas lutas que eram invisibilizadas pelo movimento feminista. Não era reconhecido que as mulheres negras tinham as suas lutas nas suas vivências por serem colocadas na base da estrutura de poder e sofrerem pela dominação, que vinha também das mulheres brancas.

A importância de ter sua voz representada, ouvida e respeitada se faz presente em toda trajetória de luta das mulheres negras. Seja na arte, como as poetas slam, mas também nas grandes cantoras de *Blues* e *Jazz*, na escrita e na formação científica, como as grandes autoras do feminismo negro, e na militância, como no coletivo de mulheres negras, lésbicas e socialistas *Combahee River*, de Boston, EUA, da década de 1970 (FALQUET, 2018), onde mulheres negras escritoras e poetas com diferentes vivências se reuniam para tratar sobre as interseccionalidades que atravessavam suas vidas.

1.1. Erga a voz

Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem — e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado

(bell hooks¹⁰)

As palavras que iniciam essa parte do texto refletem a essência da temática que está sendo trabalhada, a potência da voz de mulheres como um uso político que mexe com as estruturas de poder. O trecho foi retirado do livro *Erga a voz*, da teórica feminista negra, artista e ativista antirracista estadunidense bell hooks. A autora usa de sua própria

¹⁰ A autora prefere que se escreva seu nome com letras minúsculas como um posicionamento político que visa romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa.

realidade como mulher, negra, escritora e militante para falar sobre a questão da mulher racializada e o uso da sua voz, além da luta e a resistência dessas mulheres para serem ouvidas, transformando a fala em uma potente arma política.

hooks destaca que historicamente a estrutura de dominação busca o silenciamento do povo negro, apagando sua história e restringindo os seus espaços. Mesmo assim, a oralidade sempre esteve presente na cultura desse povo, como nas pregações em igrejas protestantes e nas poesias que eram recitadas nesses lugares. Para os homens negros, as igrejas eram um espaço da expressão dominada pela fala. Para as mulheres negras, o espaço privado dos seus lares era o seu lugar de fala, onde se tinham os ensinamentos sobre a vida, se aprendia sobre o cotidiano, como viver e agir; eram as mulheres que falavam e tinham sua voz ouvida; no lar, eram as mulheres negras que pregavam (hooks, 2019). Mesmo que a voz feminina nos lares tivesse uma grande potência, as vozes das jovens eram silenciadas. A autora afirma que a cultura negra era uma cultura do uso da voz como uma autoridade, no entanto, crianças e jovens não podiam ser ouvidos, devendo se manter em silêncio, caso contrário, eram punidos. Nessa estrutura, pensando no caso das meninas, “erguer a sua voz” significava um ato de resistência em relação ao que era esperado de sua feminilidade.

“A fala correta da feminilidade” sempre foi aquela em que se espera uma submissão, uma fala doce, que não deve questionar, não deve se impor e não deve ser ouvida. Quando a mulher usa sua voz, ela é punida pela sociedade e tratada como louca, assim como durante muito tempo foram tratadas como histéricas as mulheres que se expressavam. O questionamento sobre o controle, sobre o ato de falar, sempre esteve entre as pautas feministas. Essas mulheres questionam os espaços de silenciamento que foram a elas direcionados, reivindicam poder falar, ser ouvidas e respeitadas.

No entanto, é necessário diferenciar a posição das mulheres negras quando a questão é o uso da voz. As mulheres negras não são silenciosas (hooks, 2019), essas mulheres sempre falaram e expressaram toda sua potência por meio da sua voz. O que ocorre é que a luta dessas mulheres é para que suas vozes sejam ouvidas, respeitadas no espaço público. Para as mulheres negras, nossa luta não tem sido para emergir do silêncio para a fala, mas para mudar a natureza, credibilidade, legitimidade e a direção da nossa fala, para fazer uma fala que atraia ouvintes, que seja ouvida (hooks, 2019). É pela luta por serem ouvidas que mulheres negras se expressam nos diferentes meios, como na literatura, na música, na poesia e na arte em geral, assim como fez bell hooks ao escrever seus livros.

O feminismo negro traz para sua luta o questionamento sobre as interseções existentes nas estruturas de poder, com base nas vivências de mulheres que sofrem com o machismo, o racismo e a desigualdade de classe, elas afirmam ser necessário se pensar a opressão considerando todas essas dimensões conjuntamente.

O que as feministas negras dizem é que sim, as mulheres negras são mulheres, mas não em uma visão universalista de ser mulher, e sim percebendo que precisamos questionar diversos fatores, como classe, raça e gênero, para pensar as mulheres negras e questionar o seu espaço na estrutura de dominação. Por isso, essas mulheres questionam o feminismo hegemônico, branco e civilizatório, e afirmam que a única forma de acabar efetivamente com o sistema de dominação é trazendo a luta das mulheres negras e pensando em todas as questões que perpassam suas vidas. Afirmando essa questão, bell hooks escreve que:

Nós, mulheres negras sem qualquer “outro” institucionalizado que possamos discriminar, explorar ou oprimir, muitas vezes temos uma experiência de vida que desafia diretamente a estrutura social sexista, classista e racista vigente, e a ideologia concomitante a ela. Essa experiência pode moldar nossa consciência de tal maneira que nossa visão de mundo seja diferente da de quem tem um grau de privilégio (mesmo que relativo, dentro do sistema existente). É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. A formação de uma teoria e uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada. Apesar de criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora – crítica que às vezes é dura e implacável – eu o faço não em uma tentativa de diminuir a luta feminista, mas de enriquecer, de compartilhar o trabalho de construção de uma ideologia libertadora e de um movimento libertador. (hooks, 2015, p. 207).

Patricia Hill Collins (2016), socióloga negra estadunidense, em seu artigo *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*, destaca a importância das feministas negras para o pensamento sociológico e feminista. Segundo ela, o pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras (COLLINS, 2016). Em sua visão, isso é importante, pois, para pensar as estruturas de poder, é preciso pensar em todas as questões históricas e sociais que envolvem essa estrutura, e as

mulheres negras trazem isso em suas vivências. Por isso, é importante esse pensamento ser construído por essas mulheres, para elas e para toda a sociedade. Dois temas-chave são trazidos por esse pensamento: a autodefinição e autoavaliação.

Uma afirmação da importância da autodefinição e da autoavaliação das mulheres negras é o primeiro tema chave que permeia declarações históricas e contemporâneas do pensamento feminista negro. Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p. 102).

Buscando trazer as suas vivências para o feminismo, destacando a importância de se fazer uma análise da sociedade e entendendo que as opressões não existem de formas separadas, as feministas negras desenvolvem a perspectiva teórica da interseccionalidade.

A interseccionalidade é uma ideia trazida pelo feminismo negro estadunidense. Segundo Patricia Hill Collins, em seu artigo *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*, esses movimentos de mulheres negras lutavam por justiça social e reivindicavam dentro de seus movimentos que as injustiças sociais não se isolavam, elas faziam parte de um sistema onde as dominações se cruzam. Portanto, a luta contra essas injustiças deveria pensar, ao mesmo tempo, em diferentes categorias de dominação.

Assim, o movimento negro, ao questionar o racismo, deve também pensar no sexismo, na desigualdade econômica e na heteronormatividade como opressões sofridas pelas mulheres negras, assim como o movimento feminista, ao questionar o sexismo, deve também questionar o sistema racista e toda exploração vivida pelas mulheres negras. Essas ideias surgiram em diferentes movimentos sociais e afirmavam que, para questionar o sistema de dominação e alcançar a justiça social, era necessário pensar as categorias raça, classe, gênero e sexualidade juntas. É nesse sentido que Audre Lorde (2019), mulher negra, lésbica, escritora e ativista pelos direitos civis, argumenta que “não existe hierarquia na opressão”; ela afirma que:

EU NASCI NEGRA, E MULHER. Esforço-me para ser a pessoa mais forte que eu conseguir – para viver a vida que me deram e para promover algum tipo de mudança que leve a um futuro decente para esta terra e para os meus filhos. Sendo uma pessoa negra, lésbica,

feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças – uma delas, um garoto – e parte de um casal interracial, eu me lembro a todo momento de que sou parte daquilo que a maioria chama de desviante, difícil, inferior, ou um escancarado “errado”. Por estar em todos esses grupos, aprendi que a opressão e a intolerância com o diferente existem em diversas formas, tamanhos, cores e sexualidades; e que, dentre aqueles de nós que têm o mesmo objetivo de libertação e de um futuro possível para as nossas crianças, não pode existir uma hierarquia de opressão. Eu aprendi que sexismo (a crença na superioridade inerente de um sexo sobre todos os outros e, assim, seu direito de dominar) e heterossexismo (a crença na superioridade inerente de uma forma de amar sobre todas as outras e, assim, seu direito de dominar) vêm, os dois, do mesmo lugar que o racismo – a crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras e, assim, seu direito de dominar. (LORDE, 2019, p. 226).

Não se pode estudar as opressões vividas pelas mulheres negras com base em ideias universais de opressão contra as mulheres, já que mulheres negras vivenciam o machismo de formas diferentes das mulheres brancas, por sofrerem essa opressão juntamente com o racismo. Ao mesmo tempo, também não se pode estudar essa opressão universalizando as experiências de desigualdade racial, uma vez que mulheres negras vivenciam o racismo de forma diferente dos homens negros, pelo fato de que elas sofrem também as opressões do machismo. E tantas outras opressões e preconceitos podem se agrupar nas vivências de uma mulher negra, como classe, sexualidade, região, religião, idade e tantos outros fatores.

A interseccionalidade não é apenas uma teoria, mas também uma metodologia de análise social que se desfaz com as metodologias anteriores, que tinham como objetivo explicar os fatores de raça, gênero e classe separadamente. Esse método tem em vista compreender quais são as ligações desses fatores na estrutura de poder, buscando desenvolver interpretações das relações dessas opressões.

1.2. Muito mais que um luxo, uma necessidade vital

“Pretinha, a força da tua afirmação vai incomodar o mundo”¹¹. Essas palavras da poeta e *slammer* Cristal Rocha (2019) refletem sobre algumas questões que historicamente foram colocadas sobre a mulher negra e auxiliaram na manutenção do sistema de dominação. O silenciamento e a perda das suas identidades culturais e políticas

¹¹ Versos da poesia “*Arte escura*” da poeta Cristal Rocha presente no livro “*Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*”.

são temas centrais nas poesias feitas por mulheres negras que buscam recuperar e afirmar suas identidades e dar voz às suas vivências.

Lélia Gonzalez (2019), mulher negra, ativista e intelectual brasileira, nos mostra que, no caso da América Latina, a sociedade foi estruturada com base em uma hierarquia social e racial, que também se relaciona com as questões de gênero e classe. Sendo assim, no topo dessa hierarquia estariam os homens brancos e todas as suas ideias sendo as dominantes; as pessoas não brancas e suas ideias e tradições estão na base. A sociedade brasileira se estrutura com base na ideologia da democracia racial, que considera que todos somos iguais. No entanto, conforme a hierarquia real, as pessoas não brancas são vistas como inferiores, são retiradas as suas possibilidades enquanto sujeitos e impostos os seus silenciamentos. No caso da mulher, isso se agrava pela questão do sexismo. Gonzalez afirma que:

Da mesma forma, nós mulheres e não brancas fomos “faladas”, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos não só do nosso próprio discurso, como da nossa própria história. É desnecessário dizer que, com todas essas características, estamos nos referindo ao sistema patriarcal-racista. Consequentemente, o feminismo coerente consigo mesmo não pode dar ênfase à dimensão racial. Se assim o fizesse, estaria contraditoriamente aceitando e reproduzindo a infantilização desse sistema, e isso é alienação. (GONZALEZ, 2019, p. 44).

Portanto, por estar na base da hierarquia social, foi negado o lugar de fala às mulheres e principalmente às mulheres negras, sempre existiu alguém para falar por elas e menosprezar suas vivências e suas lutas. Através das poesias, as poetisas reivindicam o seu lugar de fala, sua autodefinição e sua autoafirmação.

A poesia se aproxima dos movimentos de mulheres negras na própria estrutura e essência desse movimento. Muitas mulheres que estavam envolvidas nos coletivos e nas lutas de mulheres negras estadunidenses dos anos de 1960 e 1970, eram poetisas e usavam as suas poesias como forma de expressão política. Audre Lorde afirma que a poesia faz parte de sua autodefinição como mulher, como negra, como lésbica, como mãe e como socialista.

Para as mulheres, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital de nossa existência. Ela dá forma à qualidade da luz sob a qual baseamos

nossas esperanças e sonhos em direção à sobrevivência e à mudança, primeiro transformados em linguagem, depois em ideia, então em ação mais tangível. A poesia é a maneira pela qual ajudamos a dar nome ao inominado, para que possa ser pensado. Os horizontes mais longínquos de nossas esperanças e medos são calçados por nossos poemas, esculpido na aventura pedregosa de nossas vidas diárias. (LORDE, 2020, p. 108).

Audre Lorde também destaca a importância de se pensar a questão de classe e como ela interfere na produção artística. Nesse ponto, a poesia se faz importante entre a classe trabalhadora por ser uma arte simples de ser feita e levar em poucas palavras as expressões de grupos subalternizados e marginalizados:

De todas as formas de arte, a poesia é a mais econômica. É a mais secreta, a que exige menos trabalho físico, menos material, e aquela que pode ser feita entre turnos, no ambulatório do hospital, no metrô e em sobras de papel. Ao longo dos últimos anos, escrevendo um romance com um orçamento apertado, vim a apreciar as enormes diferenças em termos de demanda material entre poesia e prosa. Ao revermos nossa literatura, a poesia foi a voz mais importante dos pobres, dos trabalhadores e das mulheres de cor. Um quarto apropriado pode ser uma necessidade para escrever prosa, assim como resmas de papel, uma máquina de escrever e um bocado de tempo. As exigências para produzir artes visuais também ajudam a determinar, em termos de classe, que arte pertence a quem. Nestes tempos de preços inflacionados de material, quem são nossos escultores, nossos pintores, nossos fotógrafos? Quando falamos de uma cultura feminina de largo espectro, precisamos nos dar conta do efeito de classe e das diferenças econômicas no material existente para produzir arte. (LORDE, 2019, p. 231).

A poesia pode ser utilizada como arma política que, através da expressão artística, escrita e performada, carrega um conjunto de análises e críticas sociais, e traz as vivências e experiências das e dos poetas. Sendo assim, ela serve como instrumento de luta e expressão de grupos excluídos e marginalizados. No prefácio do livro *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, a escritora brasileira Conceição Evaristo nos diz o seguinte sobre o uso da poesia como luta e transgressão:

Fazer da criação poética instrumento de proposição de luta começa pelo próprio não uso da norma da língua. Conscientemente a “norma certa”, como advogam os puristas, é confrontada, esfacelada, “agredida”. Há uma escolha conscienciosa por uma forma de linguagem, a qual tenho chamado de “gramática do cotidiano”, isto é: o expressar que surge da comunicação inventada, gestada, gerida no meio do povo. Surge então poemas, uma língua dinamizada por uma fala que precisa e busca expor as incertezas as injustiças, os enfrentamentos do dia a dia do povo. Uma

linguagem para contar em versos, as mazelas, as incertezas e também para celebrar as alegrias de quem tem pouco ou nenhum espaço para dizer. Por isso são criações que se enxugam as palavras, conscientemente. Singularizam artigos que acompanham substantivos plurais, dispensam as desinências verbais nas mais variadas construções, mas todas sabem que as dores, o andar na corda bamba, são situações vivências de múltiplos sujeitos. (EVARISTO, p. 14, 2019).

Portanto, a poesia feita e pensada por e para mulheres, negras, periféricas e tantas outras, se mostra transgressora na sua essência, desafiando as normas da linguagem, servindo como forma de expressão popular, fazendo críticas sociais e denunciando as mazelas de diferentes grupos.

A expressão poética é uma arma política muito utilizada na militância das mulheres negras, expondo as múltiplas experiências e opressões vividas por essas mulheres. Através dessa arte, mulheres negras em diferentes contextos fazem críticas ao racismo, sexismo, às divisões de classe e outras opressões, e fazem reflexões sobre suas próprias vivências, trazendo temas como ancestralidade, sexualidade, amor, violência e outros.

No livro *O legado do blues no feminismo negro*, a filósofa Angela Davis trata sobre o legado do trabalho de grandes compositoras e intérpretes do *blues* para a luta feminista negra. A autora aponta a importância de demonstrar que o feminismo negro não se faz apenas através dos livros. Essa luta ocorre em diferentes tradições e a arte também é uma importante forma de resistência do povo negro, como o *blues* que traz a marca da oralidade e a resistência do povo escravizado:

Um livro como o *Legados do Blues e o Feminismo Negro* não irá tornar popular o feminismo nas comunidades negras. No entanto, espero que demonstre que existem várias tradições feministas afro-americanas. Espero que demonstre que as tradições feministas não são apenas escritas, mas são orais também, e que essas oralidades revelam não apenas traços afro-americanos reescritos, mas também o gênio com o qual antigos escravos forjaram novas tradições que simultaneamente contestavam o seu passado escravo e ainda assim preservavam algumas das tradições dos ricos produtos culturais da escravidão. Segundo o crítico cultural Stuart Hall, a cultura popular negra. (DAVIS, 1998, p. 11).

Considerando a arte e a oralidade como importantes armas para a luta das mulheres, ao mesmo tempo, produtora de conhecimento, de expressão e propagadora das

vozes das feministas negras, será analisado a participação dessas mulheres na competição de poesia slam na cidade de Juiz de Fora a partir de agora.

1.3. Vivências que se transformam em lutas

Nessa parte do texto, tratarei de forma mais específica sobre as poetisas¹² que participam de competição de slam e eventos de poesia na cidade de Juiz de Fora. Será realizada uma análise das poesias com base na teoria feminista negra e interseccional, buscando identificar a luta feminina existente na arte dessas mulheres. Para isso, será necessário conhecer as poetisas que serão analisadas e compreender suas vivências.

Meu interesse pela temática do slam surgiu em 2019, quando era professora em um cursinho popular da Prefeitura de Juiz de Fora. Nesse período, tive alguns alunos/as que participavam da cena, comecei a frequentar algumas competições e percebi ali um rico material antropológico para ser investigado. A pesquisa iniciou em 2021 para a dissertação de mestrado, nesse período em que, por decorrência da pandemia, os slams estavam ocorrendo todos virtualmente.

Meu primeiro contato com as poetisas foi realizado em julho de 2022 através das redes sociais. No primeiro momento, todas se mostraram interessadas pela pesquisa e dispostas a contribuir. No entanto, logo algumas dificuldades de comunicação começaram a aparecer. Algumas poetisas não respondiam ou demoravam muito para responder minhas mensagens, quando participavam de eventos, não me avisavam que estavam participando. Acredito que essas questões podem ter ocorrido por diversos motivos. Primeiro, que essas mulheres vivenciam um acúmulo de tarefas, têm suas vidas divididas entre carreira artística, trabalhos e estudo, daí a dificuldade para responder às mensagens. Outra questão foi a dificuldade de compreensão da metodologia da pesquisa: essas artistas já estão acostumadas a serem chamadas para participarem de pesquisas acadêmicas, que em muitos casos são feitas apenas por meio de entrevistas. Ter uma pesquisadora lhe acompanhando a todo momento foi uma experiência nova para essas poetisas, e isso se

¹² Optei por utilizar o termo poeta e não poetisa a partir de uma sugestão colocada por uma das poetisas que acompanhei durante a pesquisa. Por muito tempo a palavra poetisa foi utilizada como sendo o feminino de poeta, no entanto, a palavra é vista de forma pejorativa por remeter à inferiorização da literatura produzida por mulheres. Além disso, algumas escritoras reivindicam que a palavra poeta é feminina, por isso seria contraditório utilizar outra palavra para se referir a mulheres que escrevem poesias.

juntou a questões já conhecidas da antropologia em torno das dificuldades que antropólogos e antropólogas passam até serem de fato inseridos no campo estudado.

Existe também um agravante característico da cultura do slam que é ser contra o que é hegemônico e o que vem da academia. A própria história da modalidade traz essa questão quando o slam nasce em bairro de operários, justamente para ser contrário à escrita acadêmica e das elites. Essa questão pode ser encontrada na fala da Laura Conceição ao contar o porquê decidiu fazer mestrado para estudar o slam, “estava cansada dos ‘boy’ sempre vim estudar a gente”¹³. Acredito que essa minha dificuldade poderia ter sido mais agravada se não fosse o fato de minhas experiências também serem marcadas pelas interseccionalidades. O fato de ser uma mulher negra, periférica, lésbica e da classe trabalhadora facilitou o meu contato com as minhas interlocutoras. No entanto, é necessário destacar que ao longo da pesquisa, com a minha maior aproximação do grupo essas questões foram superadas.

As dificuldades de comunicação e inserção no campo trouxeram a necessidade de repensar minha abordagem, e nesse sentido as redes sociais foram de grande importância para a continuidade do trabalho. Comecei a acompanhar páginas de slam da cidade para saber quais eventos teriam, e buscava saber se minhas interlocutoras iriam participar. Com isso, consegui começar gradualmente a acompanhar melhor o trabalho das poetas. Ao longo da pesquisa, as dificuldades de comunicação foram desaparecendo. Além da observação participante, também foram realizadas entrevistas que possibilitaram conhecer melhor minhas interlocutoras.

1.3.1. Sophia Bispo

Sophia Bispo é uma jovem que, no início da pesquisa, estava com dezessete anos. Negra, moradora de periferia, e recém-ingressada no curso de Jornalismo. Ela é participante do coletivo de poetas negros e negras *Sararau Crioulos*¹⁴, além de também participar de outros movimentos artísticos na cidade.

Sophia não se identifica apenas como poeta, sua história nas artes iniciou desde quando era pequena através da dança, e já fez teatro e capoeira. Segundo a artista, esta

¹³ Entrevista concedida por Laura Conceição. Entrevista 1. [fev 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

¹⁴ Coletivo formado por poetas negros/as, destacando a poesia marginal e a cultura de periferia na cidade de Juiz de Fora.

última foi importante para a formação da sua identidade enquanto uma mulher negra e na construção de quem ela é atualmente.

Sophia se considera uma multiartista, pois não gosta de se sentir presa a apenas uma forma de expressão, está sempre buscando fazer algo novo. Ela também gosta da área do audiovisual e já trabalhou na produção de um filme¹⁵, além de se aventurar na produção cultural. O slam entra em sua vida em 2019. Sophia se interessou muito pela arte de escrever e performar poesia, mas nunca havia participado de uma competição. Incentivada por seu mestre de capoeira, a menina participou da sua primeira competição. A partir de então, se tornou *slammer*, levou a poesia para sua escola e se envolveu cada vez mais na cena, participando de slam interescolares.

Em 2021, Sophia foi a campeã do slam *Batalha da Ágora* em Juiz de Fora e representou a competição no *Slam MG*, ficando entre os três primeiros colocados e tendo representado o estado no *Slam BR*. Segundo a artista, tudo o que está nos seus versos é reflexo da sua realidade como uma mulher negra e periférica. Suas vivências nas outras artes também colaboram para a criação das suas poesias. A poeta busca transmitir ao público tudo aquilo que faz parte do que ela é.

Sophia reconhece a importância do feminismo, mas não se sente representada pelo movimento e suas teorias. Segundo a poeta, ela conviveu com o feminismo por ser criada por sua avó e sempre ter convivido com mulheres fortes. Na sua adolescência, quando ouviu falar sobre o feminismo, passou a se considerar feminista, pelo movimento, mas nunca buscou se aprofundar na teoria. Isso foi algo que ela nunca teve interesse. Ela acredita que até hoje não tem o aprofundamento teórico necessário para falar sobre essa questão, mas diz que a sua luta feminina vem das suas vivências e nas das pessoas que lhe cercam. Assim, é por entre essas experiências que aprende e que vive o seu feminismo, que segundo ela deve acontecer na prática. A artista não acredita que os feminismos possam atender todas as suas demandas enquanto mulher. Na entrevista, destacou a importância do feminismo negro, mas também o considera distante da sua realidade. Ela diz que é muito “raso dizer que todo mundo tem que ser feminista”, sem identificar as raízes de diferentes questões que geram todas as opressões. A poeta acrescenta a seguinte questão:

¹⁵ Em 2022, Sophia escreveu, produziu e atuou no curta “A morada”, juntamente com os seus amigos. Filme disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=FttD08DzubE&t=5s>>. Acesso em: 13 mar 2023.

É preciso questionar em qual lugar o feminismo está chegando? Em qual lugar ele não está chegando? Como ele é diferente para cada tipo de pessoa? E como que a juventude vai se interessar de fato nisso? Porque falar por falar, todo mundo fala, mas olhar na prática mesmo eu acho meio difícil. (BISPO, 2023).¹⁶

Por esse motivo, a poeta afirma que seus poemas trazem diversas temáticas, e que se inspira em sua identidade, nas ancestralidades negras, no seu cotidiano, na convivência com familiares e amigos, nas questões que estão acontecendo na sociedade, na história e na política do Brasil. Dentro disso, busca se expressar sobre ser mulher preta e as opressões que essas mulheres vivem. Sophia afirma que se sente cansada com as expectativas criadas dentro do slam de que poetas mulheres sempre devem falar sobre questões feministas. Ela afirma que as suas vivências não se resumem a isso e que, portanto, visa falar sobre qualquer tema.

1.3.2. Tay

Tayná, conhecida na cena de poesia da cidade como Tay, tem vinte e dois anos. É uma mulher negra e periférica, moradora do bairro São Damião, localizado na Zona Norte de Juiz de Fora. Tay cursa faculdade de serviço social e trabalha com telemarketing. Tay se considera uma poeta marginal por utilizar a sua arte como forma de expressão de quem vem da periferia. Em 2020, a poeta foi campeã do slam *Batalha da Ágora*, representou a competição no *Slam MG* e se classificou para representar o estado no *Slam BR*. Suas poesias falam da realidade sofrida pelo povo negro, marcada por violências, repressão, exclusão e falta de oportunidade.

Diferente das outras poetas que fazem parte da pesquisa, Tay não pratica outras formas de arte, sua manifestação artística se concentra na poesia. Começou a participar de slam em 2018, quando tinha dezessete anos. Até então gostava de escrever, mas não sabia que aquilo era considerado arte. Sempre escreveu poesias de denúncia inspiradas pelas letras de *rap* que ouvia. Colocava no papel tudo que observava ao seu redor, mas não reconhecia isso como poesia. Quando foi convidada pela primeira vez para um slam, descobriu que o que fazia era poesia marginal, a partir de então percebeu que aquilo era a sua vida e que era o que queria fazer.

¹⁶ Entrevista concedida por Sophia Bispo. Entrevista 1. [fev 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

Seu contato com a poesia iniciou na escola. A poeta fazia parte do grêmio estudantil e o grupo organizou uma roda cultural com poesia na escola com batalha de rima, nomes importantes da cidade foram convidados. A poeta conta que nessa época os próprios poetas se chamavam de *MC's* por ainda não conhecerem a cultura da poesia. Eles ainda não sabiam o que eram os slams e sarais. A partir da roda cultural que teve na sua escola, a poeta, juntamente com outros que estavam ali, começaram a ser chamados para se apresentarem em outras escolas. Com isso, ela começou a se inserir na cena, a participar de sarais e slams, e começou a fazer parte do coletivo *Sararau Crioulos*, sendo onde ela está até hoje e se sente acolhida.

A poesia para a poeta, é uma forma de falar o que está sentindo. Trata-se de uma forma de expressar as coisas que ela observa pelo mundo, coisas que acontecem principalmente com as mulheres, com pessoas próximas a ela e que cresceram no seu convívio. Na poesia, ela coloca todas as vivências que cruzam a sua rotina, por esse motivo considera sua poesia como uma forma de denunciar todas as opressões vivenciadas na nossa sociedade: racismo, machismo, violência doméstica, a realidade da mulher preta são temáticas que estão sempre presentes em suas letras para expressar tudo que está ao seu redor. Além de suas vivências e da realidade do seu povo, a sua arte também se inspira fortemente no *rap* e em todos os elementos da cultura *Hip Hop*, que assim como a poesia falada, também é uma arma contra as opressões sociais.

Sobre o feminismo, a poeta não participa diretamente de nenhum grupo, mesmo assim se considera feminista, e acredita que esse é um movimento legítimo e importante, e está sempre buscando mais conhecimento sobre a temática. A poeta afirma que não se posiciona de forma contrária ao movimento, mas faz suas críticas à forma como ele acontece e ao fato de invisibilizar muitas mulheres. Ela afirma que: “A gente sabe que a origem desse movimento, infelizmente, não é voltada à todas as mulheres, né”¹⁷.

A poeta considera que, em muitos casos, o feminismo não é voltado para todas as mulheres, muitas vezes o feminismo não representa as mulheres negras. Segundo ela, isso já melhorou muito, mas o recorte de raça ainda não é muito presente no movimento. A poeta destaca que é importante sempre lembrar que as vivências das mulheres negras e das mulheres brancas se diferem, por isso pensar um recorte de raça é de extrema importância. É necessário analisar as coisas dentro da ótica racial, em muitos momentos

¹⁷ Entrevista concedida por Tay. Entrevista 1. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

as questões das mulheres negras não são levantadas. Tay também afirma que o feminismo hegemônico costuma demonizar o homem negro, colocando-o no papel de opressor das mulheres, sem considerar as questões raciais que também colocam esse homem no espaço de opressão. Por esses motivos, a poeta não participa de nenhum grupo feminista. Ela já participou do coletivo de mulheres *Olga Benário*, mas hoje não participa de mais nenhum. Ela sente falta em Juiz de Fora de um movimento de mulheres negras, pois acredita que para a luta feminista ser efetiva é importante debater as questões raciais.

Tay afirma que o seu feminismo e toda sua militância se fazem através da poesia, é pela sua rima que a poeta faz suas denúncias e reivindicações. A poeta também afirma que o seu feminismo se inspira em mulheres do seu cotidiano, como sua mãe Wanderléa, que sempre foi empregada doméstica e lutou muito para dar uma educação de qualidade para suas filhas. Além de sua mãe, sua irmã, suas tias e primas, são essas mulheres que inspiram a arte e as lutas da poeta.

1.3.3. Laura Conceição

Em conversa com Laura Conceição, ela me diz que já fazia poesia desde a infância graças às influências familiares, musicais e incentivos vindos da escola. Logo cedo, começou a se interessar pela cena do *rap* e a produzir poemas em forma de música dentro deste estilo. Em 2017, conheceu o slam, se identificou com a cena devido à proximidade com o *rap* e encontrou nessa modalidade mais uma forma de expressar sua arte. No mesmo ano, a poeta participou do *Slam de Perifa*, o primeiro slam da cidade de Juiz de Fora, organizado pelo coletivo de artistas *Vozes da Rua*, localizado no bairro Santa Cândida, na periferia da cidade.

Laura ganhou a competição e foi representar a cidade no *Slam MG*, na qual foi classificada para representar o estado no *Slam BR*. Nela, a poeta chegou na final e ficou colocada em terceiro lugar. A partir de então, Laura passou a se dedicar mais a essa arte, participando de slams, coletivos, trabalhando como arte-educadora através do projeto *Poesia nas Escolas*, onde diversos poetas se juntam para irem às escolas apresentarem suas poesias e incentivar os alunos a se expressarem por meio dessa arte. Hoje, além de ser poeta, *MC* e arte educadora, Laura é pesquisadora do slam, cursou mestrado em educação, onde desenvolveu pesquisa sobre as possibilidades do slam nas escolas.

Por ser uma mulher lésbica, Laura traz em suas poesias rimas que refletem todas essas vivências da sexualidade. Por esse motivo, questões sobre o feminismo estão

sempre presentes no seu trabalho. A poeta afirma que a luta feminista foi importante para a sua formação e visão de mundo. Sendo uma mulher branca, filha de professores e que sempre teve acesso a uma boa educação, Laura acredita que a partir do feminismo foi possível reconhecer os seus privilégios.

Laura Conceição é filha de um casal inter-racial, mãe branca e pai negro, e por mais que as questões raciais também perpassam as suas vivências, ela se considera uma mulher branca. Tendo em vista as questões raciais que envolvem todo o trabalho, é importante justificar a participação de uma mulher branca na pesquisa. O trabalho tem como intuito estudar as questões de gênero, raça e classe a partir do slam, utilizando as teorias da interseccionalidade como método de análise. Sendo assim, não se limitará a falar apenas sobre mulheres negras, mas sim sobre mulheres que têm suas vivências marcadas pelas intersecções das opressões sociais. Laura Conceição é uma mulher que reconhece e questiona os seus privilégios, e com base nesse reconhecimento ela utiliza a sua arte para lutar contra qualquer situação de opressão. Em conversa que tivemos, Laura me afirmou que:

Eu acho que, o que eu sofro na sociedade não é mesmo o que a Sophia sofre. E como eu posso contribuir para fortalecer ela também dentro dos meus privilégios, sejam eles quais forem? Acho que o feminismo me ensinou muito isso... (CONCEIÇÃO, 2023).¹⁸

Segundo a poeta, o seu feminismo veio de casa, por viver em uma família chefiada por mulheres, e por enxergar a importância dessas mulheres na sua vivência. Partindo desse ponto, ela conseguiu compreender a importância do movimento feminista e pôde utilizar essas questões na sua arte. Laura me conta que tem consciência de que, se ela, enquanto uma mulher lésbica, hoje pode andar de mãos dadas com sua namorada na rua, é porque muitas outras antes dela não puderam e lutaram por isso. Se ela hoje pode se expressar sobre qualquer tipo de tema em suas poesias, é porque mulheres antes dela foram impedidas de falar e lutaram contra esse silenciamento. Por isso, ela acredita na importância de levantar essas questões na sua arte.

No entanto, a artista entende que faz parte de seu ativismo feminino também não ter que sempre fazer poesias feministas, já que por muito tempo a sua arte foi estritamente feminista. Com o passar do tempo, Laura começou a perceber que ela estava sendo

¹⁸ Entrevista concedida por Laura Conceição. Entrevista 1. [fev 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

“encaixada em uma caixinha”, tendo que escrever sempre sobre esse tema. Segundo ela, os homens fazem poesias sobre o que eles querem, por isso passou a se questionar o porquê de o público sempre esperar que mulheres falem sobre questões da luta feminina. Então, a poeta acredita que faz parte da sua luta feminista abordar as mais diferentes temáticas nos seus textos, mas as questões femininas estarão sempre presentes também, por fazerem parte da sua realidade.

Em relação às teorias feministas, Laura destaca que “essas teorias são de total importância para as conquistas que nós mulheres tivemos”, mas realiza críticas ao feminismo hegemônico e acadêmico. Laura acredita que o seu feminismo vem do seu envolvimento com o movimento poético e que suas inspirações vêm de mulheres que estão na cena com ela.

Conhecendo melhor as poetisas, é possível compreender suas poesias, a inspiração para a sua arte e o uso político delas. Na parte que se segue no texto, trarei as poesias das três poetisas e farei uma análise do conteúdo transmitido.

1.4. Poemas de slam, um reflexo da realidade

Cada poeta no slam tem sua característica única, isso porque, ao escrever e performar uma poesia, elas e eles estão expondo suas realidades, tratando sobre suas dores e revoltas, trazendo um pouco de si para a arte. Das três poetisas analisadas no trabalho, cada uma demonstra o seu jeito único de se expressar em sua arte. As temáticas trazidas por cada poeta também carregam a sua individualidade, por mais que alguns temas se repitam nas poesias, como a questão de intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade. Cada uma tem sua forma de vivenciar essas questões e de expressar essas vivências de formas diferentes em suas poesias.

Trabalharei com as temáticas abordadas pelas poetisas a partir de agora, fazendo uma análise com base nas teorias do feminismo negro. Relacionando vivências de mulheres que perpassam por tantas esferas de opressões e que usam sua poesia como arma contra esse sistema. Para a análise, foram escolhidas poesias retiradas de vídeos da internet, competições virtuais, livros, publicação em rede social e cedidas pelas próprias poetisas.

Começarei falando sobre os poemas da poeta Tay, uma mulher negra, marcada pela relação entre as opressões de gênero e raça. Tay aborda em suas poesias principalmente as realidades vividas por pessoas que vivem em periferias. Fatores

relacionados com violência, tráfico de drogas, falta de oportunidades, violência policial, fome e pobreza são sempre recorrentes nos seus poemas, demonstrando que tudo isso é fruto de um sistema estruturado sobre o racismo, que coloca pessoas negras em lugares desvalorizados da sociedade.

Toda realidade presente nas suas poesias é atravessada pelas questões de gênero. Seus poemas demonstram como as mulheres são prejudicadas pelas desigualdades e abordam questões como criminalização do aborto, estupro, abandono parental, violência contra os corpos femininos e tantas outras questões que afetam principalmente mulheres negras. Nos versos seguintes, a poeta fala sobre a realidade de quem vive nas periferias:

O dedo que aperta o gatilho não sente
A dor da alma que a bala transcende
Nem tente!
Nem quiseram saber se ele era inocente...
Pior que era
Mas o cara que apertou o gatilho se achava mais inteligente
Joga na vala como indigente
Assim disse aquele PM
Que já havia feito isso várias vezes
Com outros da mesma “gente”
Me entende?
Não?
Nem eu!
Mas essa é a realidade que vocês me deu (TAY)

O poema mostra um relato, que não necessariamente precisa ser o relato verídico de alguma história que aconteceu com Tay ou com alguém próximo a ela. Nesse momento, a poeta deixa de falar de sua realidade para falar sobre uma triste realidade do nosso país, a letalidade policial, que afeta principalmente jovens negros e de periferia. Segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, publicado em 2022, o número de mortes causadas pela polícia no Brasil sofreu uma queda nos últimos anos, mas ainda assim a polícia do país continua sendo uma das mais violentas. Segundo o levantamento:

Embora esta redução mereça ser celebrada, elevadas taxas de mortalidade por ações policiais permanecem em vários estados, indicando que abusos e execuções permanecem como prática de algumas instituições policiais, misturando-se a casos de uso legítimo da força. O caso que mais chama a atenção é do estado do Amapá, a polícia mais violenta do país, onde a taxa de pessoas mortas pela polícia chegou a 17,1 por grupo de 100 mil habitantes, quase 6 vezes a média nacional de 2,9 por 100 mil. É importante destacar que esta taxa é a maior já verificada desde que monitoramos o fenômeno nacionalmente, e mesmo em países com forte tradição autoritária e cujas polícias tendem

a ser violentas não se tem notícias de padrão de uso da força similar. Na Venezuela, por exemplo, que há anos convive com um governo autoritário, a taxa de mortalidade por intervenções policiais foi de 16,6 por 100 mil habitantes em 2018, e a Jamaica registrou taxa de 5,02 no mesmo ano. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2022.).

Ainda conforme a pesquisa, a maioria das vítimas dessa violência são homens. 74% deles são jovens e têm até 29 anos. 84,1% dessas vítimas são pessoas negras, e esse percentual teve um aumento de 5,8% no levantamento feito em 2021. Portanto, as pessoas mais atingidas pela violência policial no Brasil são pessoas iguais a Tay, jovens como seu namorado, seus parentes, amigos, vizinhos, pessoas com as quais ela convive diariamente. Sendo assim, essa realidade passa a ser a da poeta também e é expressa em sua poesia.

Nos versos que seguem, a poeta se coloca como a voz daqueles que sofrem por essa opressão. “Eu sou o presente/ Reflexo do passado que vocês me deixaram/ Eu sou o grito de justiça daquele que vocês mataram...”. Se colocando como uma sobrevivente dessa injustiça, a poeta usa a sua arte para fazer cobrança ao Estado e pedir justiça por esses assassinatos.

A violência do Estado não está presente apenas na ação direta da polícia, ela se apresenta nas leis, nos espaços ocupados, nas moralidades impostas e no controle dos corpos. Tay questiona as leis do nosso país, se posicionando sobre as injustiças sofridas pelas mulheres ao citar o caso de Mariana Ferrer:

Isso é Brasil, 2021, não tem como explicar
Que a mina foi violentada e o estuprador?
“Não teve a intenção de estuprar” ...
Excelentíssimo, exigimos respeito ao nosso corpo
Num país onde o aborto é ilegal, mas o estupro... CULPOSO. (TAY)

Mariana Ferrer é uma jovem influencer que, em 2018, acusou o empresário André de Camargo Aranha de tê-la estuprado. A jovem conta que estava trabalhando em uma festa em uma boate de André e foi dopada e estuprada por ele. Na época, ela tinha 21 anos e era virgem. O caso ficou famoso pelas falhas e injustiças que foram cometidas durante o julgamento. Em 2020, o acusado já havia sido absolvido em primeira instância sob a alegação de falta de provas de crime. Em 2021, André foi novamente absolvido a partir do princípio do *in dubio pro reo*, para condenar é preciso ter certeza e, neste caso, "só" tinham os relatos da vítima e da mãe dela, mas não provas da materialidade e autoria. O

argumento utilizado foi que a instrução processual havia demonstrado não haver provas de que Mariana estava dopada, e que Aranha não tinha como saber se ela estava ou não capaz de consentir a relação sexual. O caso causou muita revolta e trouxe questionamentos sobre como o Estado trata as mulheres, transformando a vítima em culpada pela violência por ela sofrida. A expressão "estupro culposo" foi disseminada e usada nas mídias como forma de manifestação da população contra a decisão do juiz.

Tay termina sua poesia com um tom de indignação por todas essas injustiças cometidas em nossa sociedade. Ela diz: “Porque quando é nois que grita a justiça fica surda/ Só enxerga o que quer... Mas nunca muda.”. A poeta faz uma crítica à justiça por não proteger pessoas como ela, mulher, negra e periférica, privilegiando sempre os homens brancos e ricos. Sua indignação faz com que ela se mostre incrédula com a ação da justiça. Esse tom de inconformidade e descrença com as instituições sociais é recorrente no slam, muitas/os poetas tratam sobre isso por estarem nas esferas marginalizadas da sociedade e não terem os seus direitos protegidos. Pelo contrário, muitas vezes elas/eles são até mesmo perseguidos/as pelo próprio Estado.

Tay é uma mulher preta que conseguiu chegar à universidade e reconhece a importância social desse feito, mas também reconhece a dificuldade que é para pessoas como ela entrar e permanecerem em uma universidade pública. Em uma live na página do *Instagram* do coletivo *Sararau Crioulos*, do qual a poeta faz parte, ela conta como teve dificuldade para se sentir de fato inserida no ambiente universitário. Ela afirma que, por ter estudado em escola pública, não se sentia muito capaz de acompanhar o desempenho de seus colegas que pareciam ter mais conhecimentos do que ela, por terem estudado em escola de maior qualidade e terem tido mais oportunidades. Também se sentia mal por ser uma das poucas pessoas negras da sua turma. Ela acreditava que, por ser uma universidade pública, que contava com políticas de cota, essa realidade seria diferente. No entanto, não foi o que encontrou, por muito tempo se sentiu sozinha nesse espaço, pois sentia falta de pessoas que compartilhavam a mesma vivência que ela, como negra e moradora da periferia.

Muitas vezes, as/os jovens negros não se sentem pertencentes ao ambiente universitário e isso é resultado de um racismo estrutural que por muito tempo negou esses espaços para essas pessoas. Historicamente, as universidades são espaços ocupados por pessoas da elite, e em sua maioria brancas, enquanto pessoas negras e pobres ocupam espaços subjugados como periferias, presídios e tantos outros. Ao falar dessa face do racismo, a música “*A carne*”, interpretada pela cantora Elza Soares, aponta que: “A carne

mais barata do mercado é a carne negra”, e ainda completa, “Que vai de graça pro presídio/ E para debaixo do plástico/ Que vai de graça pro subemprego/ E pros hospitais psiquiátricos”. Assim como Elza, Tay também denuncia a estrutura racista em suas poesias, demonstrando as características cruéis de exclusão que essa estrutura pode criar. Em seu poema que a levou para a final do *Slam MG* de 2020, a poeta traz os seguintes versos.

“Poxa, a Tay só fala de preconceito
 No Brasil, nem existe desigualdade”.
 Hipócritas!
 Olha a merda da nossa sociedade
 Olha dentro do presídio e de uma universidade
 Olha lá, e por alto, faça uma contagem
 Quantos pretos estão na cadeia e quantos tão na faculdade
 Ah, mas isso é questão de escolha
 Então me diga quantos lá tiveram oportunidade
 Criados no meio da comunidade
 Quatro irmão, mãe solteira
 Entrar pro crime não foi questão de escolha
 Mas foi brincadeira de criança com fome
 Virando avião aos 12 (TAY)

A poeta mostra em seus versos o reflexo de um racismo estrutural característico do Brasil. Primeiro pela crença de que no país não existe discriminação racial. Isso ocorre graças ao imaginário da democracia racial, pela qual se acredita que a mestiçagem teria acabado com a distinção de raça no país e que por isso a discriminação racial não existe no Brasil, pois negros, brancos e indígenas vivem em um estado de democracia, desfrutando as mesmas oportunidades. Essa ideia foi defendida durante muito tempo por alguns pensadores, como Gilberto Freyre (1933) em seu livro *Casa Grande e Senzala*, sendo propagada em toda a sociedade. Durante um tempo, essa visão se tornou símbolo da identidade nacional e motivo de orgulho para a nação.

No entanto, a realidade é que a democracia racial nunca existiu de fato, pessoas não brancas são diariamente discriminadas e excluídas no país. Por isso, muitos pensadores e movimentos sociais afirmam que essa ideia, na verdade, é um mito, pois o Brasil é um país marcado pela discriminação social na sua estrutura. O autor negro brasileiro Abdias do Nascimento (1978) afirma que o mito da democracia racial deve ser entendido como uma metáfora perfeita para compreender o racismo ao modo brasileiro (NASCIMENTO, 1978). Que não é tão escancarado como o racismo que ocorre nos Estados Unidos, e nem é legalizado como aconteceu no período do *Apartheid* na África

do Sul. Segundo o autor, no Brasil, o racismo é eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo, assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (NASCIMENTO, 1978). A discriminação racial no país é tão sofisticada que permite a existência de um mito que diz que o racismo não existe e que todas as raças convivem de forma democrática.

A poesia demonstra como o preconceito racial afasta o jovem negro das possibilidades de um futuro promissor, afastando-lhes de escola, cultura, lazer, delimitando seus espaços e seus potenciais, e em alguns casos acabam levando esses jovens para a criminalidade. Em seu livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, Lélia Gonzalez demonstra que o racismo na América Latina tem suas características próprias. Ele não é um preconceito objetivo que discrimina as pessoas por meio de ações simples. Esse racismo é sofisticado, criando estruturas que mantêm pessoas negras em posições de subordinação, quebrando com suas possibilidades de crescimento, diminuindo suas potencialidades, apagando sua história e desvalorizando tudo que faz parte de sua cultura.

“Ah! Mas o tempo passou
Muita coisa avançou”
Não. Apenas um povo que era antes oprimido, hoje se posicionou
A gente evoluiu, mas o sistema ainda não mudou
Ele ainda é racista, burguês e desigual
Seja você branco, preto azul
Se você não tiver dinheiro
Aqui você não tem moral (TAY)

A poeta conclui dizendo que “o povo que antes era oprimido hoje se posicionou”. Essa questão parte do reconhecimento das pessoas negras, da sua história, das suas potencialidades, das opressões vividas e da necessidade de transformação, de erguer a voz e ocupar espaços, como a própria poeta faz ao ocupar o espaço universitário. No entanto, o poema mostra que, por mais que existam pessoas que estejam quebrando essas barreiras, o sistema ainda reproduz essa lógica de dominação e ela usa a sua arte para fazer essa denúncia.

Os poemas da Tay também trazem seu posicionamento enquanto mulher negra e periférica perante as atualidades e as questões políticas do nosso país. Em um dos seus poemas, ela faz uma crítica ao bolsonarismo:

Escravocratas fantasiados de bolsominions
Loucos, alucinados, gritando “o fascista é mito”
E eu não minto quando eu digo

Que a solução da nação
 É a nossa juventude clamando por revolução
 Por um povo que padece sem voz e educação
 Reclamam do governo, se vendem na eleição
 Não veem o voto como direito, mas só uma obrigação
 Nós somos geração de luz fugindo do perigo das trevas
 Manchando com sangue preto essa sua aquarela
 Mostrando a realidade a violência da favela (TAY)

O bolsonarismo faz parte de uma onda política de avanço do conservadorismo que se espalhou por diversas partes do mundo. Tal tendência se caracteriza como um fenômeno de ascensão da extrema-direita conservadora, que no caso do Brasil é marcado pela popularização de Jair Messias Bolsonaro e suas ideias, que se potencializaram com sua eleição em 2018. Essa ideologia parte de uma base de moral cristã conservadora que limita as liberdades dos indivíduos, impondo regras sobre as mulheres e discriminando qualquer forma de diversidade de sexualidade e de gênero. No campo político e econômico, essa ideologia segue o liberalismo, corrente que acredita na liberdade econômica e na diminuição da ação do estado sobre a economia. Com isso, programas sociais foram diminuídos, verbas para a educação cortadas, leis trabalhistas também cortadas, diminuição de emprego, crise econômica e aumento da desigualdade social foram alguns fatores negativos dessa política. Além disso, essa corrente ideológica também parte de uma base elitista e racista, aumentando a discriminação social e a exclusão dos jovens das periferias.

Todas essas questões afetam diretamente tudo aquilo que a poeta é e vivência, passando pela sua experiência enquanto mulher, negra, jovem, periférica, estudante e da classe trabalhadora. Por esse motivo, a necessidade de fazer essa denúncia e clamar por revolução, chamando a atenção do público para a importância do voto e da consciência na hora de votar, dando voz à favela para o combate a essa ideologia. A poeta também coloca no texto a sua posição enquanto mulher contra essa ideologia, gritando por sua liberdade de se comportar, vestir e se expor como quiser. Demonstrando que não aceita ficar calada perante esse sistema de opressão, e mandando o recado de que essas ideologias não terão vez em nossa sociedade.

Eu uso a roupa que eu quiser
 Aprende a me respeitar, porque eu não vou ficar calada
 Machista não passará
 Fascista não passará
 Racista não vai passar
 Meu lugar não é na cozinha

Eu sei bem o meu lugar
 Eu não vou ficar calada
 Cês vão ter que me aguentar (TAY)

A realidade da mulher negra e periférica é tema recorrente dos poemas de Tay, realidades estas que se repetem na vida de muitas jovens. Na poesia que será analisada, a poeta usa a influência do *rap* para contar uma história que representa tantas mulheres iguais a ela. O poema se inicia com as rimas retiradas de uma música do grupo de *rap* chamado *Ao Cubo*, que diz:

Toda princesa um dia, vai se tornar rainha, mas
 O tempo passa, o sonho acaba, só não pode olhar pra trás (AO CUBO, 2007).

Nesse poema, Tay trabalha com a ideia de personagens. A música se chama Cinderela, nome da princesa dos contos de fadas, que era oprimida por sua madrasta, mas é salva por um príncipe encantado que se casa com ele e os dois vivem felizes para sempre. Na música citada pela poeta, é feito o contraponto entre conto de fadas e as histórias reais de tantas mulheres marcadas por abusos, opressões, machismo e violências. Tay em sua poesia, também faz esse contraponto, destacando a realidade de mulheres que, além de carregarem as opressões de gênero, também são marcadas pelas mazelas da pobreza. Para contar essa história, a poeta utiliza um personagem comum, que é a Maria.

Me diziam, “homem não chora”
 Eu só não entendia os porque
 Quando via o meu pai chorando
 Por que ele me viu chorando
 Com dois dias sem comer
 O pedreiro sem serviço
 Que já se alimentou do lixo
 Não aguentou
 Abandonou a família
 Dona Maria e suas três filhas
 A empregada
 Não tinha nada
 E ainda era uma mulher (TAY)

Maria é um personagem que está presente em diferentes expressões artísticas para representar a imagem da mulher brasileira. Segundo pesquisa do IBGE, Maria é o nome

próprio mais comum do Brasil¹⁹, e esse nome representa a mulher marcada por questões de raça, classe, regionalidade e tantas outras opressões. No slam, é comum a presença da personagem Dona Maria, que representa a mulher da periferia marcada por tantas dores, fazendo referências a mães, avós, tias, parentes, vizinhas e amigas dos e das poetas. No poema, Maria representa a realidade de tantas mulheres, marcada pela pobreza e pela fome, foi abandonada pelo marido, teve que criar seus filhos sozinha, sendo empregada doméstica, com uma vivência marcada pelas questões de gênero e classe social. Tay continua essa história, mostrando ainda mais sobre a realidade de muitas mulheres:

Meu príncipe encantado
 Meu eterno namorado
 Que jurava amor eterno
 E que nunca ia me abandonar
 Na hora de dar à luz, ele já não estava lá (TAY)

A história de Maria se estende para a realidade de sua filha, que assim como a mãe, também tem sua vida marcada por suas dores. O sistema de opressão caracterizado pela estrutura racista, machista e de desigualdade social faz com que as histórias se repitam, colocando esses indivíduos sempre na posição de subordinação e de vítimas desse sistema. Na história contada no poema, mais uma vez a vida real se distancia do conto de fadas. A menina de quinze anos engravida e é abandonada pelo pai da criança, aquele que ela amava e esperava viver uma bela história de amor. No entanto, mais uma vez o sistema de opressão machista refletiu sobre a mulher que teve que criar sozinha o seu filho.

Na luta, não estou sozinha
 Só lá de onde eu vim, Maria tem mais de 100
 Nos interrompem para brincar de bonecas vivas
 Sem ajuda de família nem ajuda de ninguém
 Vida longa a Ana, Maria Carolina
 Vida longa à todas as meninas mães sozinhas
 Vida longa a todas as Marias. (TAY)

¹⁹ Pesquisa disponível em: VIEIRA, Isabela. Maria e José são os nomes mais comuns do país, revela IBGE. In: Agência Brasil. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/maria-e-jose-sao-os-nomes-mais-comuns-do-pais-revela-ibge#:~:text=Levantamento%20in%C3%A9dito%20do%20Instituto%20Brasileiro,7%20milh%C3%B5es%20de%20homens%20brasileiros>>. Acesso em: 13 mar 2013.

Mesmo com essa realidade se repetindo, o poema da Tay mostra que essas mulheres não estão sozinhas, são muitas as Marias que fazem do seu cotidiano suas lutas, e os seus poemas são feitos para essas mulheres.

Maria também é um personagem na poesia da poeta Sophia Bispo, dessa vez a mulher é uma mãe negra que vivencia as dores e os medos de ser mãe de um jovem negro e periférico em um país onde esses jovens são diariamente assassinados. A vida de Maria trazida por Sophia também perpassa por todas as questões de desigualdade de gênero, raça e classe:

Se Maria fosse uma cor
Ela seria vermelho sangue
Acho que ela não percebeu como era exuberante
Sua beleza irradiava qualquer lugar por onde ela passasse
Ela pintava um sorriso até na mais triste face
Tinha consigo um coração sincero, mas não puro
Isso era impossível para alguém que vivia no lugar onde ela nasceu
A tristeza e a miséria pairavam sobre a sua comunidade
Sendo essa sua triste realidade (SOPHIA BISPO)

Ao afirmar que, se “Maria fosse uma cor, ela seria vermelho sangue”, a poeta fala sobre a violência que atinge o povo negro. A violência é uma questão que está presente na história e no cotidiano do povo negro, herança de um sistema de escravidão que colocou esse grupo em uma posição de subalternidade e de vulnerabilidade social decorrente da desigualdade de classe que coloca essas populações nas camadas mais pobres. O racismo também colabora com essa questão por colocar os corpos negros como marginalizados e desvalorizados. Os versos de Sophia continuam falando sobre as preocupações de uma mãe negra ao criar seu filho dentro desse sistema de violência:

Quando teve o seu primeiro filho, sentiu de novo a vontade de mudar o mundo
Ela queria um ambiente seguro
Mas isso era tarefa difícil
Ainda mais por conta de sua cor
O tempo agora já era mais próximo do óbvio
Então, se entende o tamanho sofrimento do ofício de ser mãe negra
A cada esquina, ela temia pelo pior
A cada noite ela chorava só
As notícias da TV só pioravam
Morte de meninos como o seu aumentavam
E ela orava
Para que o seu não fosse o próximo (SOPHIA BISPO)

Os versos de Sophia Bispo demonstram uma das tantas dores que as heranças da escravidão trazem para as mulheres negras, retrato de violências que não são somente físicas, mas também simbólicas e psicológicas, causando adoecimento e medo para essas mulheres.

No seu aniversário ele quis sair para buscar o pão
Ela só lhe pediu para que ele tivesse cuidado com a rua
Mas ele não ouviu
Já tava longe
Não deu tempo de lhe dizer que o amava
Não deu tempo de dizer que ela o esperava
Assim como nunca dá tempo de desviar de uma bala
Agora o tempo é atual
Como o filho de Maria muitos outros morrem igual (SOPHIA BISPO)

Os versos da poeta demonstram a dura realidade vivida pelas pessoas negras que têm a morte presente no seu cotidiano. Por serem negras e periféricas, essas pessoas convivem com essa experiência e vivem com o medo de serem vítimas da necropolítica, que se caracteriza, segundo a perspectiva de Achille Mbembe (2016), como o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controlar populações, o “deixar morrer” se torna aceitável. Mas não é aceitável a todos os corpos. O corpo “matável” é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça.

Todas essas questões de violências decorrentes sobre o racismo têm maior proporção quando se trata de mulheres negras. Angela Davis (2016) nos mostra que as violências e discriminações atuais vividas pelas mulheres negras têm origem na escravidão, onde as pessoas escravizadas eram vistas apenas como seres produtores de trabalho; era tirada a sua humanidade, tratadas como mercadorias. Por isso, não existia a diferença de gênero fortemente marcada entre essas pessoas, uma vez que não importava se eram homens ou mulheres, mas sim o quanto de lucro eles traziam para seus senhores. Das mulheres negras era negada sua feminilidade, destinada apenas às mulheres brancas:

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e

donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias. (DAVIS, 2016, p. 24).

Portanto, para as mulheres negras e escravizadas era negado o direito de ser mulher, deveriam apenas ser escravas e gerar lucros. No entanto, existiam diferenças entre os escravizados homens e mulheres. A quantidade de trabalho era a mesma, mas as punições existentes entre homens e mulheres eram diferentes. As mulheres sofriam constantes abusos sexuais e estupros dos seus senhores, abusos cruéis que eram utilizados para demonstrar o poder e castigar as escravizadas. Além da violência física e sexual, esse tipo de abuso também era feito para desmoralizar as escravizadas.

Algumas mulheres tinham também o papel de reprodução do trabalho escravo. Existiam as escravizadas que eram obrigadas a engravidar constantemente para produzir mão de obra escrava. Assim que nasciam, as crianças eram tiradas das mães e vendidas, e tão logo fosse fisicamente possível, essas mulheres eram obrigadas a engravidarem novamente. Em alguns casos, as mulheres engravidavam do estupro dos seus próprios senhores e sofriam punições por isso. Existiam também as mulheres que trabalhavam dentro das casas dos senhores. Para essas, era retirada toda força, luta e indignação de mulheres que estavam sendo escravizadas, era lhes passada a imagem de pessoas dóceis e cuidadosas que viviam para servir os seus senhores.

Além da violência física, a escravidão também trouxe as violências simbólicas, a perda da ancestralidade, da memória, da identidade e da história do povo escravizado, marcos desse período que se refletem até os dias atuais. Tudo isso manteve uma estrutura de poder na qual a mulher negra é a mais excluída e discriminada.

Sophia traz em seus versos um ponto importante levantado pela luta de mulheres e homens negros: a negação da história desse povo. Na história contada sobre a população negra, apenas se fala sobre a escravidão e todas as mazelas decorrentes desse sistema, mas se nega toda história além desse período, toda cultura, toda luta e toda ancestralidade.

Segundo Lélia Gonzalez, em seu texto *Por um feminismo afro-latino-americano*, esse apagamento histórico é uma característica do sistema racista latino-americano para manter negros e indígenas na condição de subordinados e explorados, usando a ideologia do “branqueamento” que torna os valores e identidades brancas únicas e universais. Esses valores são passados por diferentes meios, tornando as culturas negras e indígenas como inferiores e criando uma negação dessas culturas. A autora afirma que:

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado com a consequente negação da própria raça e da própria cultura. (GONZALEZ, 2020, p. 46).

Portanto, para pessoas negras viverem a sua ancestralidade, reviverem a sua história e exaltarem a sua cultura, também é preciso uma forma de resistência e uma luta política que afirmem o pertencimento e a identidade desses indivíduos. Nas poesias de slam, viver a ancestralidade e reescrever a história do povo preto é uma questão importante e sempre está presente na expressão dos e dos poetas. Sophia faz isso ao escrever as seguintes palavras:

Mas a chama que queima em cada um de nós
 Nunca se apagou na verdade
 E nem poderia
 Nada fere em quem tem Ogum como guia
 Em todas as lutas somos comandantes da infantaria
 Que sustenta o insustentável
 E que doma o indomável
 Olhem pra nós
 Somos estrelas em corpos humanos
 Sob a luz dos astros nós brilhamos
 Viemos para ressignificar o significado da nossa cor
 Somos pérolas negras
 De Aruanda somos a flor
 O sangue de nossos ancestrais corre em nossas veias
 Temos ouro, sabedoria e beleza
 Tivemos impérios
 Fomos reis e não servos (SOPHIA BISPO)

Ao tratar da ancestralidade, a poeta fala sobre a beleza e a identidade do povo negro, sendo mais uma questão negada pelo racismo. A questão da identidade é um discurso importante na militância das mulheres negras. No artigo *Carta de uma ex-mulata à Judith Butler*, a antropóloga brasileira Ângela Figueiredo destaca a importância das afirmações identitárias para as mulheres negras. Segundo ela, o processo de escravização no Brasil tirou dos povos escravizados as suas ligações com suas origens culturais e

indenitárias. Além disso, houve nesse período uma inferiorização de tudo que era negro ou de origem negra. Portanto, ser negro, ter características físicas e culturais negras, era visto como algo de segunda categoria. Por isso, segundo Figueiredo, se identificar como pessoa negra, principalmente como mulher negra, e ter orgulho disso, é um processo de autoafirmação política, sendo por isso a manifestação e a afirmação das identidades são tão importantes no caso do povo negro brasileiro.

Nas poesias de slam também é possível notar uma importância dada em destacar a identidade negra como uma forma de protesto ao sistema racista, que nega e discrimina essa identidade, e como uma forma de afirmação dos e dos poetas.

Sophia traz para os seus poemas todos os questionamentos e revoltas sobre o cenário de injustiças que fazem parte da história do nosso país. Em suas letras é possível notar temas históricos, fatos que estão ocorrendo na atualidade e reflexões sobre nossa política e economia. Todas essas questões são apresentadas a partir do olhar de uma jovem que carrega com toda revolta da juventude e as experiências de vida de uma mulher negra e de periferia.

Sua bandeira estampada de positivismo
 Enquanto suas metrópoles
 Estão encharcadas de sangue latino
 De que país eu tô falando?
 É dentre todos o mais divino
 Com povo trabalhador
 Filho da miscigenação
 Isso é só um outro nome para estupro
 Só que com mais romantização
 Ai Brasil! (SOPHIA BISPO)

Os versos apresentados introduzem um dos poemas de Sophia que faz intensas críticas às diferentes questões históricas presentes na formação do Brasil. A poeta destaca a opressão dos povos marginalizados e da classe trabalhadora, herança de um sistema construído com base na escravidão que criou problemas sociais e que reflete em nossa sociedade até os dias atuais. Sophia cita a romantização que se faz sobre as origens da população brasileira e a miscigenação propagada pelo mito da democracia racial como um símbolo da identidade do povo brasileiro. Na verdade, tal mito foi construído com base no estupro e exploração dos corpos de mulheres negras e indígenas. Lélia Gonzalez argumenta que um dos papéis da mulher negra da sociedade escravocrata era o da reprodução, de serem reprodutoras e terem que gerar mais pessoas para serem escravizadas. Essas mulheres também eram constantemente violentadas por seus senhores

e seus filhos. Gonzalez aponta que o abuso sexual fazia parte da “função de ser escravizada”. A autora cita as mucamas, escravizadas, que tinham como tarefa cuidar da casa dos seus senhores e recorrentemente também eram vítimas de abusos.

Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa-grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas. E isso sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. Desnecessário dizer o quanto eram objeto do ciúme rancoroso da senhora. Após o trabalho pesado na casa-grande, cabia-lhes também o cuidado dos próprios filhos, além da assistência aos companheiros chegados das plantações, engenhos etc. quase mortos de fome e de cansaço. (GONZALEZ 2020 p. 46).

A realidade das mucamas mostra as múltiplas opressões que marcam a história da mulher negra no Brasil, que até hoje carrega as marcas da escravidão e sofre com as violências e discriminações decorrentes desse processo.

O poema de Sophia também traz questões da atualidade. A jovem faz críticas ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, que intensificou as desigualdades no país, sucateou a saúde durante o período de pandemia, gerando mais contaminação e mortes. Esse resultado prejudicou principalmente pessoas que fazem parte da população afetada pela herança escravocrata, mostrada pela poeta no início do poema, pessoas negras, pobres e periféricas. Ao efetuar essa ligação, a poeta demonstra um retrato do Brasil que ainda não se curou do seu passado de exploração.

Questões da atualidade que estão em discussão no país são as mais utilizados pelas poetisas no slam. Laura Conceição é uma poeta que utiliza muito fatos atuais em seus textos. Essas temáticas se relacionam com fatos do seu cotidiano, com seus gostos musicais, sua origem mineira, sua realidade enquanto mulher lésbica e todas as vivências que formam sua identidade. Os versos a seguir mostram como a poeta faz uma relação dos acontecimentos da atualidade com suas vivências:

Já posso ouvir o canto dos colibris
 Marielle era da onde os pássaros
 Que cantam tem calibre
 Se uma de nós tá morta, nenhuma de nós tá livre
 Se uma de nós tá morta, nenhuma de nós tá livre (LAURA CONCEIÇÃO)

Esses versos fazem parte do poema *Querem nos calar* escrito em 2018 quando a vereadora da cidade do Rio de Janeiro, mulher, negra, lésbica, periférica e defensora dos direitos humanos, Marielle Franco, foi brutalmente assassinada por ser uma defensora de todas as questões que envolve as minorias sociais. A morte da Marielle, até hoje sem resposta e justiça, é um símbolo da luta de mulheres como ela por respeito e dignidade. “Se uma de nós tá morta, nenhuma de nós tá livre”, Laura declama essas palavras como uma mulher que se sentia representada pelas lutas e vivências de Marielle Franco, que reconhece que o sistema de opressão aprisiona as mulheres e pode matar pessoas como ela. Além disso, os versos da poeta são atos de revolta e clamor por justiça pela morte da vereadora e por todas as opressões vivenciadas pelas mulheres.

Laura afirma que gosta de falar sobre qualquer tema, não gosta de ficar presa apenas em um assunto. No entanto, é possível notar que os seus versos se concentram de forma mais significativa nas temáticas relacionadas às opressões vividas pelas mulheres. Seu feminismo se faz presente em sua poesia de forma contundente, destacando sua posição enquanto mulher lésbica na sociedade.

O poema que será apresentado foi escolhido pela própria Laura para fazer parte da pesquisa. Ele é um poema de amor que faz parte de seu último álbum de música, e se chama *Espelho*. Laura apresentou essa poesia em sua participação no *Slam SP* do estado de São Paulo no ano de 2022.

Você,
é mais bonita que o pôr do sol,
na praia do sal,
na ilha de Cabo Verde.
Mais elegante do que dois argentinos
dançando tango no Palácio do Catete.
Mais bonita que o encontro rio Negro e Solimões,
mais bonita que a tristeza que embala solidões,
mais generosa que os amigos,
e seus imensos corações...
Tipo a Betânia,
e todas as suas canções. (LAURA CONCEIÇÃO)

Existe no slam uma questão sobre poemas de amor, esses poemas não são considerados adequados para uma competição. O que se espera para um slam é que as poesias sejam contundentes, que demonstrem dores e revoltas, que seja uma forma de as/os poetas expressarem suas críticas sociais. Poemas de crítica social mobilizam o público, criam emoção durante a apresentação e acabam ganhando as maiores notas. Já

poemas românticos não criam emoção no público, é como se esses poemas não fossem o que o público estava esperando, e por isso, não geram muita comoção. Esse tipo de poema também não comove os/as jurades, sempre gerando as menores notas e não levando o/a poeta para a final. Foi o que aconteceu com Laura. Ela recitou *Espelho* no quesito de poema de desempate e acabou não sendo classificada para a final.

Como o poema de amor é tratado no slam nos leva a questionar o quanto esse sentimento também pode ser revolucionário. Em *Tudo sobre o amor*, bell hooks (2021) demonstra que esse sentimento é fruto de construções sociais, que nascem de relações históricas, sociais e culturais. A filósofa Renato Nogueira (2020), no livro *Porque amamos* nos mostra como o amor se apresenta em diferentes culturas. Em alguns povos, o amor se apresenta como um espírito alimentado da relação entre duas pessoas; em outros, o amor se manifesta a partir da relação da comunidade. Existem grupos onde o amor é romântico, idealizado, enquanto em outros contextos o amor está no próprio sujeito. E em algumas realidades esse sentimento não existe.

O amor se envolve com as questões de poder, ele pode ser controlado pela sociedade ou se apresentar como forma de controle. Quando discutimos as questões de gênero e sexualidade, o controle do amor se relaciona com o controle dos corpos. Homens não podem amar ou expressar o seu amor, esse sentimento, para eles, deve ser sempre contido, caso contrário é visto como sinal de fraqueza. Enquanto as mulheres devem viver o amor romantizado em todas as esferas de sua vida para manter sua servidão ao marido e à família. Pessoas transexuais não podem ser amadas, e o amor de pessoas homossexuais é pecaminoso e doentio.

O amor está ligado com as questões de opressão de raça. Em seu texto *Vivendo de amor*, bell hooks (2010) mostra como o sistema de escravidão foi danoso para os sentimentos do povo negro, e como esse povo criou dificuldades para vivenciar esse sentimento. Segundo a autora, os negros foram tirados de seus grupos nos quais viviam relações de afeto intensas, foram trazidos para as Américas de forma brutal e aqui foram separados de qualquer laço afetivo e parental. O trabalho escravo era duro e violento. Nesse sentido, vestir uma armadura contra qualquer tipo de sentimento era uma forma de sobrevivência (hooks, 2010). As mulheres eram violentadas constantemente e eram vistas apenas como reprodutoras, não era possível ter nenhuma forma de vínculo amoroso. Quando os seus filhos nasciam, eram arrancados dos seus braços para serem vendidos. Até mesmo o amor de mãe foi negado para a mulher negra. Quando a escravidão acabou, as consequências sociais deixadas por esse sistema também impossibilitaram o amor.

Violência, desrespeito, abandono e exclusão são questões que limitam a expressão do sentimento. bell hooks afirma que:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. (hooks 2010 p.46).

Sendo assim, quando jovens de periferia, em sua maioria negros/as ou pessoas não brancas, pobres, da classe trabalhadora, que expressam as mais diferentes identidades de gênero e sexualidade, ocupam os espaços urbanos para gritar toda sua revolta para um público diverso que compartilha das suas indignações, e usa também esse espaço para falar de amor, é um ato revolucionário. Quando Igor Braz, um jovem negro de periferia, declamou um poema de amor na final do *Slam MG 2021* e ganhou a competição, foi um ato de coragem que mexeu com as estruturas sociais e as estruturas do próprio slam.

Sendo o amor tão controlado em nossa sociedade, e, ao mesmo tempo, uma forma de controle que limita tantas expressões, falar sobre ele é também fazer uma crítica social. O que pode haver de mais revolucionário do que Laura Conceição, uma mulher lésbica, gritando para um público diversificado, com toda sua emoção, o seu amor e admiração por mulheres? Laura afirma em um dos seus versos que ela descobriu o amor:

Mais bonita do que amar e odiar a própria vaidade,
a moça mais bonita de toda e qualquer cidade,
mais bonita que a moça da publicidade.
Eu que odeio matemática,
seria matemática,
só pra reduzir a sua dor pela metade.
Quem descobriu o amor?
Onde é que se escondeu?

Eu quero questionar, pois quem o descobriu foi eu. (LAURA CONCEIÇÃO)

Segundo Audre Lorde (2019) em seu discurso *Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor*, existe em alguns grupos um verdadeiro temor da mulher lésbica, um temor de que essas mulheres mexam com as estruturas sociais e com a lógica da família. Por isso, essas mulheres são tão discriminadas e punidas. Esse temor nasce do perigo de uma mulher ter a liberdade de viver sua sexualidade e o seu amor. Portanto, ao questionar que quem descobriu o amor foi ela, e

fazer de tudo para defender esse amor, Laura Conceição está mexendo com as estruturas sociais e reivindicando a legitimidade do seu amor.

E por fim,
 você é quase,
 quase, mais bonita que seu amor por você.
 Só vai ficar mais bonita,
 quando se olhar,
 e perceber.
 Espelho. (LAURA CONCEIÇÃO)

Laura termina o seu poema falando sobre o amor-próprio, uma questão que afeta intimamente a autoestima e autoconfiança das mulheres. Historicamente, as mulheres foram ensinadas a viver intensamente o amor, mas esse amor sempre esteve ligado ao outro, ao marido, aos filhos e à família. O amor para a mulher sempre esteve ligado à esfera do cuidado com o outro, nunca por ela mesma. Além disso, as pressões estéticas impostas sobre os corpos femininos sempre fizeram com que mulheres não se amassem por não se encaixarem em um padrão socialmente criado. A poesia espelho tem um clipe e nele podemos ver a própria poeta se olhando no espelho, se arrumando, se admirando. Uma mulher gorda, lésbica, que não performa uma feminilidade padrão, de cabelo raspado e com *dread*, que questiona os padrões ao falar sobre o seu amor-próprio. Por isso, incentivar o autoamor feminino, a partir de sua voz enquanto mulher fora de todos os padrões, é um ato revolucionário.

Em um de seus poemas, Laura fala sobre outra questão que faz parte de todas as opressões vivenciadas pelas mulheres, a sua sexualidade e experiências sexuais. Essa questão está relacionada com as estruturas de poder e com os papéis sociais impostos para as mulheres. Desde o surgimento do sistema capitalista e da propriedade privada, as mulheres foram colocadas no papel de reprodutoras de uma classe trabalhadora, deviam apenas servir ao seu marido sem vivenciar o seu prazer. Laura traz essa situação em seus versos:

Já é noite, e noite é reprodução
 Aquele sexo que não é bom
 Onde o homem goza, a mulher não
 A mídia romantiza
 Relação abusiva
 Sexo cama todo tormento
 50 tons de cinza?
 Aqui é 50 tons de sofrimento. (LAURA CONCEIÇÃO)

O poema também trata sobre o controle dos corpos femininos através da ilegalidade do aborto, pois as mulheres não podem ter o direito de escolher se querem ou não ser mães sem serem consideradas criminosas, ou colocando suas vidas em risco. “O risco do aborto ilegal/ Porque não há legal se eu não posso parir”. A poeta contrapõe a questão do aborto com a estrutura machista que permite com que homens abandonem os seus filhos sem serem culpabilizados por isso.

O medo da violência e de uma cultura que transforma corpos femininos em corpos vulneráveis que podem a qualquer momento ser violentados e agredidos também é citado no poema. As moralidades impostas sobre as mulheres em relação a que roupa deve vestir, como deve se comportar, como e com quem deve se relacionar também são uma questão levantada. Laura quebra com essa moralidade ao falar abertamente sobre sexo, sobre as opressões vividas pelas mulheres, em questionar as ações masculinas, em falar abertamente sobre a sua sexualidade e em empregar termos que, ao serem ditos por uma mulher, causam estranhamento, como: “Eles têm medo pra caralho/ Da força de uma buceta”. Por todos esses questionamentos, a poeta clama por respeito aos corpos e à existência feminina.

As poesias apresentadas nos slams partem das vivências das poetas e uma estrutura de poder dividida entre classe, raça, gênero e tantas outras categorias que geram preconceitos e exclusões sociais, que refletem na vida dos indivíduos. Portanto, essas poetas mulheres, negras, periféricas, da classe trabalhadora, LBTQIAPN+ trazem em suas poesias suas vivências que refletem as discriminações e opressões por elas vividas, e destacam a importância de se pensar a relação entre as categorias sociais para questionar essas opressões.

As temáticas trabalhadas nas poesias dessas mulheres trazem questões que perpassam as suas experiências como mulheres e fazem parte de suas lutas cotidianas em busca de respeito. Questões como ancestralidade, identidade, discriminação, sexualidade, violência, racismo, machismo, crítica ao sistema de opressão e crítica ao feminismo hegemônico são questões presentes nessas poesias, assim como nos escritos das autoras feministas negras que são constantemente lembradas nos versos das mulheres no slam.

Compreender a importância da poesia como instrumento político na militância das mulheres, dialogando com autoras que refletem sobre as interações das opressões, considerando como essas poesias levantam discussões importantes para o feminismo e para o pensamento interseccional foi o objetivo central deste capítulo. A poesia tem sido

uma arma de luta e resistência, conquistando a sua importância na militância de mulheres, demonstrando as possibilidades de se realizar a luta feminina tendo como base as mais variadas vivências sociais.

Capítulo 2- As vivências do slam no encontro com a cidade

O primeiro capítulo desse trabalho se dedicou a apresentar a cultura do slam, pensando-a como uma forma de expressão que dá voz para as minorias sociais. Através da análise dos discursos presentes nas poesias, foi possível notar como essa arte é uma produção de conhecimento vinda das periferias que, através da vivência das poetas, compartilha emoções, faz denúncias, rompe com padrões e resgata identidades marginalizadas e silenciadas. Foi possível notar também o quanto os discursos apresentados nas poesias se assemelham com os adotados pela literatura feminista, demonstrando como a poesia marginal pode ser também uma forma de se fazer essa luta.

No segundo capítulo farei uma análise da cena do slam na perspectiva da cidade de Juiz de Fora. Trarei relatos das minhas experiências de pesquisa, através delas, será possível analisar as vivências no slam. Isto é, quem é seu público, como ocorrem as relações no grupo, como elas/eles se colocam perante a cidade e os espaços urbanos, como ocorrem as emoções dentro do slam, como esse público se vê, e como usam sua voz para realizarem suas militâncias. O intuito do capítulo é reforçar o entendimento da poesia marginal como uma arte que mexe com as estruturas do conhecimento, se transformando em uma forma de expressão vinda das periferias.

Durante a pesquisa, pude perceber que as poesias apresentadas pelas poetas no slam são suas histórias de vida pessoais, suas vivências transformadas em arte e compartilhadas com o público. Pela poesia, elas contam sobre acontecimentos que marcaram suas vidas, denunciam suas revoltas, libertam suas indagações, compartilham suas dores, relatam histórias de pessoas de seus convívios, demonstram suas conexões com suas identidades e expressam seus amores. As poesias escritas e interpretadas pelas poetas de alguma forma são autobiografias que demonstram uma perspectiva da realidade social dessas artistas. Sendo a arte que aqui está sendo estudada uma leitura de mundo e fragmentos da realidade das poetas, optei por fazer toda a análise da cena a partir das perspectivas delas. Por isso, opto por utilizar o método da história de vida para escrever minha narrativa.

A perspectiva que busco para narrar a história de vida de minhas interlocutoras é a perspectiva da biografia, com intuito de, através do olhar das vivências das personagens narradas, compreender um sistema maior que é a cultura da poesia marginal da qual o slam faz parte.

O antropólogo brasileiro Gilberto Velho (2001) afirma que a biografia e a história de vida são métodos importantes para a antropologia urbana. Segundo o autor a vida social nas grandes metrópoles se tornaram complexas, o avanço do capitalismo, a divisão social do trabalho e tantos outros fenômenos históricos fizeram com que ocorressem mudanças significativas nas esferas tradicionais, onde família e religião apresentavam domínio sobre valores e crenças (VELHO 2001). As transformações da modernidade mudaram esses domínios, fazendo com que a vida econômica assumisse um novo papel na vida social. As mudanças trazidas pela modernidade fizeram com que as relações sociais se tornassem mais complexas, criando múltiplas realidades, múltiplas formas de ser e pensar o mundo, e segundo o autor, essas relações ficam evidentes em grandes metrópoles urbanas. Todas essas transformações fazem com que o foco das relações sociais esteja no indivíduo, que passa a ser unidades mínimas significativas (VELHO, 2002), portanto, criam diferentes formas de relacionarem-se com o coletivo. A sociedade moderna também faz com que os indivíduos transitem por diversos espaços e esferas sociais, compartilhando realidades e culturas, e essas experiências vão formando o indivíduo e suas visões e percepções de mundo. Nessa perspectiva, analisar a sociedade a partir na percepção do indivíduo é buscar compreender a complexidade da sociedade moderna, buscando entender as mediações, transformações e visão de mundo que esse indivíduo leva para sua vida social.

Com base nas teorias do antropólogo Marco Antônio Gonçalves, compreendo a biografia como uma narrativa que se propõe a investigar as percepções individuais e culturais interligadamente, propondo em um só momento, repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura (GONÇALVES 2012). A biografia, portanto, foca nas experiências do indivíduo, visa compreender sua percepção e vivência no mundo, entendendo que sua realidade individual também é fruto de uma construção social. Sendo assim, a biografia potencializa as experiências vividas por quem está contando a sua própria história. A construção da biografia na etnografia está na capacidade de relacionar as experiências do narrador, que seria quem viveu a história a ser contada, e a do etnógrafo, que irá traduzir essa experiência.

A narrativa criada na biografia se desenvolve a partir de uma noção de *self*, na percepção do indivíduo com o mundo. Ao contar sua história, o narrador incide sobre a noção de pessoa. Tal noção é construída culturalmente, portanto, o indivíduo que narra também é uma construção cultural, uma pessoa culturalmente constituída (GONÇALVES, 2012). Portanto, as narrativas que os indivíduos trazem sobre si

envolvem relações históricas, sociais e culturais que interferem sobre o que será contado. Sendo fruto da relação entre sujeito e sociedade, a narrativa biográfica se posiciona entre as experiências reais e aquelas contadas pelo narrador, sendo este quem decide o que será revelado, que rumos tomará a narrativa, como determinados eventos serão contados. A experiência etnográfica nesse sentido está nas percepções subjetivas do sujeito, para ter um olhar entre o subjetivo e o racional do que está sendo narrado, criando com isso sua própria escrita. Portanto, a biografia pode ser descrita como uma tensão entre um desejo de reprodução de um vivido e a imaginação daquele que escreve sobre este vivido (GONÇALVES, 2012).

Ao falar sobre suas experiências, o sujeito está transmitindo um discurso autoral sobre si, influenciando na própria identidade que será descrita no discurso. Sendo assim, a biografia trata de narrativas de personagens. Gonçalves afirma que, ao narrar sua história, o personagem pode acentuar características e reforçar estereótipos, e isso ocorre segundo as construções culturais. O autor afirma que:

É neste sentido que as pessoas e os personagens, sejam reais ou ficcionais, formulam em sua auto narrativa modulações que acentuam caracteres e estereotípias, buscando coerências em seus atos e pensamentos que dão forma, simultaneamente, a uma construção flexibilizada do self no interior de uma determinada cultura. É por isso que tratar de etnobiografia é lidar com esta dimensão da pessoa-personagem (exploraremos esta ideia mais adiante). A autonarrativa é construída em um contexto que depende da alteridade, operada através do jogo das semelhanças e diferenças, e que faz com que a pessoa vire personagem e o personagem vire pessoa em um contexto de interação e produção do self. Neste momento de experiência compartilhada, as pessoas podem experimentar assumir determinadas caracterizações e estereótipos, construindo uma personagem marcada por traços eminentemente sociais. (GONÇALVES, p. 27, 2012).

O uso da biografia na etnografia é chamado de etnobiografia. O termo foi cunhado pelo cineasta argentino Jorge Prelorán para definir seus filmes sobre sujeitos culturais marginalizados da cultura *folk* argentina durante a década de 1960 (GONÇALVES, 2012). Para Prelorán, os filmes etnográficos proporcionam ao espectador encontros com pessoas reais e possibilitam a compreensão de suas histórias de vida. O cineasta via na

etnobiografia uma forma de dar voz ao público marginalizado e essa forma de fazer etnográfico visa romper com a tradição clássica ao propor uma construção de conhecimento que seja elaborada a partir da visão do indivíduo, que está situado na cultura estudada. No entanto, a etnobiografia não parte apenas da perspectiva do sujeito estudado, mas da relação da concepção tida pelo antropólogo da história contada. Portanto, a etnobiografia é uma relação de alteridade entre quem tem a experiência vivida e conta sua história na perspectiva da sua cultura, com quem tem percepções sobre a história e transmite a ele:

Neste sentido, o conceito de etnobiografia empregado aqui não é uma tentativa de produzir uma visão autêntica de dentro procurando ‘apreender um ponto de vista nativo’, mas sim um modo de definir a complexa forma de representação do outro que se realiza enquanto construção de diálogo, em que o cineasta e o antropólogo estão diretamente implicados. Portanto, etnobiografia é, antes de tudo, produto de uma relação e de suas implicações a partir da interação entre pessoas situadas em suas respectivas vidas e culturas, tendo como pano de fundo suas percepções sobre a alteridade entrevista utilizada pelo método biográfico. (GONÇALVES, p. 29. 2012).

Seguindo a perspectiva da história de vida e da biografia, o trabalho tem em vista compreender a cena do slam em Juiz de Fora a partir da visão e das vivências de três mulheres distintas que compartilham dessa cultura na cidade. Além de buscar compreender a história dessas mulheres e suas trajetórias artísticas, o trabalho também buscou compreender a cultura segundo a percepção que as artistas apresentam sobre ela. Por esse motivo, os espaços, eventos e grupos destacados na pesquisa fazem todos parte dos espaços de circulação dessas mulheres no circuito poético. A história narrada também parte da percepção que essas pessoas têm sobre a cena. Minhas observações partiram do que pude perceber da perspectiva delas ao longo da pesquisa.

Para contar essas histórias, além da observação participante e do contato direto com essas mulheres, também foram realizadas entrevistas. O intuito na utilização desse método era conseguir captar melhor suas histórias e a relação que cada uma de suas vivências têm com o slam, visando conversar sobre assuntos que eram difíceis de abordar

durante os eventos. Com cada uma delas foram realizadas duas entrevistas: a primeira foi realizada no início da pesquisa e com o propósito de conhecer melhor as poetisas, nelas foram feitas perguntas mais pessoais sobre suas histórias e carreiras artísticas. A segunda entrevista foi realizada ao final da pesquisa, sendo feitas perguntas sobre a percepção dessas mulheres sobre a cena de poesia na cidade de Juiz de Fora. As entrevistas foram feitas de forma individual e on-line e o modelo utilizado foi o formato semiestruturado, onde se tem temáticas para serem abordadas, mas não se tem perguntas diretas. Cabe destacar que as entrevistas foram feitas em forma de uma conversa, onde era abordado um tema e a entrevistada poderia falar o que quisesse sobre ele. Assim, ia se formando o diálogo com outras questões, surgindo ao longo da conversa. As temáticas para as entrevistas foram emergindo ao longo da pesquisa, questões que surgiam das minhas observações foram levadas para serem conversadas com minhas interlocutoras.

Para a realização do trabalho, foram utilizadas múltiplas metodologias de pesquisa, intercalando etnografia, observação digital, análise de discurso, análise de vídeos e entrevistas. Os métodos foram decididos conforme o direcionamento que o contato com a cena e com minhas interlocutoras demonstravam as necessidades e caminhos que precisavam ser tomados para a melhor elaboração da pesquisa.

Inicialmente, o objetivo era fazer uma observação participante da cena do slam a fim de observar a participação das mulheres nesses espaços e para identificar suas interações e o uso de suas artes como manifestações políticas e identitárias. No entanto, a pesquisa começou a ser realizada em 2021 durante o isolamento social decorrente da pandemia do Covid-19 e nesse período todos os tipos de contato social tiveram que ser evitados. As interações presenciais tiveram que ser substituídas por interações virtuais, o trabalho se tornou remoto, as reuniões se tornaram videochamadas, eventos e shows se tornaram lives. Afirmando uma tendência que já vinha ganhando força, as experiências de interações se tornaram cada vez mais virtuais e mediadas pela tecnologia.

2.1. A cidade como ambiente de socialização

O trabalho analisa as vivências das poetisas tendo como cenário a cidade de Juiz de Fora. Portanto, visa entender as relações sociais na perspectiva da cidade e dos usos dos espaços urbanos necessários para a compreensão da vivência das poetisas e da cena do slam. Nesse sentido, analiso aqui o circuito poético na perspectiva da antropologia urbana,

compreendendo o slam como uma cultura juvenil que ocupa os espaços e as interações sociais que ocorrem entre essa cultura e a cidade.

Por antropologia urbana, compreendo como conjunto de métodos e teorias de análise que visa estudar a sociabilidade de determinados grupos sociais a partir da sua interação com os espaços urbanos. Em seu artigo *De perto e de dentro*, o antropólogo brasileiro José Guilherme Magnani (2002) afirma que durante muito tempo a antropologia assumia um caráter evolucionista, que considerava que o estudo antropológico deveria ser o estudo do outro. A ciência então se preocupava em descobrir o exótico, conhecer povos desconhecidos, desvendar culturas diferentes da cultura ocidental. Nessa perspectiva, estudar a própria cultura era algo que não era muito valorizado na antropologia. No entanto, ao longo da história, essa perspectiva na ciência mudou: a antropologia não tem mais como perspectiva o evolucionismo. A perspectiva central da ciência passa a ser a pesquisa de campo e, a partir disso, a ciência foi criando teorias, métodos e paradigmas, descobrindo novas áreas de investigação e abrindo um novo leque de possibilidades para o estudo.

O objetivo da antropologia sempre foi estudar a diversidade cultural humana. Com a superação da perspectiva evolucionista, esse olhar se intensificou, deixando as ideias de considerar povos como primitivos e atrasados, e de que o objetivo da ciência era estudar somente esses povos.

Portanto, se consolidou que o objeto de estudos da disciplina não são povos específicos considerados primitivos, mas sim a diversidade, os modos de agir e estar no mundo que tornam um povo diferente do outro. Passa a se considerar que essa diversidade está presente em toda cultura, portanto, toda cultura pode ser estudada pela antropologia. Dentro dessa perspectiva, o antropólogo estadunidense Clifford Geertz em *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa* (1998), afirma que “agora somos todos nativos”, indicando que toda cultura tem sua diversidade. Sendo assim, as culturas contemporâneas e ocidentais também devem ser estudadas, pois a diversidade transforma todos em objetos da antropologia. Nessa perspectiva, os ambientes urbanos também são investigados, considerando que nas cidades existem interações e diversidades que devem ser exploradas pela antropologia, demonstrando que não é necessário ir longe para ter contato com as diferenças, basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e, logo, entra-se em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças, valores. (MAGNANI 1996).

A antropologia urbana se consolida ao redor de certas temáticas que caracterizam esses ambientes: violência, delinquência, trabalho, estrutura de urbanização, movimentos sociais, desigualdades criadas pelo avanço desenfreado do capitalismo nas grandes metrópoles são alguns dos temas mais estudados pela antropologia urbana. A esfera do lazer também é muito estudada na perspectiva urbana, uma vez que essa categoria surge na ideia de trabalho, se mostrando como sendo o oposto do tempo de trabalho, o momento livre onde a classe trabalhadora se ocupa de atividades que não são associadas ao labor. Nos momentos de lazer ocorrem sociabilidades, ocupações de espaços, afirmações de pertencimento e reconhecimentos de identidades. Na visão do presente trabalho, o slam se apresenta como um momento de lazer, pois não é um ambiente de trabalho. Por mais que algumas/alguns poetas trabalhem com a arte, não existe nenhuma/nenhum poeta que se sustente apenas do slam.

O ambiente de slam não é ambiente lucrativo, mas sim um lugar de diversão, sociabilidade e celebração que ocorre nos espaços urbanos. A competição é em sua essência um ambiente lúdico onde as sociabilidades e interações ocorrem por si mesmas, sem uma finalidade última. Considerando a sociabilidade como uma forma lúdica e autônoma, o sociólogo alemão Georg Simmel afirma que a sociabilidade é um exercício livre de todos os conteúdos materiais (SIMMEL 2006). O autor afirma que as relações sociais ocorrem com base em interesses específicos, sendo assim podemos agir com impulsos materiais quando socializamos buscando interesses e finalidades. No entanto, existem relações sociais que ocorrem livremente sem a interferência de interesses materiais, ocorrem por si mesmas, segundo o autor, essa seria a sociabilidade.

Para Simmel a sociabilidade está além dos conteúdos específicos que sustentam as relações sociais, ela está presente nas relações como sentimentos, pela satisfação de estar junto socializando (SIMMEL 2006). Dessa forma, a sociabilidade se apresenta como um impulso que se desprende de toda realidade social sustentada por processos de socialização (SIMMEL 2006). Ou seja, a sociabilidade está relacionada com as emoções que as relações sociais podem causar, se desvincilhando de interesses apenas materiais e criando significados para as interações dos indivíduos. Essa perspectiva descreve como as relações existem dentro do slam, nessa realidade as interações ocorrem na forma de sociabilidade onde a socialização ali existente ocorre sem interesses materiais e econômicos, mas sim pela finalidade de estar em grupo, de poder compartilhar experiências e vivenciar emoções. No slam as relações ocorrem de forma livre e lúdica, criando diferentes significados para quem as vivencia.

Para analisar as relações urbanas na perspectiva do lazer, Magnani (1996) apresenta algumas categorias que nos permitem compreender as dinâmicas urbanas de sociabilidade, de ocupação de espaços e de pertencimento, principalmente entre grupos juvenis que circulam pelas cidades. As categorias apresentadas pelo autor estão todas relacionadas à noção de espaço, unidade de análise importante ao se pensar as realidades urbanas. Deve-se ressaltar que esses espaços ganham sentido através das práticas sociais.

A primeira categoria importante desenvolvida por Magnani (1996) é a ideia de “pedaço”. Ela se refere a espaços demarcados por determinados grupos onde se cria determinada identidade que os diferencia de outros grupos. Os pedaços são lugares de sociabilidade e relações onde o indivíduo cria a noção de pertencimento ao lugar. Geralmente, podemos considerar como pedaço os bairros, onde as “tramas do cotidiano” (MAGNANI 1996) acontecem, conflitos, serviços, devoções, troca de informações, práticas de lazer e tantas outras ações de sociabilidade ocorrem nesses espaços. Desta forma, o pedaço é, ao mesmo tempo, resultado de práticas coletivas e condição para seu exercício e fruição (MAGNANI 1996). O pedaço é marcado de símbolos e significados que reforçam a ideia de pertencimento. Logo, estar no seu pedaço não é apenas compartilhar um espaço de lazer, significa estar entre os seus iguais, compartilhando códigos, reforçando suas identidades, se colocando como pertencente a um lugar:

Quando jovens negros saem de suas casas e dirigem-se a esse seu pedaço, no Centro Comercial Presidente, na rua 24 de Maio (centro da cidade), não o fazem, necessariamente, para dar um trato no visual ou comprar discos; vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. É bom estar lá, rola um papo legal, fica-se sabendo das coisas... e é assim que a rede da sociabilidade vai sendo tecida. (MAGNANI, 1996, p.19).

Os indivíduos não ocupam apenas os seus espaços, eles circulam por outros espaços da cidade, seja para ter os seus momentos de lazer, ou para trabalhar e estudar, criando por esses lugares outras formas de interações. Com essa movimentação dentro do espaço urbano surgem outras categorias, sendo a “mancha” uma delas. Por mancha, Magnani (1996) considera áreas próximas umas das outras, compostas por equipamentos urbanos que possibilitam a circulação de determinado grupo por aquele espaço para, com isso, acessar determinados serviços. Uma mancha de lazer, por exemplo, pode ser marcada por uma região onde há muitos bares, cinemas, teatros, etc. A mancha se difere do pedaço, enquanto este se caracteriza por ser determinado pelas relações, sensação de

pertencimento e compartilhamento de símbolos comuns, a mancha se caracteriza por uma concentração em torno de estabelecimentos. Portanto, a mancha está relacionada com a relação entre equipamentos e, nesse sentido, a ocupação de espaços físicos ganha destaque para se pensar a sociabilidade.

Nos espaços urbanos, os indivíduos estão em constante movimentação, circulam entre pedaços e manchas, fazem escolhas por espaços onde vão frequentar. Nessa movimentação surge outra categoria denominada de “trajeto”. O trajeto, para Magnani (2007), se caracteriza por espaços que ligam pontos da cidade. O trajeto é a paisagem que está no caminho entre manchas, pedaços e circuitos. Trajeto simboliza a possibilidade de escolha de circulação, de ir para outros espaços e se apropriar de outras lógicas e socializações, reforçando uma ideia de circulação entre os ambientes.

Entretanto, para o presente trabalho, as categorias de Magnani que serão utilizadas são as de “circuito” e “cena”. Elas foram escolhidas por representarem melhor a realidade dos slams, sendo possível fazer uma análise dessa cultura por meio delas. A ideia de circuito se assemelha à ideia de mancha, como visto a partir de Magnani (2007), trata-se de espaços e estabelecimentos que oferecem algum tipo de serviço ou entretenimento. A diferença com a mancha é que esses equipamentos não mantêm uma proximidade espacial, o que ocorre é que esses espaços são marcados por vínculos simbólicos reconhecidos em conjuntos por seus usuários. Os circuitos também são marcados como equipamentos urbanos que possibilitam encontros e sociabilidades. São espaços frequentados por determinados grupos que compartilham experiências em comum, onde símbolos são compartilhados e pode ser construída uma ideia de identidade com o espaço, como os circuitos gays, por exemplo, marcados por diferentes bares, boates e outros equipamentos frequentados por pessoas desses grupos.

Semelhante ao circuito, a cena é uma categoria que não se restringe a uma localização espacial específica. A cena, além de espaços físicos, também engloba outras formas de espaços, como redes sociais, grupos virtuais, além de eventos e celebrações. A cena se relaciona com a frequência de sociabilidade dentro dos espaços por determinados grupos. Ela cria uma independência das questões espaciais, e não se relaciona apenas com a ocupação de espaços, mas sim com atitudes e opções estéticas e ideológicas, articuladas nos e pelos circuitos (MAGNANI 2007).

O circuito e a cena se relacionam: o circuito se caracteriza por equipamentos, espaços de circulação de determinados grupos que podem ser bares, boates, instituições e eventos. Enquanto a cena se caracteriza pelo conjunto de comportamentos

compartilhados por determinados grupos que frequentam espaços de determinados circuitos:

Em suma, pode-se “freqüentar” o circuito, mas “pertence-se” a tal ou qual “cena”; enquanto aquele alude à rede, esta tem como referente os atores sociais, suportes dos sinais de pertencimentos e escolhas no próprio corpo, na roupa, no discurso; um é identificável na paisagem, enquanto a outra se manifesta nas atitudes. (MAGNANI, 2007, p. 348).

Para o presente trabalho, considero o slam como sendo uma cena, frequentada por determinadas pessoas que formam um grupo que compartilham de gostos, estéticas, ideologias, identidades e vivências, formando sociabilidades específicas a partir desse grupo. Os pertencentes dessa cena fazem parte de um circuito, que denomino como circuito poético, o qual são os espaços de circulação onde as/os poetas se encontram. Esses espaços são praças, espaços públicos e ambientes culturais ocupados por quem compartilha o gosto pela poesia. Aqui não considero apenas os slams, mas também sarais, espaços de declamação, *shows* de *rap* e competição de *MC's*. O slam faz parte de um circuito que envolve diferentes formas de ambientes e expressões relacionados com a poesia.

Em Juiz de Fora os espaços ocupados pelo circuito poético são diferenciados conforme os grupos que organizam os eventos. Por exemplo, os slams organizados pela *Confraria dos Poetas* costumam ocupar espaços culturais como teatros e museus, enquanto slams organizados pela *Damata Cultural*, pelo *Coletivo Sararau Crioulos* e outros, costumam ocupar espaços urbanos, como viadutos e praças. Existem também slams que têm os seus espaços próprios para acontecer, como o *Slam de Perifa*, organizado pelo *Coletivo Vozes da Rua*, que funciona na sede do coletivo localizado no bairro Santa Cândida zona leste da cidade. E o *Slam Urutau* organizado pela barbearia *Urutu* que se localiza no centro da cidade.

Como o intuito do trabalho é compreender o slam a partir do olhar das três poetas, me atentarei aos circuitos que elas costumam frequentar, portanto, focarei nos circuitos realizados pelos slams organizados pela *Damata Cultural* e o *Coletivo Sararau Crioulos*. Esse circuito costuma ter características semelhantes a improvisos acontecendo em espaços urbanos e tendo o costume de ser itinerante, não se concentrando apenas em um local. É importante destacar que o circuito poético não se concentra no slam, podendo se relacionar com outros circuitos, como o do *Hip Hop*.

Em relação à cena do slam na cidade, ela se relaciona em grande medida com a cena do *Hip Hop*, tendo, geralmente, o mesmo grupo de frequentadores. Esses frequentadores são em sua maioria jovens, vindos de periferias, grande parte negros e negras, e estudantes de universidades ou educação básica. É possível notar a presença de pessoas mais velhas também, mas entre elas poucos participam das competições, vão mais como espectadores, e são em sua maioria professores, pessoas ligadas à cena artística e cultural da cidade, pessoas de movimentos sociais e admiradores da cultura *Hip Hop*. Existe também uma grande participação de pessoas LGBTQIAPN+, principalmente de mulheres pertencentes a esse grupo, isso pode ser notado através das próprias poesias que em muitas vezes expressam os afetos das poetisas. A cena poética é marcada por pessoas que produzem arte, luta e conhecimento, e está ligada com a história da luta negra e de periferia da cidade. Sempre reivindicando e ocupando os espaços.

2.2. A voz que denuncia os contrastes da “Princesa de Minas”²⁰

Como dito, o trabalho acompanha mulheres que fazem poesia e que participam ou já participaram de competições de slam na cidade de Juiz de Fora. Para isso, é importante compreender e localizar a cidade no tempo e no espaço, identificando os processos históricos, sociais e culturais que fazem da cidade um importante polo econômico e cultural do estado de Minas Gerais, e que, ao mesmo tempo, é marcada por intensos contrastes sociais.

A cidade se localiza na Zona da Mata mineira e seu surgimento ocorreu às margens da estrada Caminho Novo, que foi criada por volta de 1703, durante a expansão da mineração para ligar a região à Província do Rio de Janeiro. Ao longo da estrada, muitos povoados foram se formando, entre eles Santo Antônio do Paraibuna, que mais tarde se tornaria Juiz de Fora. A expansão cafeeira se espalhou por toda a região da Zona da Mata, tomando conta também de vastos territórios na região do Santo Antônio do Paraibuna, com a presença de grandes fazendas no local. A cafeicultura, que se expandiu ao redor da cidade e a transformou no principal núcleo urbano da região. Era na cidade que a produção das fazendas se concentrava para serem transportadas e comercializadas na

²⁰ Utilizo o termo “Princesa de Minas” para lembrar o hino da cidade de Juiz de Fora, escrito por Duque Bicalho e Lindolfo Gomes, que inicia seus versos com a frase, “Viva a princesa de Minas”, fazendo referência à importância que a cidade teve para a expansão do estado no período do café.

Corte. Santo Antônio do Paraibuna também era um polo social e de cultura que trazia “modernidade” para a região na época.

Na década de 1850, o empresário Mariano Procópio Ferreira Lage iniciou a construção da Estrada União e Indústria, o objetivo da iniciativa era tornar mais curta a viagem entre a Corte, Rio de Janeiro, e a Província de Minas Gerais, facilitando assim o transporte de café. Nesse período começa a vinda dos/as primeiros alemães para a cidade. Nessa década, o governo do Império incentivava a vinda de imigrantes para o Brasil. O intuito era trazer povoamento para as “regiões vazias”, valorização das terras que seriam ocupadas pelos imigrantes e o desenvolvimento de produção de alimentos que abastecessem as lavouras de café.

Em Juiz de Fora, esse incentivo se concretizou durante a construção da Estrada União e Indústria. Mariano Procópio conseguiu incentivos para estabelecer colonos alemães na cidade. O objetivo era trazer mão-de-obra especializada para a construção da estrada, incentivando a vinda de engenheiros e técnicos. Assim, em 1857, chegaram 1.162 imigrantes alemães, correspondendo a 20% da população total da cidade na época²¹. Até os dias atuais, Juiz de Fora carrega em sua história o “título” de ter sido uma “colônia alemã”. No entanto, a colônia não se manteve por muito tempo. Quando chegaram à cidade, eles receberam seus pedaços de terra destinados à produção de alimentos, porém, a falta de incentivo financeiro e a escassez de mercado consumidor dos produtos plantados foram enfraquecendo economicamente os imigrantes. Além das questões econômicas, outras dificuldades também eram frequentes, como a relação com a língua, os costumes, a religião e a vida nas roças. Com todas essas dificuldades, muitos colonos abandonaram suas terras e se fixaram na cidade.

Os alemães deixaram suas contribuições sociais, econômicas, históricas e culturais em Juiz de Fora, assim como os italianos, portugueses, árabes, libaneses e tantos outros povos deixaram suas marcas na cidade, que já foi uma das mais importantes do estado de Minas Gerais.

No entanto, foi o povo negro que mais deixou sua marca na cidade, que já teve mais escravizados do que pessoas livres. Juiz de Fora carrega até hoje a herança desse sistema e a cultura desse povo. Com a expansão da produção do café na Zona da Mata, a região cresceu e Minas Gerais se tornou uma grande província cafeeira. Em 1875, Juiz de

²¹ Informações retiradas em: PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. História da Cidade. Disponível em: <<https://pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>>. Acesso em: 13 maio 2023.

Fora era considerada a cidade mais próspera da província e a que concentrava o maior número de escravizados. Segundo Gilmara Santos Mariosa, psicóloga, professora e pensadora juiz-forana. A cidade foi o único município a concentrar em uma mesma ocasião vinte mil escravizados, usados, em sua maioria, em lavouras de café. Ainda segundo a autora, a cidade foi a maior escravista de Minas Gerais, que na ocasião era a maior província escravista do Brasil (MARIOSA, 2009). Mariosa aponta números que demonstram que, durante um longo período, marcado pela produção de café, a cidade de Juiz de Fora contava com uma população formada por uma maioria de escravizados:

De acordo com Oliveira (2000), em Santo Antônio do Paraibuna havia entre 1833/35 uma população de 1.532 pessoas, das quais ,583 eram livres e 949 cativas. Já em 1855 com a população de 6.466 habitantes, a cidade possuía 2.441 habitantes livres e 4.025 escravos cativos. Em 1872, havia 18.775 habitantes dos quais 11.604 livres e 7.171 escravos. No último período, houve uma elevação da população livre devido ao crescimento das funções urbanas e ao surgimento da colônia de imigrantes alemães, destinados a construção da rodovia União Indústria, que acrescentou 20% à população original da cidade. (MARIOSA, 2009, p.28).

Antes mesmo da abolição, Minas Gerais já tinha inúmeros ex-escravizados que trabalhavam nas lavouras. Por esse motivo, quando foi assinada a abolição, não mudou muito a estrutura da província. Em Juiz de Fora, a maioria dos negros, que foram libertos, continuou trabalhando nas lavouras, enquanto os imigrantes ocupavam trabalhos no centro urbano. Apenas quando a produção do café entrou em decadência, nos anos de 1920, é que os negros migraram para a cidade em busca de emprego. Segundo Mariosa, esse processo aconteceu tardiamente. Quando os negros chegaram à cidade, a área central urbana já estava toda ocupada pelos imigrantes, impossibilitando os negros de construir suas moradias nesse espaço. Então, essas pessoas tiveram que se abrigar nas periferias, formando bairros inteiramente de pessoas negras. A autora afirma que essas regiões não possuíam a mínima infraestrutura, como acesso à rede de esgoto, iluminação pública, etc. (MARIOSA, 2009). Todas essas questões criaram uma esfera de discriminação e segregação na cidade, onde até hoje os negros ocupam espaços marginalizados e têm menos acesso às políticas públicas.

Mariosa afirma que na década de 1920, quando os negros começaram a ocupar o espaço urbano, existiu em Juiz de Fora uma espécie de “*Apartheid*”²² (MARIOSIA, 2009). A Avenida Rio Branco, a maior avenida da cidade, que perpassa todo o centro, era onde se concentrava a maioria dos comércios e só podia ser circulada por pessoas brancas. Enquanto os negros circulavam na Avenida Getúlio Vargas, região mais marginalizada do centro. Até hoje é possível notar os reflexos dessa segregação. A Avenida Rio Branco ainda é mais ocupada pela classe média e pela elite juiz-forana, é onde estão os maiores empreendimentos imobiliários, se concentram os escritórios e as lojas mais caras. Enquanto que a Avenida Getúlio Vargas é ocupada pelas camadas mais populares, é lá que estão os pontos dos ônibus que ligam o centro às periferias da cidade, causando uma intensa circulação dessas pessoas no local. Na Getúlio Vargas é onde existe também uma concentração de comércio popular, onde se situam os camelôs, ambulantes e comércios alternativos, e onde se pode encontrar mais pessoas em situação de rua. Também é o lugar que carrega o estigma de ser perigoso. Essas questões evidenciam como a discriminação econômica e principalmente social são intensas na cidade.

Hoje, Juiz de Fora tem uma população de cerca de 500 mil habitantes. Foi considerada, segundo dados do IBGE, como uma das cidades brasileiras com melhores índices de qualidade de vida. A cidade tem um PIB per capita de R\$ 6,2 mil e uma das mais altas expectativas de vida do Brasil. Juiz de Fora também se destaca no ranking de desenvolvimento humano da Organização das Nações Unidas (ONU)²³.

Embora a cidade tenha números positivos de Desenvolvimento Humano, não é essa a realidade das periferias juiz-foranas, as quais são excluídas e distanciadas do centro, sofrem com o crescimento desenfreado da cidade e a expansão imobiliária, que cada vez mais comprime as periferias. Estas convivem com a exclusão social, falta de emprego, falta de mobilidade e oportunidade. São afetadas por dificuldades de acessos em determinados espaços, e pela escassez de políticas públicas básicas como saúde, educação, cultura, saneamento, infraestrutura, transporte, etc. Esse conjunto de problemas e exclusões tornam as periferias da cidade cada vez mais violentas, e a falta de segurança também é uma questão que afeta essa população.

²² Regime de segregação racial existente na África do Sul durante as décadas de 1948 e 1994. Tinha como uma das características a limitação de espaços que poderiam ser circulados por pessoas negras.

²³ Informações retiradas em: PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. História da Cidade. Disponível em: <<https://pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>>. Acesso em: 13 maio 2023.

Juiz de Fora, como muitas cidades brasileiras, tem sua história e realidade marcada pelos contrastes. A cidade formada por trabalhadores às margens da estrada Caminho Novo, se tornou uma das principais rotas do ouro no país, sendo uma das maiores produtoras de café da região. Ao mesmo tempo que era a cidade com o maior número de escravizados dentro da província com o maior número de escravizados do país. O município, que já foi exemplo de modernidade, considerado a Manchester Mineira, foi o mesmo que empurrou a sua população negra para a periferia, afastando-a do centro, discriminando e privando essas pessoas de acessos básicos. Hoje, é uma cidade considerada referência em qualidade de vida, mas ainda convive com a realidade da desigualdade, mantendo os negros e a periferia distantes dessa qualidade de vida.

É sobre esses contrastes existentes na cidade de Juiz de Fora que os/as poetas *Slammers* expressam através de suas performances, principalmente quando contam suas realidades nas poesias. Quando Sophia Bispo, em um evento de luta pelo Dia Internacional das Mulheres realizado no Parque Halfeld — praça histórica localizada no centro da cidade — declama seu poema e grita ao público que o “verdadeiro nome da praça deveria ser Rosa Cabinda”²⁴, concretiza uma denúncia sobre toda essa desigualdade existente na cidade e reivindica que a história e a luta do povo negro sejam reconhecidas. O slam levanta todas essas questões, questiona as heranças escravocratas, luta pelo fim da discriminação, reconta a história, reivindica mudanças sociais e ocupa os lugares da cidade, quebrando esse ciclo de segregações.

A história do slam na cidade de Juiz de Fora é marcada pela luta da periferia pelo seu lugar de fala, pelo uso da sua voz, por poder transmitir conhecimento e entretenimento para o povo. Ela está também ligada à luta de mulheres de periferia para uma vida de qualidade para os moradores dos seus bairros. Em entrevista que realizei com a poeta Laura Conceição em fevereiro de 2023, a artista afirmou que o primeiro slam da cidade

²⁴ Rosa Cabinda foi uma mulher escravizada pelo Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld, dono das terras onde hoje se localiza o Parque Halfeld. Rosa Cabinda travou uma luta na justiça contra o seu senhor durante anos para conseguir comprar sua liberdade legalmente. A lei do *Ventre Livre* garantia que escravizados que estivessem aptos poderiam pagar pela sua alforria. Cabinda ofereceu ao seu senhor o valor de 300 mil réis e ele não aceitou, alegando que ela valia 400 mil. Ela então entrou na justiça contra ele e, depois de muito recorrer à justiça que o seu valor de fato era de 300 mil réis, conseguiu conquistar sua alforria. Halfeld recebeu diversas homenagens na cidade, nome de praça, de rua, até titulação com o seu nome na Câmara dos Vereadores existe. No entanto, o nome de Rosa Cabinda por muito tempo ficou apagado, sua história e sua luta foram invisibilizadas, mas hoje o Movimento Negro da cidade conta a sua história e reivindica que a praça que recebe o nome do seu explorador tenha o seu nome.

foi o *Slam de Perifa*, sua primeira edição aconteceu em 2017, tendo sido organizada pelos integrantes do coletivo *Vozes da Rua*. Para tratar sobre a história do coletivo *Vozes da Rua* e todo processo que levou a criação do primeiro slam de Juiz de Fora trago os relatos contados no artigo, *A caminhada é uma construção coletiva e a filosofia não se separa da vida...*, da filósofa e líder comunitária de Juiz de Fora Adenilde Petrina Bispo (2020).

Para falar do coletivo, é necessário falar sobre a história do bairro Santa Cândida, carinhosamente chamado de “Candinha” pelos seus moradores (BISPO, 2020), e a luta dos seus habitantes para levar políticas públicas básicas para o bairro. Toda essa história também se entrelaça com a história de uma moradora do bairro que é o nome de maior importância para a cultura *Hip Hop* na cidade, Adenilde Petrina, Doutora em Honoris Causas pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Segundo Adenilde Petrina Bispo, o bairro Santa Cândida começou a se formar na periferia de Juiz de Fora por volta do ano de 1965. Assim como muitos bairros das periferias da cidade, esse era um local que não possuía condições básicas para garantir qualidade de vida para os seus moradores. A região começou a se formar em um local de pastagem, na época não tinha água, luz, esgoto, não tinha igreja, não tinha escola, mas tinha muito desejo de mudança (BISPO, 2020). Diante de tantas demandas, moradores e moradoras do bairro se reunirão para lutarem pelos seus direitos. Essa luta era encabeçada pelas mulheres que criaram uma associação denominada *Sociedade Pró Melhoramento do Bairro Santa Cândida* (BISPO, 2020), e dessa organização surgiram outros movimentos, sociais, artísticos, políticos e culturais, como o grupo de teatro *Nois Todos*, que foi inspirado do *Teatro do Oprimido* de Augusto Boal, no qual eram estudadas e criadas peças curtas de teatro como forma de comunicação, informação, conscientização e diversão (BISPO, 2020).

Outro fruto da organização da associação do bairro foi a rádio comunitária *Mega FM*. Segundo Bispo (2020), a rádio surgiu de forma orgânica e representava a união dos moradores e uma forma de quebrar as opressões sociais através da arte e da produção de conhecimento (BISPO, 2020). Tudo começou a partir dos *bailes blacks* que aconteciam no bairro. Existia uma equipe de som que fazia os bailes denominada *SpaceLab*, a equipe foi criada pelo DJ conhecido como Nono. O Dj Nono criou um projeto juntamente com os alunos do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Professor Cândido Motta Filho, localizada no Santa Cândida, e criou uma rádio escolar que funcionava nos intervalos das aulas (BISPO, 2020). Desse projeto surgiu a ideia de criar uma rádio comunitária inspirada em uma rádio de Belo Horizonte chamada *Rádio Favela de BH*. A ideia do

projeto era ir contra os meios de comunicação hegemônicos, levando arte, cultura, informação e conhecimento de qualidade para o povo da periferia, totalmente feito pelas pessoas da periferia. Criando assim, a rádio comunitária *Mega FM*.

A rádio *Mega FM* fez muito sucesso entre os moradores do bairro, tendo programação de todos os tipos, que atraía todos os grupos e que valoriza a cultura negra e de periferia. No entanto, no Brasil, existe uma lei presente na Constituição Federal intitulada de *Lei da Concessão de Rádio e Televisão*. Essa lei dá ao Estado o direito de explorar diretamente os serviços de rádio e tv. Sendo assim, o Estado é quem é detentor desses meios de comunicação. Para conseguir administrar uma rádio, a empresa ou organização deve pagar uma concessão ao Estado que dura por dez anos. Apenas após a concessão é que se tem o direito de funcionamento das rádios e canais de televisão.

Portanto, a empresa ou organização que pretende manter um meio de comunicação no Brasil precisa arcar com os gastos públicos da concessão. Essa questão em muitos casos inviabiliza a existência de rádios comunitárias, mantendo a informação nas mãos de grandes empresários da comunicação, enquanto silencia iniciativas que partem de grupos marginalizados. Foi o que aconteceu com a rádio comunitária do bairro Santa Cândida. Em 2007, a *Mega FM* foi fechada pela Polícia Federal pelo não pagamento da concessão. Adenilde Petrina Bispo afirma que o fechamento da rádio foi uma forma de silenciamento e diz que, “fomos processados e calaram a nossa voz, mas não calaram nossas ideias e nem nossos pensamentos” (BISPO, 2020). Segundo Adenilde Petrina, a comunidade encontrou na cultura *Hip Hop* uma forma de não se calar, criando o coletivo *Vozes da Rua*, cujo objetivo era dar continuidade ao trabalho realizado pela rádio comunitária e levar para a comunidade, o conhecimento, considerado o quinto elemento da cultura *Hip Hop*²⁵. O coletivo se envolveu em diversos projetos que levavam conhecimento e cultura para as escolas e periferias da cidade. Em 2017, os integrantes do coletivo criaram o primeiro slam da cidade, o *Slam de Perifa*, que foi o responsável por fazer expandir a cultura da poesia marginal entre os/as jovens das periferias da cidade.

Toda história da *Rádio Mega FM*, do *Coletivo Vozes da Rua* e do *Slam de Perifa* existem graças ao empenho dos moradores do bairro Santa Cândida e principalmente de uma mulher, Adenilde Petrina Bispo que, segundo seus próprios relatos em seu artigo,

²⁵ A ideia do quinto elemento do *Hip Hop* foi criada pelo MC Afrika Baambata. Ele foi o criador da perspectiva do movimento como uma forma de luta social, sendo assim, além do *rap*, do *DJ street dance* e o *Grafite*, o *Hip Hop* também conta com um quinto elemento, que seria a consciência.

participou ativamente da luta comunitária do seu bairro, da criação de rádio e do coletivo e se tornou símbolo dos movimentos de periferia da cidade. Adenilde Petrina Bispo, uma mulher negra e líder comunitária, que iniciou a sua luta política aos dezoito anos através da *Sociedade Pró Melhoramento do bairro Santa Cândida*. Desde então, segue a luta pela cultura de periferia da cidade.²⁶ Nas minhas observações da cena do slam na cidade, pude perceber como Dona Adenilde — como é carinhosamente chamada na cena — é respeitosamente pelos/pelas poetas da cidade. Ela é uma referência na cena de poesia, estando sempre participando dos eventos, sendo chamada para dar suas palavras, sendo reverenciada e lembrada nas poesias. É possível notar o carinho e o respeito com que ela é tratada quando está presente nos eventos. Além de Dona Adenilde, todos os outros/outras poetas que fazem e fizeram parte do *Coletivo Vozes da Rua* também são sempre tratados com respeito nos slams.

Portanto, toda cultura do slam de Juiz de Fora é marcada pela luta da periferia, pela luta das mulheres e do movimento negro. As histórias de Tay, Sophia Bispo e Laura Conceição também perpassam por toda essa história de exaltação de suas identidades e de propagação de uma produção de conhecimento realizada na periferia e para a periferia.

O slam dá aos poetas a possibilidade de pertencer à cidade, de explorar todos os seus equipamentos, ocupar seus espaços e circular por diferentes lugares. Em uma conversa com a poeta Tay ela destacou a importância de uma pessoa vinda da periferia, como ela, ocupar um espaço como o Cine-Theatro Central para fazer sua arte. Tay é nascida e criada em São Damião, bairro de periferia localizado na Zona Norte da cidade. O local sofre diversos estigmas por ser afastado do centro, ser uma região pobre e com muitos casos de violência, além de também ser onde se localiza o canil municipal da cidade. Todos esses fatores acarretam estigmas sociais vivenciados pelos/as moradores/as do bairro. Tay destaca a importância de pessoas vindas de locais como esses, estarem ocupando um espaço como o Cine-Theatro Central, um lugar onde ela não tem costume de frequentar devido o afastamento que pessoas como ela têm desses ambientes, mas agora graças a poesia, é possível quebrar todos esses paradigmas e ocupar esses espaços como em um ato revolucionário.

²⁶ Informações retiradas em: COSTA, Larissa. Adenilde Petrina: a história da rádio que marcou a luta do povo negro em Juiz de Fora. Brasil de Fato, Belo Horizonte 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/23/os-poderosos-nao-querem-que-a-gente-se-informe-para-nao-lutarmos-diz-ativista>>. Acesso em: 25 fev 2024.

A poeta Sophia Bispo destaca como a arte possibilita com que elas possam circular por diferentes lugares. Sophia tem orgulho de falar que é nascida e criada no bairro Retiro, periferia da Zona Sudeste da cidade. Em todas as suas apresentações, a poeta faz questão de dizer: “Retiro na área”, sempre fazendo uma referência ao bairro onde nasceu e foi criada. A poeta fala o quanto, através da arte e da educação, ela teve a possibilidade de ocupar diferentes espaços. Ela acredita que é importante as/os poetas marginais ocuparem praças e ruas de diferentes bairros levando poesia para todos e todas, mas também acha importante a poesia marginal estar em teatros, museus, equipamentos culturais, escolas particulares e públicas e universidades. Segundo a poeta, essa é uma forma de pessoas marginalizadas ocuparem espaços e espalharem suas mensagens.

A poeta Laura Conceição também destaca a importância de estar em diversos lugares levando a poesia. A poeta, que tem o costume de se apresentar em diferentes praças e espaços públicos da cidade, também se apresenta em espaços educativos, culturais, bares e casas de shows. Laura circula pela cidade indo em escolas, em diferentes bairros do centro à periferia, levando poesia para que cada vez mais jovens possam se expressar através dessa arte. Hoje morando no centro da cidade, a poeta reconhece a importância de levar as poesias para os bairros e periferias.

É importante dizer que o lugar de onde a pessoa vem é muito importante para a cultura do slam. É desse lugar que nascem todas as vivências que inspiram a poesia, é sabendo de sua origem que a/o poeta cria suas reflexões para fazer suas denúncias. Por isso, é sempre importante reverenciar o lugar de onde vem, no caso do slam, o lugar reverenciado é sempre a periferia. Durante o tempo que estive em campo, foi possível perceber que os/as poetas sempre se apresentam ao público falando o seu nome e o seu bairro de origem. Durante suas apresentações e poesias, o nome do bairro é sempre lembrado. Isso simboliza uma questão de identidade e pertencimento, mas também passa certa autoridade para suas poesias, demonstrando que eles são pertencentes à periferia e conhecem a realidade denunciada no poema. Quando tive a oportunidade de ser jurada em um slam, o *slammaster* ao me apresentar ao público, fez questão de perguntar de onde eu era. Ao saber que eu também era moradora de periferia, ele falou o quanto era importante que os jurades fossem pessoas desses lugares, pois essas pessoas conhecem a realidade contada nas poesias, me passando a credibilidade para ocupar aquele lugar devido à minha origem e vivência.

Observando a questão do público que participa do circuito poético em Juiz de Fora, e compreendendo a relação das/dos poetas *slammers* com os ambientes onde se

inserir, é importante destacar a interação da cultura slam com a cultura *Hip Hop*. Segundo Rose Mara Vidal de Souza (2015), o *Hip Hop* é um movimento cultural e político cujo termo foi cunhado em 1968 por Afrika Bambaataa, *DJ*, cantor, compositor, produtor e ativista estadunidense. Existem quatro elementos artísticos que compõem esse movimento, eles são:

MC (compositor do rap), *DJ* (artista e técnico que mistura músicas diferentes para serem ouvidas e/ou dançadas, usando suportes como vinil, *CD* ou arquivos digitais sonoros para “tocar”), *Break Boy* ou *Break Girl* (B. Boy - dançarinos) e Grafiteiro. (SOUZA, p. 5. 2015).

Todos esses elementos visam à produção e exaltação de sua identidade e de seu lugar de origem, o qual são as periferias. Além da reunião e transmissão de cultura para os/as jovens vindos desses espaços, a movimentação política através da arte, e a transmissão e produção de conhecimento através da poesia. Segundo Adenilde Petrina, o conhecimento é o quinto elemento do *Hip Hop* (BISPO, 2020). Existe o movimento de agregar mais elementos à cultura *Hip Hop*: algumas pessoas vão afirmar que o *Beatbox*, o *Skate*, o *Basquete de Rua* são o quinto elemento do *Hip Hop*. A verdade é que, além dos seus quatro elementos, essa cultura agrega outros tantos elementos originários da cultura negra, principalmente da cultura negra urbana e periférica. Sendo assim, o slam se encontra com o *Hip Hop* ao realizar arte de periferia. A poeta Sophia Bispo afirma que quem acolheu o slam de verdade foi a cultura negra e a cultura *Hip Hop*. Ela ainda afirma que o slam ainda não é um dos elementos do movimento, mas acredita que um dia será. Laura Conceição brinca que o slam e o *Hip Hop* são primos. A poeta Tay afirma que só se interessou pela poesia graças ao movimento *Hip Hop*. Outros/as poetas com quem conversei na minha pesquisa afirmam que não tem como pensar o slam sem pensar no movimento *Hip Hop*, pois esse movimento serve de inspiração para as poesias. Inclusive, a maioria das/dos poetas *slammers* transita também por outras artes que fazem parte dessa cultura. Sendo assim, a comunhão existente entre o *Hip Hop* e o slam é intensa, e os espaços de *Hip Hop* se tornam um espaço de vivência e circulação entre as/os poetas.

Um dos eventos em que pude observar essa relação foi no evento do *Space Hip Hop*, em Juiz de Fora. O evento é organizado por um coletivo, de mesmo nome, composto por artistas que praticam artes que compõem os quatro elementos dessa cultura. Segundo

postagens das redes sociais do grupo²⁷, o *Space Hip Hop* foi criado para reivindicar espaços urbanos para a ocupação e manifestações artísticas. O espaço ocupado é o Viaduto Helio Fádel Araujo, que fica localizado na região central de Juiz de Fora, e que liga duas Avenidas de grande circulação da cidade, a Av. Francisco Bernadino e a Av. Brasil. Segundo os organizadores, o intuito de ocupar esse espaço é justamente propagar a cultura Hip Hop, que segundo eles “é uma cultura de rua para a rua”, levando para um local de fácil acesso onde todos possam admirar a arte.

O primeiro evento do *Space Hip Hop* aconteceu em dezembro de 2021, com apresentações e competições de *Rap*, *Breaking*, *Beats* e *Grafite*. Desde então, ele vem acontecendo uma vez por mês, reunindo pessoas que praticam e admiram arte de rua. No *Space Hip Hop*, ainda não há competição de poesia, mas ele é um ambiente frequentado pelas/os poetas, que também compartilham dessa cultura. Além disso, as/os poetas são sempre convidados para fazerem *pocket show*. Tive a oportunidade de prestigiar um evento do *Space Hip Hop* acompanhando a poeta Sophia Bispo com o coletivo *Sararau Crioulos*. Na ocasião, o coletivo ia fazer o *pocket show*. Acompanhei a preparação do coletivo antes do evento para a apresentação, e os integrantes do grupo aproveitando o evento e o show.

Sem dúvidas, é possível notar que o ambiente do *Hip Hop* é o ambiente da poesia marginal, é o ambiente onde as/os poetas *slammers* se sentem de fato pertencentes. De todos os espaços que pude ir acompanhando as poetas, o espaço do *Hip Hop* foi onde pude perceber que elas se sentiam mais à vontade. Elas vão aos eventos, aproveitam o ambiente e compartilham com os presentes suas vivências. No evento do *Space Hip Hop*, as/os poetas aproveitaram a festa, vibraram com as competições, encontraram amigos e pessoas que vinham até elas/eles para conversar sobre poesias, parcerias artísticas e os mais variados assuntos. Era como se todos que estavam ali compreendessem de fato tudo que estava nas letras dos poemas, não só pelo impacto das rimas, mas por compartilharem as mesmas vivências.

²⁷ ESPAÇO HIP HOP. Espaço Hip Hop. Juiz de Fora, 12 dez 2021. Instagram: @space_hiphop. Disponível em: https://www.instagram.com/space_hiphop/. Acesso em: 31 jan 2024.

2.3. Universo digital como aliado na cultura do Slam

Como dito anteriormente, o afastamento social provocado pela pandemia do Covid-19 transformou a realidade das relações em encontros virtuais. Com o slam, a realidade virtual não foi diferente. Os eventos presenciais tiveram que ser cancelados, sendo substituídos por slams virtuais. Essa realidade mudou um pouco as características da cena que tinha o encontro, a troca e a ocupação dos espaços como eixos centrais.

Devido a realidade do momento, os participantes dos slams tiveram que lidar com os afastamentos criados pela tecnologia. Inclusive, era comum nesses eventos ouvir os *slammasters* dizendo frases do tipo: “que saudade da presença do público”, “que saudade das comemorações e dos aplausos”, “que saudade de ver o momento de troca onde o público presenteava os poetas”, “que saudade dos abraços”. Essas frases demonstram a nostalgia que o distanciamento criou por propiciar um afastamento dos símbolos que representavam a essência do slam, como o encontro, a sessão de estar em comunidade, o compartilhamento, as trocas, a emoção da representação, as trocas de afetos. Tudo isso fazia falta, como se a competição tivesse perdido parte importante da sua essência, a qual é exatamente a celebração do encontro.

Além disso, a configuração dos slams também mudou, o que antes eram eventos pequenos ao nível regional com competidores que faziam parte ou tinham proximidade com o grupo organizador, criou proporções maiores e começaram a ser transmitidos em redes sociais, tendo mais alcance de público e competidores. Pessoas de todos os lugares do país podiam participar das competições, diminuindo as fronteiras regionais e permitindo o compartilhamento cultural. A tecnologia permitiu que poeta do Pernambuco participasse do *Slam MG*, que poetas de Minas Gerais competissem em slam no Rio de Janeiro, São Paulo e assim por diante. Ao mesmo tempo que em alguns pontos a tecnologia criou certos afastamentos, em outros ela proporcionou proximidades, possibilitando uma maior interação entre grupos, poetas e público. Derrubando algumas barreiras que dificultavam esse contato. Essa expansão da cena nas redes sociais fez com que as/os poetas ganhassem mais visibilidade, permitindo conhecer mais nomes que fazem parte desse universo e conhecer mais dos seus trabalhos.

O objetivo inicial desta pesquisa não buscava trabalhar com análise de redes sociais, mas as condições que o cenário social impôs fizeram com que esse formato de análise fosse necessário. O uso do método segue as recentes tendências da antropologia que analisa a influência das tecnologias nas interações sociais. Em seu artigo sobre os

fundamentos da etnografia digital, Cláudia Pereira Ferraz (2019) afirma que esse formato de pesquisa não anula os métodos da etnografia tradicional, que busca o contato direto com a tradição estudada. Segundo a autora, esse método deve ser visto como um aliado importante para a compreensão da cultura contemporânea, que está cada vez mais relacionada com a tecnologia.

O uso da etnografia digital traz para a antropologia mudanças na forma de observar e de iniciar e manter contato com os interlocutores. O que na antropologia clássica necessitava de encontros pessoais e contatos reais para iniciar a pesquisa, com a experiência digital, esse processo é substituído por busca em sites e em redes sociais. O contato inicial pode ser substituído por mensagens, como foi o caso utilizado na presente pesquisa. Sobre essa questão, Ferraz afirma que:

Na Antropologia clássica, os livros, informantes e percursos terrestres eram tidos como a condição para os contatos preliminares no início pesquisa, no entanto, na esfera atual das relações sociais em rede, são comumente substituídos por ícones em telas conectadas via on-line. Portanto, é a partir da entrada nos sites de busca e nas redes sociais onde se encontram as referências preliminares das diferentes temáticas do estudo, correspondendo ao lugar onde se inicia o emprego da etnografia. (FERRAZ, 2019, p. 48).

No presente trabalho, a observação digital foi utilizada para criar uma inserção no campo estudado. A partir da observação em redes sociais, foi possível conhecer melhor o grupo, fazer o primeiro contato com as interlocutoras e adquirir conhecimento sobre os eventos que estavam acontecendo. Ferraz afirma que a etnografia digital possibilita uma extensão do método etnográfico por proporcionar o encontro de uma série de dados (FERRAZ, 2019). Portanto, o contato on-line pode ser utilizado como um princípio da análise, onde a conexão por meio de redes sociais pode ser o primeiro contato para identificar o que será estudado e iniciar a relação com o grupo. Essa forma de contato reforça os métodos clássicos de introdução ao campo, utilizando artifícios contemporâneos para facilitar o contato.

A utilização da tecnologia proporciona novas formas de interações e coleta de dados. É necessário estar atento às normas culturais existentes nas redes para a análise ser realizada. Normas de grupos, páginas, publicações devem ser consideradas para a realização da pesquisa. Com relação ao método de coleta, as próprias tecnologias existentes possibilitam estruturas que facilitam a pesquisa em plataformas digitais, contando com diversos dispositivos para análises múltiplo-situadas pela disponibilidade

de recursos de câmeras de vídeo e voz, por exemplo; e nos diversos modos de publicações em distintas mídias sociais (FERRAZ, 2019). Para a construção da presente pesquisa, foram utilizadas plataformas de mídias digitais, mensagens, videochamadas e gravações.

As mídias sociais são espaços de trocas, nelas são reproduzidas relações culturais existentes ao mesmo tempo que se produzem formas próprias de interações. A partir da observação desse campo, é possível criar uma noção de como as interações de um grupo ocorrem, para além desse ambiente, estimulando indagações sobre as interações do grupo fora do ambiente digital que possibilitam novas questões e metodologias para dar prosseguimento à pesquisa. Nesse sentido, o trabalho busca, através da observação de mídias digitais, introduzir no universo estudado e, a partir dessa experiência, buscar formas de compreensão e inserção da cena do slam na cidade de Juiz de Fora.

Foi aproveitando a expansão do slam nas redes sociais que iniciei o meu trabalho de observação. Inicialmente, o intuito era conhecer a cultura do slam, compreender o que de fato era a competição, como ela se organiza, como funcionam as regras. Quem são os participantes, como ocorrem as interações na cena, quais são os símbolos compartilhados e como o slam se mantém como arte e manifestação política.

Para identificar essas questões, comecei a seguir nas redes sociais, *Instagram* e *Facebook*, páginas de grupos de slam, busquei os mais conhecidos da cidade de Juiz de Fora, e a partir disso comecei a encontrar grupos de outras cidades de Minas Gerais e de outros estados, além das páginas do *Slam MG* e do *Slam BR*.

Me atentei ao processo de divulgação das competições nas redes sociais, nesse momento pude identificar que existe na cena uma perspectiva de chegar até o *Slam BR* que é o slam nacional. Existe um processo pelo qual os/as poetas passam até alcançarem a maior competição do país. Primeiro, os grupos locais se organizam em competições menores para escolher qual será o/a representante do grupo na competição do estado. Essas competições podem ocorrer em mais de uma eliminatória até que se tenha um representante. Cada grupo inscreve os seus representantes no slam do seu estado, que no caso observado nesse trabalho foi o *Slam MG*. Nessa competição, participam os classificados dos *slams* do estado de Minas Gerais. A disputa é dividida em três chaves, onde as/os poetas realizam três apresentações. Os/as três poetas que ficaram com as maiores notas passam para a final. Cada chave ocorre em um dia diferente e as apresentações das/dos poetas são intercaladas por outras atrações artísticas como música, performance, *Dj* e mais poesia. A final sempre é realizada como um evento de celebração

da poesia, é um momento de se falar um pouco mais sobre a cultura do slam, de apresentar outras/outros poetas, de parabenizar os/as competidores e homenagear poetas.

Os três poetas que ganham as competições estaduais vão representar o estado no *Slam BR*, essa é a maior competição do Brasil. Ela é organizada pelo *ZAP* (Zona Autônoma de Palavras), recebe financiamento governamental e de empresas privadas para acontecer, e tem como *Slammaster* a poeta Roberta Estrela D'alva. Essa competição é maior por ter poetas representantes de diferentes estados. Não são todos os estados que participam, pois não são todos que têm competição estadual de slam. Por isso, acabam não levando seus representantes para o nacional, mas todas as regiões são representadas. Pela quantidade de competidores, a competição acaba tendo entre quatro e cinco chaves, seguindo as mesmas regras de sempre na disputa. Os vencedores recebem o troféu, premiação em dinheiro, outros prêmios como livros e têm a chance de representar o Brasil em competições internacionais, como a competição da América Latina e a Mundial.

Acompanhando os slams virtuais, pude perceber que a cena do slam, principalmente na cidade de Juiz de Fora, se entrelaça com a cena da poesia marginal em geral, se envolvendo também com sarais e batalhas de *MC's*. Uma vez, o poeta PretoVivo, um dos principais nomes da poesia na cidade, me falou que não é possível pensar o slam sem pensar na cena poética, e não tem como pensar na cena poética sem pensar o slam, está tudo interligado e um completa o outro.

Sendo assim, refletir sobre o slam se tornou algo muito mais vasto e dinâmico do que imaginava. Considerando o tamanho do objeto que iria ser estudado e que gradualmente pude perceber que a arte no slam parte da vivência dos/as competidores, resolvi compreender a cena a partir da vivência das competidoras. Para a pesquisa, resolvi acompanhar três poetas, todas elas com vidas marcadas pelas opressões de questões como gênero, raça, classe, sexualidade e tantas outras. A escolha por essas mulheres partiu das observações feitas nos slams virtuais, com exceção de Laura Conceição, a qual já conhecia o seu trabalho. Tay e Sophia Bispo conheci acompanhando os eventos virtuais. A escolha foi feita com base nas poesias das poetas, optei por analisar poemas de cunho social e que apresentassem os discursos de classe, gênero, raça e sexualidade interseccionalmente em suas letras.

Outra questão levada em consideração para a escolha foi a importância dessas mulheres para a cena do slam de Juiz de Fora, e o desempenho que elas apresentaram em slams estaduais e no nacional.

Tay foi campeã do *Slam da Ágora* no ano de 2020, foi classificada para o *Slam MG* e ficou entre as campeãs. Foi classificada para o *Slam BR* onde representou Minas Gerais, chegando para a final, mas não ficou entre as vencedoras.

Sophia Bispo foi campeã do *Slam Batalha da Ágora* em 2021, foi classificada para o *Slam MG* onde também ficou entre as finalistas, e foi representar o estado no *Slam BR* onde não foi classificada para a final.

Laura Conceição já havia feito o mesmo processo do que as outras poetisas nos anos anteriores, ganhando slams em Juiz de Fora, indo para o *Slam MG*, e representando o estado na competição nacional. No entanto, desde quando comecei a acompanhar a cena do slam, a Laura tem participado de competições fora de Minas Gerais. Em 2021, a poeta foi campeã do *Slam Resistência* da cidade de São Paulo, foi classificada para o *Slam SP*, onde ficou entre as campeãs, e representou o estado de São Paulo no *Slam BR*. O processo que a Laura Conceição fez de participar em slam de outro estado e representar esse estado na competição nacional é algo comum. Quando as/os poetisas criam um certo reconhecimento na cena nacional, elas/eles começam a expandir o seu leque de competições e saem de suas cidades, competem em outros lugares. No caso da Laura, isso se relaciona também com sua carreira de cantora, acompanhando a sua rotina de shows e o crescimento do reconhecimento do seu trabalho em outros estados.

Nesse sentido, o slam também se compara às outras carreiras artísticas das poetisas, uma vez que, colabora com o aumento da visibilidade delas e faz com que expanda o público que as acompanham em seus trabalhos. O slam serve em muitos momentos como um espaço para dar visibilidade à carreira artística dos/das poetisas, por esse motivo essa expansão para outras cidades é tão comum. No ano de 2022, Sophia e Tay também foram classificadas para o *Slam MG*, e Laura Conceição foi classificada para o *Slam SP*. Porém, nenhuma delas foi para o *Slam BR* nesse ano.

Após ter feito a escolha das poetisas que iriam ser acompanhadas, comecei a observar suas movimentações pelas redes sociais. Inicialmente, a observação se deu por meio de páginas de grupos de slams, eventos de poesias e de espaços culturais da cidade. O objetivo era compreender um pouco mais da cena poética da cidade, quem eram os seus frequentadores e como minhas interlocutoras se posicionavam nesses espaços. Com isso, foi possível planejar os objetivos da pesquisa, para, quando fosse possível, fazer observação participante dos eventos.

A poeta Laura Conceição tem uma carreira artística mais consolidada do que as outras interlocutoras, por esse motivo ela é a que tem a rede social mais ativa para a

divulgação do seu trabalho. Comecei segui-la na sua página do *Instagram*, onde a artista faz divulgação do seu trabalho, tanto como poeta como cantora. Ela realiza postagem de poesias e divulgação de eventos que participará. Nessa observação, pude perceber a importância e reconhecimento que a poeta tem na cena do slam, não apenas na cidade de Juiz de Fora, mas também no território nacional. É comum que a Laura seja convidada para eventos de poesia e outros, para apresentar a sua arte. Essa questão demonstra a importância da Laura para a pesquisa, uma vez que ela acompanha a cena do slam na cidade desde o seu início e fomenta a cena levando o nome do slam de Juiz de Fora para outros lugares. Além de também ser inspiração para muitas poetas, em diferentes ocasiões pude notar seu nome e seus poemas sendo citados em poesias de outras/os artistas. Laura é sempre lembrada nos eventos, é chamada para fazer apresentações, e sempre que se fala sobre a cena da poesia em Juiz de Fora, até mesmo entre leigos, ela é a primeira a ser lembrada. Sua movimentação nas redes sociais durante o período de isolamento social demonstrou bastante essa questão. Ela sempre estava sendo chamada para participar de lives e entrevistas, além de também ter participações importantes em slams virtuais de diferentes cidades e estados.

As outras interlocutoras usam suas redes sociais de forma mais pessoal. Sophia Bispo compartilha, com sua amiga, uma página no *Instagram* chamada “*A Alma Ama*”. Nessa página, elas compartilham poesias, desenhos e realizam a divulgação do curta “*A morada*”, que elas produziram durante a pandemia. As postagens na página foram regulares, compartilhando arte e atraindo um número considerado de público. Em 2022, elas decidiram dar um tempo nas postagens por questões pessoais, deixando para os seguidores uma mensagem de até breve. A página continua ativa, mas desde então não é feita mais nenhuma postagem dela.

Sophia tem o seu perfil pessoal que também utiliza para fazer divulgação dos eventos e slams que participará, e dos eventos do coletivo *Sararau Crioulos* e da *Damata Cultural*, nos quais ela faz parte. Faz compartilhamento dos registros desses eventos, além de também fazer postagens sobre as outras artes que ela pratica. Na observação das suas redes sociais, é possível notar que a carreira poética da Sophia vem crescendo consideravelmente. Gradualmente, o nome dela vai se tornando popular, não só na cena poética, mas também na cena artística como um todo. Sua presença é sempre marcada em eventos, principalmente quando é organizado por movimentos negros, femininos e da cultura *Hip Hop*. Também foi possível notar a constante mudança em suas poesias, como elas retratam sua realidade e como elas são expressas. Estas estão sempre mudando de

acordo com suas vivências. Durante a pandemia, por exemplo, a sua indignação com o então governo estava sempre presente em seus versos. Hoje, o seu poema já fala mais sobre seus sentimentos de revolta, ansiedade e amor, sua ancestralidade e identidade estão sempre presentes em suas letras. Isso faz com que o seu trabalho ganhe cada vez mais reconhecimento e prestígio na cidade.

Tay utiliza seu *Instagram* apenas para uso pessoal, raramente faz compartilhamentos relacionados à poesia. Quando isso acontece, é para compartilhar mídias de slams e eventos que ela participou, ou divulgar eventos do coletivo *Sararau Crioulos*. Durante a pandemia, ela estava participando de slams de forma mais regular e nesse período era possível identificar em sua rede mais postagem sobre poesia, além de sua participação em lives, eventos e entrevistas. Agora, devido ao seu trabalho, sua frequência em eventos e slams tem diminuído. Em muitos momentos, em minha pesquisa de campo, Tay me falou que era muito difícil para ela, enquanto uma estudante da classe trabalhadora, conciliar a sua vida com sua carreira na poesia. Segundo ela, trabalhar e estudar toma muito o seu tempo e acaba limitando um pouco sua participação nos eventos. Ela gostaria de participar mais, mas não consegue. Por esse motivo, a carreira da Tay na cena da poesia fica mais limitada à sua participação no coletivo *Sararau Crioulos* e nos slams e eventos organizados pelo coletivo e pela *Damata Cultura*. Suas postagens nas redes sociais se relacionam mais com a movimentação do coletivo.

Com a observação virtual, pude perceber que as redes sociais são uma importante ferramenta de divulgação e organização de slams e de eventos de poesia. Através dela se faz o chamamento dos poetas para participarem das competições, faz a convocação de jurades, sorteio de chaves, slams virtuais e divulgações de eventos e poetas. Portanto, ela funciona como um instrumento para fomentar a cultura do slam, servindo de ferramenta de divulgação para grupos e poetas. Sendo a rede social tão importante e tão utilizada na cena do slam, ela acabou se tornando de total importância também para a pesquisa. Além de identificar as poetas que estavam em evidência e auxiliar na escolha das interlocutoras, e acompanhar a carreira delas, e a cena do slam durante a pandemia, também serviu para saber sobre eventos e competições que aconteceriam na cidade. Para isso, acompanhei páginas de grupos organizadores de slam, grupos de poetas, perfis de outros/as poetas, páginas de movimentos sociais, principalmente do movimento feminista e do movimento negro, páginas de eventos e grupos de *Hip Hop*, e páginas de produção cultural na cidade. A partir disso, ficou mais fácil identificar quando os eventos iriam acontecer e quais eventos deveriam ser acompanhados.

Foi também através das redes sociais que fiz o meu primeiro contato com as poetas para iniciar a pesquisa de campo. Utilizei o *Instagram* para entrar em contato com as poetas e apresentar a proposta da pesquisa. Questionei se tinham disponibilidade para contribuírem com o trabalho, todas elas se mostraram interessadas pela temática da pesquisa, se propuseram a contribuir e aceitaram ser acompanhadas e entrevistadas. Como dito anteriormente, no início da pesquisa tive dificuldade de encontro com minhas interlocutoras, era raro elas me avisarem quando estariam participando de encontros e competições. Com isso, acabei me desencontrando com elas e perdendo muitos eventos. Para resolver essa questão, as redes sociais foram de total importância, pois, através delas, consegui acompanhar melhor a agenda de eventos da cidade.

2.4. Emoções possíveis dentro do slam

As metodologias de observação virtual continuaram sendo usadas durante toda a pesquisa como um auxílio no acompanhamento do grupo analisado. No entanto, assim que foi possível, dei início a realização da observação participante, acompanhando diretamente as três interlocutoras em eventos de poesia. Buscava pelas redes sociais a agenda de eventos pela cidade e entrava em contato com as poetas para saber se elas iriam participar e se poderia acompanhá-las. Quando possível, marcava encontro com elas e fazia minhas observações em suas companhias. Assim, pude perceber que as poetas circulam pela cidade em diferentes eventos, sendo eles específicos de poesia ou música, mas também outros eventos em escolas, universidades e de manifestação política. Levando a poesia para diferentes ambientes e estando onde a poesia está.

O primeiro contato presencial que tive com as poetas foi no evento de encerramento do *Julho das Pretas de 2022*. O *Julho das Pretas* ocorre para celebrar o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, o qual é comemorado dia 25 de julho. A data foi instituída em 1992 em San Domingo, República Dominicana, nesse dia aconteceu o *1º encontro de Mulheres Negras Latino-Americanas e Caribenhas*, onde foi proposto a união entre as mulheres, e visava denunciar o racismo e machismo enfrentados por mulheres negras, não só nas Américas, mas também ao redor do globo. No mesmo ano, a data foi reconhecida pela *Organização das Nações Unidas (ONU)*.²⁸ A

²⁸ Informações retiradas em: RAMOS, Gustavo Henrique Thomaz. Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. SIPAD UFPR. Disponível em:

data é lembrada como uma forma de celebração da identidade, da unidade e da conquista das mulheres negras, mas é principalmente um dia de reflexão sobre todas as opressões que sofremos na nossa sociedade e de luta pela conquista e manutenção dos nossos direitos. As ações do *Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha* se estendem por todo mês de julho, onde ocorrem palestras, rodas de conversas, cursos, oficinas, exposições e diferentes atrações artísticas. Em Juiz de Fora, os eventos são organizados pelo Fórum de coletivos e mulheres feministas da cidade, o *8M*, em parceria com outros movimentos sociais, como o *Movimento Negro Unificado (MNU)*.

Em 2022, a poeta Sophia Bispo foi convidada para participar do evento de encerramento do *Julho das Pretas*, que ocorreu no Museu Ferroviário, um importante espaço cultural e histórico da cidade. Nele ocorreu feira com empreendedoras negras e diversas atrações. Na ocasião, Sophia estava participando com suas habilidades de multiartista. Ela apresentou o curta *A morada*, que produziu juntamente com seus amigos. Além da exposição, a poeta também estava participando da feira vendendo o seu fanzine de poesia e doces. Sophia também participou de uma apresentação de danças urbanas com o coletivo de arte *Epifania*, do qual ela fazia parte.

No evento do *Julho das Pretas* tive a oportunidade de acompanhar duas das minhas interlocutoras, a Sophia Bispo e a Tay. Nesse momento, foi possível iniciar uma reflexão de como é a relação das poetisas com o movimento feminista, que pode ser vista como uma relação de proximidade, mas com uma independência. Ambas as poetisas são conhecidas na cidade pelas suas rimas contundentes de luta feminina, por esse motivo são sempre convidadas para participarem de eventos dos movimentos feministas, no entanto, nenhuma das poetisas participa organizadamente de grupos ou coletivos com essa pauta.

A poeta Tay afirma que já participou de um coletivo feminista, mas que saiu por questões pessoais. Ela também afirma que sente falta em Juiz de Fora de um coletivo feminista formado por mulheres negras. Segundo a poeta, o feminismo é um movimento muito importante, no entanto, em muitos casos falta dar mais atenção para as demandas das mulheres negras e de periferia. Tay afirma que voltaria para o movimento se fosse para participar de algum coletivo de mulheres negras.

Sophia Bispo afirma que já participou de algumas reuniões do *Fórum 8M*, mas não demonstra interesse em participar de algum movimento feminista. A poeta tem suas

críticas em relação ao movimento, principalmente relacionadas ao distanciamento com as pautas de alguns grupos discriminados. Ela afirma que prefere fazer sua militância através da sua arte e do seu trabalho.

Esses fatos não querem dizer que as poetisas não vivenciam ou façam parte do feminismo, mas sim que fazem sua militância da sua forma, através da arte e da sua expressão. Assim como em suas carreiras de artistas, as quais realizam seus trabalhos de forma independente, com o feminismo não é diferente, fazem suas lutas de forma independente, utilizando a arte como expressão e manifestação.

Essas questões puderam ser notadas durante o *Julho das Pretas*. Embora sejam conhecidas no meio feminista, as poetisas não participam de nenhum coletivo, mas sempre que são convidadas, contribuem para o movimento de mulheres. Em eventos como esses, é possível notar que elas não estão ali para levantarem nenhuma bandeira dentro dessa luta, mas sim para fazerem sua arte, que acabam se envolvendo com as pautas discutidas, criando uma forma própria de fazer suas militâncias e expressar suas indignações.

Em relação à inserção e interação das poetisas com esse grupo, foi possível notar que na maioria das ocasiões, as poetisas não se mostram tão inseridas como são em eventos de poesias ou de *Hip Hop*, os quais se sentem mais pertencentes. Segundo Sophia Bispo, “esses são os ambientes em que elas estão acostumadas e que elas gostam”. No exemplo do *Julho das Pretas*, foi possível perceber pouca interação das poetisas com as mulheres que fazem parte dos grupos feministas. As poetisas se mantiveram em seus grupos aguardando o momento para declamar, que na ocasião não aconteceu, pois as outras atrações atrasaram e não sobrou tempo para ocorrer a poesia. Em outros eventos feministas, também pude perceber que a relação das poetisas com os grupos feministas é a de não participarem ativamente, mas sempre estarem abertas para usar sua arte para fortalecer o movimento.

No evento, estava programado para ter *mic*²⁹ aberto e a Sophia ficou responsável por convidar as/os poetisas que iriam participar desse momento. Por esse motivo, tive a oportunidade de conhecer outros/outras poetisas que participam da cena. Eles/elas estavam divididos/as porque no Viaduto Helio Fádel, um importante espaço de encontro da cena do *Hip Hop* na cidade, que fica próximo ao Museu Ferroviário, estava acontecendo o

²⁹ Na cena do slam se utiliza a palavra *mic* para denominar o microfone. O uso da palavra faz referência a palavra em inglês *microphone*. O *mic* não simboliza apenas o objeto microfone, mas também o lugar de fala. Portanto, quando se diz que em algum evento terá “*mic aberto*”, significa que o espaço estará livre para que qualquer pessoa possa se expressar.

Slam da História. Alguns/algumas poetas decidiram ir um pouco em cada evento, enquanto alguns optaram por ficar em apenas um. No final das contas, os dois eventos ficaram esvaziados. Essa locomoção foi possível graças à forma com que o slam ocupa os espaços em Juiz de Fora. Por ser uma cidade de médio porte, o acesso ao centro se torna mais fácil, isso faz com que os eventos culturais aconteçam na maioria das vezes no centro, e geralmente em lugares próximos, sendo fácil migrar de um evento para o outro. No entanto, esse encontro de eventos na cena poética da cidade não é muito comum, o movimento é pequeno e na maioria das vezes os encontros são organizados pelos mesmos grupos, impossibilitando o encontro de datas e horários. No entanto, quando isso ocorre, geralmente o encontro é marcado por grupos diferentes, ou quando é um evento de algum movimento social que acaba acontecendo no mesmo dia que o slam. Durante o meu período de pesquisa, às duas vezes que aconteceu, foi quando teve evento do movimento feminista e as poetas tiveram que se revezar e se organizar para participar dos eventos.

Acompanhando a locomoção das poetas entre os dois eventos, saí do *Julho das Pretas* e fui para o Viaduto Hélio Fadel. Nesse dia, especificamente, o slam não aconteceu, isso porque o número de pessoas presentes não era o suficiente para ter o quantidade necessário de jurades. Comumente no slam, para a competição ocorrer é necessário que se tenha cinco jurades, sendo que a maior e a menor nota serão descartadas, independentemente se forem notas iguais. Sendo assim, ao final de cada rodada serão contabilizadas três notas. No entanto, essa regra não é fixa, assim como todas as regras do slam ela pode sofrer alterações dependendo do grupo. Em uma das minhas experiências de campo, presenciei uma competição onde avia apenas três jurades, inclusive nessa ocasião pude ter a experiência de ser jurada, nesse caso não foi descartada nenhuma nota. Independente de qual regra for adotada, para que o slam ocorra é necessário que se tenha no mínimo três jurades, quando não tem a competição é cancelada. Como a competição não aconteceu no lugar, teve um sarau onde as/os poetas apresentaram suas poesias.

O evento do *Slam da História* foi o primeiro que faz parte da cena da poesia da cidade que tive a oportunidade de acompanhar presencialmente como pesquisadora. Já havia participado de outros eventos como espectadora, inclusive, foram essas experiências como espectadora que me fizeram despertar o interesse por estudar a temática. No entanto, no *Slam da História*, foi a primeira vez que participei como alguém que estava ali para observar e analisar o ambiente e as relações existentes. O exercício do

olhar antropológico despertou minha reflexão para fatos que até então haviam passado por despercebido ou não haviam ganhado devida importância. Dentre esses fatos está a percepção de que o slam está intensamente ligado ao campo das emoções, não apenas no discurso empregado nas poesias, como já foi colocado neste trabalho, mas também na essência de comunidade e no compartilhamento de experiências. Essa questão pode ser observada em toda cena de poesia da cidade, seja em slams, sarais ou outros eventos onde as/os poetas participam do envolvimento com diferentes formas de emoções.

Na ocasião, foi também a primeira vez que tive a oportunidade de ver a poeta Tay declamando presencialmente. Foi então que consegui notar o impacto de sua performance para o público, como que ao declamar, a poeta consegue despertar em quem está prestigiando a sensação de representatividade que faz com que quem a vivencia experimente diferentes emoções. No evento, havia poucas pessoas participando, ao todo eram oito poetas que estavam declamando, sendo a Tay, e mais uma, as únicas mulheres. No público também eram poucos participantes, sem contar as pessoas que estavam participando da organização do evento, havia entorno de dez pessoas. Todos/as os/as presentes produzem e vivenciam a poesia, ou são pessoas que são admiradoras e estão acostumadas a prestigiar esse tipo de evento. Portanto, todos que estavam presentes de alguma forma já conheciam o trabalho da poeta Tay. Quando foi a sua vez de declamar, os/as espectadores/ras começaram a demonstrar suas emoções por conhecerem a potência da poeta, era possível ouvir expressões como, “nossa!”, “a brava!”, “essa é foda!” e outras. Por serem pessoas que já estão costumadas a estar em slam, o público já conhecia algumas poesias da poeta e estavam ansiosos para saber qual ela iria declamar, a escolhida pela poeta foi a que começa com um trecho da música *Cinderela* do grupo de rap Ao Cubo, quando a poeta começou cantando “Toda princesa, um dia, vai se tornar rainha, mas/ O tempo passa, o sonho acaba, só não pode olhar pra trás...”, foi possível notar pessoas falando: “Nossa! Não acredito que ela vai mandar essa!”.

Durante a declamação de uma poesia, o público deve ficar em silêncio. Nesse momento, as emoções se manifestam em forma de gestos que se tornam uma explosão de sentimentos através do corpo. As pessoas ficam extremamente focadas, nesses alguns minutos tudo se concentra apenas na poeta. Em cada palavra declamada, é uma mensagem que está sendo transmitida e o público, de alguma forma, responde a isso. Alguns respondem abrindo um leve sorriso, demonstrando a alegria de estar ouvindo e sendo tocado por palavras que representam tantas pessoas. Outros balançam a cabeça para cima e para baixo em um sinal de confirmação de tudo que ali está sendo dito. Outros ficam

com olhar fixo e colocam uma mão no rosto como em um sinal de admiração pela arte da poeta. Há aqueles que choram, ficam com seus olhos alagados, demonstrando o tamanho do impacto que poesia causa nas pessoas. Tem aqueles que não conseguem se conter e demonstram emoções mais intensas, se levantam, saem dos seus lugares, mostrando que às vezes é difícil se controlar diante de tanto entusiasmo. Existem aqueles que não conseguem se segurar e acabam liberando algumas expressões verbais, de forma baixa, no sussurro para não atrapalhar a apresentação, mas que é possível ouvir, como o “nossa!” ou alguns palavrões que demonstram toda euforia e admiração pelo que está sendo apresentado.

É comum notar as emoções sendo demonstradas em forma de aplausos realizados por meio de gestos. Nos slams que presenciei, foi possível notar que existem duas formas mais utilizadas para se fazer o aplauso silencioso. A mais comum é o sinal da “mão chifrada” (chifre com as mãos), cujo nome original é *mailok*. O símbolo é muito utilizado pela cultura *Rock and roll*³⁰. A “mão chifrada” passou a ser utilizada por vários grupos, principalmente aqueles ligados a alguns estilos musicais. No *Hip Hop* também é possível encontrar o seu uso, por esse motivo, ele também é utilizado no slam. O movimento é realizado com as mãos para cima, fazendo movimentos que vão para cima e para baixo como se estivesse realizando um andamento rítmico (*beat*) com o corpo. Ele é utilizado para aplaudir em silêncio a poesia como forma de afirmação e admiração do que está sendo pronunciado pela/pelo poeta. Outra forma de aplaudir a/o poeta é com uso do sinal de aplausos em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), com as duas mãos abertas para cima efetuando gestos de vibração. Esses sinais são utilizados para exaltar a apresentação e expressar a emoção enquanto o poema está sendo recitado.

Quando a poeta termina sua apresentação, é o momento de as emoções serem verbalizadas por quem está assistindo. A performance da poeta Tay sempre chama muito a atenção do público, suas palavras trazem a realidade da periferia e das mulheres negras de uma forma que inspira, mas também carrega outras emoções como a raiva e a

³⁰ O símbolo do *mailok* carrega diferentes significados dependendo do contexto em que é empregado. Sua história remota às tradições místicas europeias do Período Medieval, era utilizado como proteção para afastar os maus espíritos, foi levado para a cultura do *rock* pelo cantor Ronnie James Dio que começou a utilizar o gesto em homenagem à sua avó. Informações retiradas em: FAWKES, Patricia. A “mão chifrada” significa exatamente o contrário do que falaram pra você. Associação Cultural do Rock, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://acrock.com.br/artigo/a-mao-chifrada-significa-exatamente-o-contrario-do-que-falaram-pra-voce>>. Acesso em: 25 fev 2024.

indignação. Quando a poeta terminou, foi possível ouvir aplausos, gritos, assovios e palavras de elogios como, “maravilhosa!” e “ arrasou!”. É comum também as pessoas irem até os/as poetas para conversarem e elogiarem suas poesias.

Todas essas emoções fazem parte da essência do que é o slam, um ambiente de arte unida com lutas e vivências, onde artistas e público compartilham emoções, transformando dores, raivas, amores e alegrias em forma de expressão que dá voz aos sentimentos dos jovens de periferia.

No sarau que aconteceu no *Slam da História* as/os poetas se revezaram em diversas rodadas para declamarem poesias de sua escolha. No caso dos sarais, não é necessário que o poema declamado seja de autoria própria, por isso, as/os poetas declamavam poesias suas e de outros poetas. Nesses momentos, pouco se vê sendo declamado poemas clássicos da literatura brasileira, ou poemas de grandes nomes da literatura atual. Esses não são totalmente esquecidos, mas são pouco falados, estão mais presentes como referências nas letras das poesias do que como o centro das performances das/dos poetas. Na cena do slam é comum que se valorize as/os “poetas marginais”, as/os artistas independentes que estão no “corre” para fazer seu trabalho e espalhar sua mensagem. Portanto, nesses espaços se valorizam as poesias de poetas locais, artistas que fazem parte da cena da poesia marginal, poetas que são amigos.

Nesse sentido, acompanhar o sarau me fez ter o primeiro contato com a lógica de comunidade que existe dentro do slam, as/os poetas presentes conheciam de forma decorada as poesias um do outro. Quando um/uma poeta começava a recitar sua poesia, os outros vibravam e seguiam a declamação, ou então um poeta declamava alguma poesia de outro/outra poeta ali presente e todos reconheciam a homenagem que estava sendo feita. Essas reações são uma grande celebração da poesia e uma demonstração de afeto e admiração por todos/as que fazem parte da cena. Exaltar a poesia de um/uma amigo/a também é uma forma de resistência a uma sociedade que estimula rivalidades e competitividades. É uma comunhão de representações, de histórias que se cruzam, de emoções compartilhadas.

Na estrutura de comunidade existente no slam, cria-se um sentimento de pertencimento que possibilita o compartilhamento das emoções entre seus participantes. Ao analisar as manifestações políticas de povos originários da Colômbia, a antropóloga Myriam Jimeno (2010) cria a categoria de “comunidade emocional”. Essa categoria se refere à criação de laços emocionais entre pessoas que sofrem algum tipo de opressão social e que compartilham suas vivências e suas dores, assim criando no grupo uma noção

de pertencimento. A autora afirma que as emoções são expressões sociais, ela parte da relação com o grupo que cria juízos sobre o mundo dentro da perspectiva em que estão inseridos. Utilizando a teoria clássica de Evans-Pritchard em *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*, para reforçar sua ideia, a autora cita que as emoções não servem apenas para expressar o infortúnio das pessoas ou das relações pessoais, mas envolvem também juízos morais (JIMENO, 2010). Assim sendo, a emoção não pode ser categorizada apenas como sentimentos, uma vez que os próprios sentimentos partem de relações sociais. As emoções, portanto, são avaliações ou juízos de valor e, nesse sentido, elementos essenciais da inteligência humana (JIMENO, 2010).

Podemos considerar que as emoções são sentimentos que partem do contato com o coletivo. Sendo assim, como afirma o antropólogo David Le Breton, as emoções não são categorias naturais ou respostas instintivas (LE BRETON *apud* JIMENO, 2010). As reações liberadas pelas emoções são as expressões do corpo que refletem significados construídos socialmente. Ainda segundo Le Breton, essas reações são linguagens que modelam o sentimento, sendo esta linguagem adquirida através das relações sociais. Portanto, ao se emocionar, se arrepiar, chorar, sorrir, se identificar e se sentir representado ao assistir uma performance poética, o indivíduo está reagindo a impulsos sociais provenientes do compartilhamento de experiências de vida, criando uma ideia de comunidade emocional.

No caso do slam, as emoções compartilhadas estão relacionadas principalmente com as discriminações sociais vivenciadas por quem participa da cena: racismo, desigualdade de classe, machismo, homofobia são algumas questões sociais levantadas na cena do slam que causam comoção em quem está prestigiando. Não somente as questões da discriminação são fatores que se tornam emoção em uma apresentação de poesia. As questões de memória, identidade e amorosas são também questões que o público se identifica e se emociona. Nesse sentido, podemos utilizar a teoria de Jimeno ao considerar que o discurso emocional é inclusivo e não particularista, é político e não privado (JIMENO, 2010).

Sendo um fator social que é fruto do compartilhamento de experiências e vivências, a emoção pode ser também considerada um ato político que proporciona entre os membros da comunidade sensações de representação, confiança e identidade. Por ser o slam um espaço de compartilhamento de emoções, ele se torna também um espaço político onde se evidencia a necessidade de falar, de reivindicar, de expor suas angústias,

mas também de ouvir e se sentir representado pela fala dos/das poetas expressas nas mais variadas manifestações das emoções.

A respeito das emoções, elas estão presentes o tempo todo no slam. Quando escreve suas poesias com base nas suas vivências, a/o poeta está transferindo para o papel suas lutas, raivas, dores, indignações, esperanças, utopias, amores, decepções, orgulhos, etc. Quando recitadas, essas emoções ganham mais intensidade. Elas são transformadas em ação pelo uso do corpo através da performance, e pelo uso da voz através do ato de recitar. Essas expressões tornam as emoções em algo vivo que transpassa a realidade do/da poeta e afeta o público que passa a compartilhar essas emoções, liberando suas reações. No caso dos/das jurades, a reação acontece através das notas. Já a reação do público ocorre por diferentes manifestações, como gritos, comentários, aplausos, manifestações corporais, expressões faciais e até mesmo o choro. O público reage porque se sente representado pelas palavras do/da poeta, que fala ali coisas que os espectadores também sentem. Essa troca de emoções transforma o slam em espaço de representação, portanto, torna-o um espaço político, onde a expressão artística é uma forma de dar voz e colocar para fora todas as questões vivenciadas por essa juventude.

Durante o sarau do *Slam da História*, as manifestações de emoções foram visíveis. Como não estava tendo competição, as/os poetas ficaram livres na escolha dos poemas que seriam recitados. Essa é uma questão importante de ser levantada e nos leva a algumas reflexões a respeito da estrutura de competição. Por mais que no slam se carregue o discurso de que os eventos são, na verdade, uma grande celebração da poesia. A competição não deixa de existir, e a ideia da disputa faz com que os/as poetas escolham de forma estratégica as poesias que serão apresentadas, escolhendo poesias que vão conseguir maiores pontos. Com isso, algumas poesias acabam não sendo apresentadas, como já foi tratado anteriormente. Geralmente, as poesias de crítica social são as que recebem maiores pontos, enquanto poesias românticas acabam sendo pouco recitadas nessa ocasião. Portanto, no sarau, os/as poetas puderam recitar poemas longos que ultrapassassem os três minutos, ou poemas curtos que não tinham a pretensão de criar impacto nos jurades. Também foram recitados poemas sobre emoções que não têm o costume de ganhar grandes notas nos slam, como poemas de amor, poemas que falam sobre transtornos emocionais como ansiedade e depressão. Nesse sentido, as emoções foram ainda mais exploradas pelos/as poetas, atingindo também o público que estava presente.

O fato de a competição não ocorrer permitiu que fosse presenciada uma certa liberdade das/dos poetas para recitarem os poemas de seus interesses sem a preocupação com a competição, expressando as mais diferentes emoções. Isso faz com que abramos o questionamento sobre quais emoções são possíveis dentro do slam e como o público, poetas, jurades e apreciadores vivenciam a questão das emoções na cena. Em conversas com as poetas que acompanhei, foi possível identificar que nem sempre existe um consenso sobre como as emoções são expressas na competição, tão pouco é uma preocupação constante para elas despertarem alguma forma de emoção no público. As poesias são feitas a partir das emoções de quem escreve e nem sempre se tem a noção da proporção que aquelas rimas podem chegar ao despertar o sentimento de representação em outra pessoa. Podemos notar essa questão na fala da poeta Sophia Bispo. Em uma entrevista, quando questionei se ela tinha noção do impacto de suas poesias no público, a poeta me respondeu que ainda se choca em pensar nessa proporção. A poeta afirma que:

Às vezes eu nem acredito quando as pessoas falam que choraram, eu fico meio boba ainda de pensar em chegar ao ponto de as pessoas chorarem. (SOPHIA BISPO, 2023)³¹.

A emoção também é vista pelas poetas como algo que faz parte do processo natural da arte por elas realizada. Em sua perspectiva, a arte em si emociona, cria em seus espectadores sentimentos que transpassam a emoção que o/a artista deseja despertar no público. No caso da arte marginal, a sua existência visa de alguma forma chamar a atenção dos seus espectadores para as questões sociais que estão sendo expressas nos poemas. A poeta Tay afirma que a poesia marginal tem o intuito de “colocar o dedo na ferida”. O objetivo desse tipo de poesia seria justamente criar a emoção da indignação para chamar a atenção para os problemas sociais. A poeta afirma que:

Sobre as emoções, eu acho que ali é um espaço para a gente expressar a nossa arte, e essa questão da emoção é justamente a arte mexendo com a gente, porque a arte libera sentimentos diversos dentro da gente. Quando alguém recita uma poesia de denúncia isso causa revolta mexe com a gente, a temática da poesia muda a atmosfera ali envolta, uma poesia de amor acalenta o coração, uma poesia de revolta gera uma indignação ou até mesmo uma representação. Então, realmente a poesia está ali mesmo para incomodar, a poesia marginal é um dedo na ferida. Então, ela realmente mexe com quem escuta. E eu acho que o fato de as poesias marginais receberem maiores notas é exatamente por isso,

³¹ Entrevista concedida por Sophia Bispo. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

por mexer com as pessoas e despertar nelas uma consciência e por isso que tem uma comoção maior. (TAY, 2023).³²

As palavras da poeta Tay levantam reflexão sobre o uso político da arte e das emoções, e mostra como o slam tem como intuito ser um instrumento que provoca mudanças de mentalidades. E que, por isso, visa provocar e chamar a atenção de quem está prestigiando, despertando diferentes emoções que fazem com que as pessoas reflitam sobre a “denúncia” que está sendo feita pela/pelo poeta. A escritora Audre Lorde (2020), em *O fato de ser professora e poeta*, afirma que escrever poesia é falar sobre verdades, é trazer para a escrita a experiência vivida. No seu caso, experiência de ser mulher, negra, lésbica e portadora de uma doença grave, seu intuito ao escrever suas poesias é transmitir suas verdades para o maior número de pessoas em um ato de educar, para que todos que possam ler sejam tocados por aquelas palavras. Segundo a autora, escrever um poema é “uma ferramenta de conhecimento” (LORDE, 2020). Ao escrever ou declamar um poema, a poeta está se comunicando, transmitindo sua realidade e suas emoções para o outro, dessa forma educando aquele que ouve para a realidade que ali está sendo transmitida.

A poesia de “denúncia” como a poeta Tay afirmou, também é uma forma de a/o poeta expressar suas emoções, de escancarar todas suas indignações e expor as mais diversas situações vivenciadas por pessoas que estão nas margens da nossa sociedade. Nesse sentido, ao fazerem suas denúncias, as/os poetas estão também falando de suas dores e expondo suas raivas, transmitindo ao público os seus mais profundos sentimentos. Isso faz com que o ato de escrever seja também uma forma das/dos artistas lidarem com os seus sentimentos. Em diversos momentos em que tive a oportunidade de conversar com as poetas que acompanhei durante a pesquisa, elas relataram que para elas a escrita é uma forma de expressar, organizar e até mesmo compreender os seus sentimentos. E que a poesia é uma forma de lidar com o que elas são e vivenciam. A escritora Audre Lorde (1977) afirma ser necessário que saibamos explorar com honestidade nossos sentimentos. Quando isso é realizado, nos tornamos santuários e campos férteis para as ideias mais radicais e ousadas (LORDE, 1977).

Essas ideias propagam o espírito da divergência e proporcionam mudanças relacionadas não apenas com as vivências de quem escreve, mas também dos que leem e escutam o que aquelas rimas estão transmitindo. Audre Lorde também afirma que a

³² Entrevista concedida por TAY. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

poesia é uma forma de dar significado aos sentimentos mais profundos que ainda não são conhecidos ou nominados. Transpor essas emoções nas rimas é uma forma de “respeitar” (LORDE, 1977) o que está sendo sentido e compartilhar, dando assim sentido à vida, pois, segundo a autora, sentir está relacionado com o existir e ser livre. A autora firma que:

Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade. (LORDE, 1977, p.26).

Audre Lorde afirma que a poesia provoca mudanças, não apenas sociais, mas também no interior das pessoas, fazendo com que quem as escreve e quem as escutam tenha a possibilidade de refletir sobre suas emoções externalizando os mais profundos sentimentos, tirando o indivíduo de sua zona de conforto fazendo com que ele lide com seus medos, esperanças e terrores (LORDE, 1977). Segundo a autora, o fato de vivermos em uma sociedade capitalista definida pelo lucro faz com que nossos sentimentos sejam sucumbidos e desumanizados. É necessário fazer um esforço revolucionário para que os nossos sentimentos se mantenham e possam servir para transformações individuais e sociais.

O ato de lidar com as emoções é se permitir a sentir, dar espaços também a sentimentos que muitas vezes são interiorizados e escondidos. A poesia marginal, ou poesia de “denúncia”, como bem coloca a poeta Tay, é em sua essência uma forma de expressar tudo aquilo que causa revolta na sociedade. Por esse motivo, os sentimentos mais comuns de serem vistos nessas poesias são os de revolta, dores e raiva. Levar esses sentimentos para a escrita é uma forma de ousar e ter forças (LORDE, 1977), para tratar de assuntos sensíveis que partem da realidade vivenciadas pelas poetisas, desigualdade social, racismo, machismo, homofobia e todas as formas de violências vivenciadas por essas mulheres são colocadas nas poesias. É uma forma de escancarar todas essas dores, aprender a lidar com elas e passar para quem escuta na forma de protesto. Demonstrando que esses sentimentos fazem parte da vida e que os verbalizar é uma forma de encorajar as outras pessoas a também se revoltarem para que assim mudanças e reflexões ocorram.

Sobre o sentimento de raiva, a escritora Audre Lorde (1981) afirma que, no caso de mulheres marginalizadas, esse sentimento é uma forma de reação às injustiças sociais, principalmente ao racismo. Essa raiva é um motor para quem vivencia essas opressões

diariamente e aprende a usá-la para promover discussões. Segundo a autora, é importante não ter medo de usar essa raiva, mas sim saber lidar com ela e utilizá-la para mudar o quadro de discriminação, podendo gerar mudanças radicais na concepção e na forma de viver a vida. A autora afirma que:

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem à habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas. (LORDE, 1981, p. 86).

A raiva é um sentimento legítimo ele parte da indignação da experiência vivida, quando uma poeta marginal coloca todas suas indignações em suas poesias e performances ela está expressando esse sentimento que se demonstra poderoso ao ponto de dar voz a demandas até então silenciadas de alguns grupos. Segundo Audre Lorde, a raiva é repleta de informação e energia (LORDE, 1981), e pode servir para empoderar e legitimar muitas lutas e sentimentos.

A raiva também pode ser direcionada para a autodepreciação do indivíduo. Por partir de realidades duras, a raiva muitas vezes pode abrir espaços para sentimentos negativos que impedem o crescimento individual e coletivo. Em sua poesia *Quem disse que era simples* de 1982, Audre Lorde traz os seguintes versos: “tem tantas raízes a árvore da raiva/ que às vezes os ramos se quebram/ antes de dar frutos...”. O sentimento da raiva pode impedir o crescimento de outras emoções como o autovalor, autorreconhecimento, identidade, pertencimento e até mesmo o amor, os quais são sentimentos importantes para o desenvolvimento individual e coletivo. Essa realidade acaba criando grupos que se distanciam ou não se sentem pertencentes a esses sentimentos, como na música do rapper baiano Baco de Exu do Blues onde o cantor afirma que: “eu sinto tanta raiva que amar parece errado”. O artista expõe que suas vivências enquanto um homem negro criado em meia a situações de racismo e violências lhe despertaram tanta raiva que se abrir para experiências positivas como o amor não faz parte da sua realidade. O relato da canção se assemelha com a presença de poemas românticos em competições de slam, que, em alguns casos, são julgados com notas menores pelo fato desse sentimento contrastar com as realidades denunciadas nesses espaços, colocando o amor em segundo plano nas

esferas de sentimentos possíveis dentro do slam, demonstrando que a realidade de pessoas marginalizadas é, em sua maioria, conviver com sentimentos dolorosos que despertam raivas e revoltas. Como na música “*Vida Loka*” do grupo de rap paulista Racionais MC’s que diz: “Eu durmo pronto pra guerra e eu não era assim/ Eu tenho ódio e sei que é mal pra mim/ Fazer o que se é assim? Vida loka, cabulosa/O cheiro é de pólvora e eu prefiro rosas”.

A arte tem como função traduzir a raiva, expressar esse sentimento de forma que ele se transforme em potência de transformação de realidades e injustiças. Segundo Audre Lorde (1982), a raiva pode ser uma aliada nos processos de libertação, isso porque ela pode ser uma forma de se expressar e transformar os sentimentos em ação, dando força para o indivíduo no processo de lidar com suas dores e indignações. A raiva nos estimula ao conhecimento, ao ato de compreender os espaços que ocupamos, as opressões que sofremos e quem são os nossos verdadeiros algozes. Por esse motivo, é necessário saber direcionar a raiva para entender que ela é uma reação ao ódio empregado sobre mulheres, pessoas negras, homossexuais e tantos outros oprimidos que devem usar da raiva que sente para lutar contra essa opressão. No entanto, é importante saber diferenciar o ódio da raiva. O ódio está relacionado com uma fúria sem objetivos que provoca destruição, geralmente empregado de um grupo contra o outro com a intenção de oprimir, enquanto a raiva é uma reação a esse ódio e busca a mudança desse quadro. Sobre essa questão, Audre Lorde nos afirma que:

Esse ódio e a nossa raiva são muito diferentes. O ódio é a fúria daqueles que não compartilham os nossos objetivos, e a sua finalidade é a morte e a destruição. A raiva é um sofrimento causado pelas distorções entre semelhantes, e a sua finalidade é a mudança. (LORDE, 1981, p. 87).

Audre Lorde denomina a raiva vivenciada por mulheres negras e marginalizadas como uma “sinfonia de raiva” (LORDE, 1981). Isso porque essas mulheres foram criadas em meio a uma série de opressões. Foram reprimidas, silenciadas, privadas e desumanizadas, essas mulheres tiveram que aprender a “orquestrar” a raiva vinda dessas opressões para poder sobreviver, e juntar forças para existir e resistir em um mundo que odeia o simples fato de existirmos quando não estamos a seu serviço (LORDE, 1981). Resistir nesse cenário não é tarefa fácil, sendo assim, a raiva é o sentimento mais apropriado em atitudes como o racismo e a discriminação, uma vez que essa situação é insustentável e requer mudanças. Esse sentimento deve ser utilizado para criar

empoderamento, organizar as ideias, criar conhecimento, para criar unidade e pertencimento entre os grupos marginalizados. Nesse sentido, a arte se torna uma arma nos processos de mudança gerados pela raiva. A poesia marginal de “denúncia” realizadas pelas poetas no slam é uma forma de reverter cenários, uma forma de expor indignações em busca de mudanças sociais, é uma forma de empoderar e criar espaços em uma sociedade que as oprimem e silencia, a raiva existente nas poesias é, portanto, uma forma de resistir através do sentimento.

Por se tratar de uma competição de poesia que traz a realidade da periferia, denominada por muitos poetas como poesia marginal, sendo uma poesia feita por quem está à margem da sociedade, e que serve para denunciar todo processo de opressão vivenciado por essa população. Tal poesia é feita para que pessoas que também fazem parte desse grupo prestigiem a arte e se envolvam com os sentimentos que ela libera. Como dito anteriormente, os poemas recitados nesses espaços acabam trazendo temáticas de crítica social. São esses versos que irão receber as maiores notas, pois se é esperado do/da poeta que ela/ela abra as suas dores para o público, que o público de alguma forma se identifique com essas dores.

A poeta Laura Conceição questiona essa cultura na cena. Ela afirma que “durante muito tempo o slam foi uma competição de dores”. Mas a poeta também afirma que isso é muito exaustivo, muitos/as poetas trabalham com suas poesias e por isso “é exaustivo ficar o tempo todo falando das suas dores”. O questionamento de Laura Conceição reflete sobre o uso dos sentimentos expressados na poesia. Audre Lorde (1983) trata sobre o assunto ao levantar a ideia de que mulheres marginalizadas carregam para suas escritas, suas vivências, e que, portanto, falam de seus amores que são também suas dores, uma vez que as nossas existências são marcadas por essas dores. A autora propõe uma reflexão sobre o quanto dessa dor conseguimos sentir, e se sentimos, o quanto dessa dor conseguimos usar. A arte é uma forma de manipular a dor, de fazer com que ela não se mantenha como um fim em si mesma (LORDE, 1983), transformando esse sentimento em ação e buscando superá-lo. No slam o fato de as dores serem expressas não quer dizer que sentimentos negativos estão sendo exaltados, ou que o espaço está se tornando o ambiente de lamentações. O que acontece, na verdade, é o próprio ato de transformação da dor, é compartilhar esse sentimento para que ele possa ser superado.

A poeta Laura Conceição ainda se questiona como fica a questão da competição, sendo o slam uma disputa tão envolvida nas emoções: “como é possível fazer um

juízo técnico em cima das dores das pessoas?”³³. O questionamento da poeta é recorrente entre as pessoas que questionam a questão da competição com a poesia. Isso porque a poesia seria uma expressão de sentimentos e esses sentimentos são vistos como individuais, portanto, como seria possível julgar dando notas a questões que são individuais? Esse questionamento desconsidera que as emoções são um conjunto de significados que partem de vivência social, o sentimento de dor, nesse caso, é resultado de experiências coletivas. O antropólogo Marcel Mauss (1979) afirma que as emoções são manifestas com o corpo e que suas expressões são linguagens que partem da expressão coletiva, são sinais que são transmitidos e que possuem significados coletivos, sendo compreendidos pelo grupo. Portanto, ao manifestar suas emoções, o indivíduo não faz isso no âmbito individual para si, mas realiza essa ação para o outro, para o coletivo reconhecer os significados dessa emoção. Expressar a emoção é, portanto, uma ação simbólica (MAUSS, 1979). Nesse sentido, as notas do slam julgam as experiências individuais de cada poeta, o que é julgado são justamente as reações coletivas que as emoções provocam, os símbolos e significados que a linguagem da emoção transmite para quem assiste e julga a poesia.

Pensando nas emoções dentro do slam, é possível dizer com base na observação da cena que essas emoções são as de pessoas que vêm na periferia e fazem uma análise crítica das desigualdades sociais. Por isso, essas emoções muitas vezes expressam revoltas, dores, indignações contra o racismo, contra a violência policial, falta de oportunidades, abusos físicos e morais. Nesse sentido, as poesias políticas ganham destaque, emocionando a todos que participam da cena. No entanto, esse formato de poesia acabou se tornando a característica principal dos slams, fazendo com que as/os poetisas se limitassem a escrever apenas sobre essas questões. A poeta Sophia Bispo afirma que, mesmo não sendo esse o objetivo, o slam se tornou sinônimo de poesia política:

O slam é muito a performance, e aos poucos o slam foi se tornando sinônimo de poesia política né. Então, já se espera que você fale sobre algum tipo de problema, assim, você pode escolher dentro do leque de problemas que a gente tem né, mas fica dentro de um leque limitado também, machismo, racismo, feminicídio, desigualdade social essas coisas assim, tem uma categoria para você escolher, quando você vai. Além disso, as pessoas já criam um estranhamento. Então, quando alguém

³³ Entrevista concedida por Laura Conceição. Entrevista 1. [fev 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

manda uma poesia de amor no meio do slam meio que quebra isso, quebra o que já era esperado, mas acho que aí também tá a revolução, né? É importante, porque o slam é um espaço de poesia política com certeza. (SOPHIA BISPO, 2023)³⁴.

Embora as poesias mais marcantes nos slams sejam aquelas em que se tem uma proposta política de denúncia das opressões sociais, essa não é a única forma de emoção que caracteriza as periferias. Amores, alegrias, identidade e reparação histórica também são emoções que envolvem o público e, aos poucos, estão também conquistando os seus espaços em roda de slam, mostrando que o empoderamento desse povo também é uma forma de fazer política. Falar sobre amores, identidades e ancestralidades também faz parte da luta coletiva. As poetas usam muito dessas questões em seus textos, por perceberem que falar desses sentimentos é uma forma de resistência e é importante para promover transformações em cenários de opressões e desigualdades. Essas emoções despertam no coletivo sensações diferentes, aqui não estamos mais falando de dores ou raivas, mas de sentimentos como pertencimento, acolhimento, reconhecimento e esperança de resgatar sua identidade e criar seus espaços, realizando transformações sociais. Audre Lorde (1981) afirma que, quando recuperamos nossa ancestralidade e aprendemos a lidar com os nossos sentimentos, seguindo nossa herança ancestral, aprendemos cada vez mais a lidar com eles e a respeitá-los e, a partir disso, criamos o nosso empoderamento e pontes para o conhecimento. Por esse motivo, expressar esses sentimentos na poesia é também uma forma de lidar com todas as opressões vividas.

Abro aqui um parêntese para falar sobre as emoções que as performances de slam causaram em mim. Como pesquisadora, a minha presença no slam acontecia para analisar a cena, e isso envolvia analisar as emoções que estavam sendo compartilhadas naquele momento. Mas eu também não deixava de ser tocada por essa atmosfera de emoção. As poesias recitadas também me representam, já que sou uma mulher negra, lésbica, filha de mãe solo, da classe trabalhadora, moradora de periferia e que aprendi através da arte, no meu caso a dança, a buscar e honrar minha ancestralidade, e a construir e lutar pela minha identidade negra. Compartilho de muitas vivências e experiências tratadas nas poesias. As palavras e performances no slam me tocam de uma forma particular e a emoção de me sentir representada por aquelas/aqueles jovens se manifesta em forma de alegria e até mesmo lágrimas. No sarau do *Slam da História*, em muitos momentos me senti

³⁴ Entrevista concedida por Sophia Bispo. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

emocionada. Quando a poeta Tay recitou uma poesia sobre as vivências de uma mulher negra de periferia e o poeta PretoVivo recitou um poema sobre a história negra e sua vivência de opressão, senti tanta emoção que me vi em lágrimas. A partir desse evento e dessa experiência de sentimento, percebi que seria de total importância ao estudar o slam refletir sobre as esferas das emoções.

Além do *Slam da História*, trago aqui o relato de outro evento onde foi possível notar uma relação forte de emoções, o sarau do coletivo *Sararau* Crioulos, que ocorre em diferentes bairros periféricos de Juiz de Fora. O slam ocorreu com algumas alterações nas regras para se adaptar ao evento. Antes de iniciar a competição, é comum ser explicado o que é o slam e como funcionam suas regras, para que as pessoas que estão presentes pela primeira vez entendam o que acontecerá ali. Nesse evento, não foi diferente, até porque havia muitas pessoas que nunca haviam acompanhado uma batalha de poesia. Os competidores foram em sua maioria pessoas já habituadas a participar de saraus ou slams, apenas um morador do bairro decidiu participar. Dos seis integrantes do *Sararau*, quatro competiram e ficaram entre os três vencedores. A poeta Tay foi a grande campeã desse slam e, com isso, novamente chamo a atenção para as emoções liberadas nas competições. Motivados pela competição, muitos moradores permaneceram no evento até o final e a Tay foi a preferida dos que ficaram. Eles começaram até mesmo organizar uma torcida para ela. Suas rimas, que mostravam as realidades da mulher preta de periferia, chamaram a atenção, emocionaram e representaram os que estavam presentes. A última poesia que a poeta recitou foi uma que já foi analisada nesse trabalho e que se inicia com os versos da música *Cinderela* do grupo Ao Cubo. As letras da poeta tratam sobre gravidez precoce, abandono parental e as dificuldades de ser uma mãe preta da favela. Esse poema comoveu o público de tal forma que a reação foi tão calorosa que levou à nota máxima para a poeta. Após o resultado do slam no qual a Tay foi a vencedora, pode-se ouvir gritos de “maravilhosa!” e “parabéns!”.

Nos slams não são apenas as letras das poesias que chamam a atenção e despertam emoções no público. A performance da/do poeta também envolve os espectadores de uma forma contagiante que afeta nos sentimentos de quem está assistindo. A poeta Sophia Bispo afirma que:

A performance também é muito importante, como é uma competição, são todos esses quesitos que estão sendo julgados. Às vezes a poesia

pode nem ser tão boa, mas dependendo da performance também ganha. (SOPHIA BISPO, 2023)³⁵.

Em um evento organizado pelo *Foram 8M* em comemoração ao *Dia Internacional da Mulher*, três poetisas foram convidadas para apresentar suas poesias. Entre elas, apenas a Sophia é uma participante assídua de slams. As outras duas, não é muito comum vê-las na cena, já as presenciei mais em sarais, mas nunca em slams. As três poetisas subiram juntas ao palco e, alternadamente, cada uma recitou suas poesias.

Apenas para abrir um parêntese sobre esse raciocínio: não é minha intenção aqui fazer uma análise artística sobre as performances apresentadas, nem teria aparato técnico e teórico para tanto, mas acredito que seja importante tratar sobre como a apresentação das poetisas afeta e emociona quem está assistindo. Das três declamações, a da Sophia Bispo era a que tinha mais características performáticas, a que tinha mais atuação, que fazia mais barulho e mexia mais com as emoções. Isso chama a atenção do público: na ocasião, uma das poesias apresentadas por Sophia foi a *Maria*, analisada no primeiro capítulo deste trabalho. Quando a poesia foi declamada, unindo as palavras e mensagens impactantes e a performance que também gera muito impacto, pude ver pessoas na plateia chorando, pois tamanha era a emoção que aquela apresentação possibilitou. Ao descer do palco, muitas pessoas vieram parabenizar a Sophia por sua apresentação, pessoas que já conheciam o seu trabalho e pessoas que viram sua arte pela primeira vez, todas extremamente emocionadas. Nesse evento, Dona Deise, mãe da Sophia e uma mulher sempre lembrada na cena como exemplo de incentivo e companheirismo, também estava presente e acabou também sendo parabenizada por sua filha. Após os cumprimentos, perguntei à Sophia se ela tinha noção do impacto da sua performance sobre as pessoas. Ela me respondeu, falando que nunca havia parado para pensar nisso. Então, perguntei se ela percebe a diferença da performance de uma poeta *slammer* perto das outras e ela me respondeu, “acho que nós somos treinados para isso”. Falei para ela que, quando ela recitou, pessoas choraram na plateia e ela se mostrou surpresa por isso.

A resposta da poeta em relação à diferença da performance da/dos *slammers* nos mostra o quanto a competição estimula o/a artista a se superar, sendo sempre necessário dar o melhor de si para conseguir uma boa nota. Sendo assim, a performance impactante da/do *slammer* é algo normal, pois ajudará chamar a atenção dos jurados, com isso é

³⁵ Entrevista concedida por Sophia Bispo. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

possível notar que a arte no slam vai além da poesia, ele é o espaço onde as/os poetas precisam exercitar seus talentos de multiartistas: canto, atuação e expressão corporal são de total importância para transpor as emoções existentes no slam.

O ambiente do slam é para as poetas um espaço de acolhimento, de estar em coletivo com pessoas que compartilham as mesmas vivências, emoções e angústias, onde se pode falar dos seus sentimentos, ser ouvida e ouvir o que outro tem a dizer. Para as poetas que acompanhei durante a pesquisa, o slam foi um ambiente de acolhimento, de crescimento pessoal e profissional, de descoberta identitária com pessoas diferentes, mas que compartilham mesmas ideias e experiências.

A poeta Tay afirma que o slam é um espaço de acolhimento que “transforma vidas”, segundo ela, não é possível que alguém passe pelo slam sem ser de alguma forma transformado, é o poder de estar em um espaço de compartilhamento que torna isso possível. Para a poeta Laura Conceição, o slam foi um espaço de acolhimento não apenas pessoal, mas também da sua arte. Segundo ela, é difícil para uma mulher ser acolhida e aceita em muitos espaços. Ela afirma que: “o slam sempre foi um espaço onde eu sempre fui muito acolhida, não era tão fácil assim ser bem acolhida nos outros movimentos, então eu sempre vi nisso uma oportunidade para mostrar a minha arte também” (LAURA CONCEIÇÃO, 2023). Sophia Bispo afirma que, além de o slam ter sido um espaço de acolhimento, ele também serviu para abrir possibilidades profissionais, fazendo com que ela ganhasse visibilidade, conhecesse pessoas e aprimorasse sua arte. A poeta afirma que:

Eu comecei no slam porque vi a possibilidade de começar a ser vista e de construir uma imagem, para poder chegar onde que eu quero, que sempre foi o jornalismo. E como a gente vem de baixo, a gente tem que começar a construir nossas pontes em algum momento, e eu vi no slam uma ótima oportunidade porque é literatura e é fala né. Então, o slam pra mim foi essa ponte, ele me levou a muitos lugares, eu conheci a capital de Minas Gerais por causa do slam, levei a minha mãe também para ir. Então, assim, também me abriu portas e me deu conexões para hoje em dia eu estar dentro da prefeitura, né? Trabalhando e aprendendo sobre o que eu gosto, estar na área da cultura me rendeu convites para festivais, então eu sou muito grata ao slam por tudo isso que ele me fez. (SOPHIA BISPO, 2023)³⁶.

O slam é uma competição cujo objetivo é celebrar a poesia ao mesmo tempo que acolhe os seus participantes, fazendo com que suas vozes sejam acolhidas e respeitadas.

³⁶ Entrevista concedida por Sophia Bispo. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

No entanto, não podemos desconsiderar que o slam é uma competição, e como tal existem conflitos e motivos de críticas à sua estrutura competitiva.

Durante o tempo em que fiz minha observação participante presencialmente, acompanhei as poetas pelos ambientes de poesia em que elas participavam. Nesses ambientes, não foi possível presenciar nenhum momento de conflito, pois todos que participavam dos eventos compartilhavam uma forte amizade. Porém, nos slams que acompanhei virtualmente, foi possível notar alguns momentos que podem ser considerados como sendo de conflitos. Poetas e públicos indignados com notas, comentários de repúdio a alguns/mas jurades, e até mesmo falas de críticas à própria estrutura do slam. Acredito que uma pesquisa futura investigando a cena do slam em outras cidades ou em lugares maiores, como capitais onde há um número maior de grupos e competidores, deve ser possível identificar melhor essa questão. Embora não tenha presenciado pessoalmente algum episódio que pode ser considerado um conflito, as poetas que estavam acompanhando me relataram que essas questões costumam acontecer no slam, mas que isso depende muito do grupo. Em alguns grupos acontece mais por ser mais forte a importância dada para a competição, enquanto em outros acontece menos por se centrarem mais na ideia de coletividade existente nessa cultura.

Das três poetas que acompanhei, todas elas consideram o slam como um espaço de acolhimento, de compartilhamento, de comunidade, um ambiente que transformou as vidas delas, como afirma a poeta Laura Conceição: “o slam é um espaço de cura”. Mesmo com esses sentimentos, as poetas também têm suas críticas para fazer em relação ao slam, segundo a poeta Sophia Bispo. “O slam é um espaço muito importante, mesmo assim tem coisa que desanima”. A principal crítica feita é em relação à competição, ao fato de existir de alguma forma uma medição dos sentimentos, que, segundo elas, é o principal motivador dos conflitos quando eles existem. Trago para a reflexão um trecho de uma entrevista realizada com a poeta Sophia Bispo, onde ela fala que, no seu entendimento, existe uma complexidade em competir, uma vez que o slam se trata de sentimento, e que é impossível medir ou julgar os sentimentos das pessoas. A poeta também afirma que a competição tira, de certa forma, a característica de comunidade existente no slam, tornando superficial esse discurso, uma vez que os/as poetas estão competindo entre si. A poeta diz que:

Acho que a gente fala muito que é uma comunidade e que abraça e tudo mais, e isso é verdade, mas todo mundo sabe que não é só isso, todo

mundo sabe que onde tem competição tem briga, tem desavença e tem desentendimento, porque o extinto competitivo fala mais alto. Então, eu acho que às vezes fica muito superficial e não fica tão verdadeiro a gente falar que é uma comunidade tão unida assim, os poetas podem ser unidos, mas na hora do slam é outra conversa. Eu já vi muita questão péssima em relação à competição, porque é isso, a gente fala sobre sentimentos, a gente está lidando com os textos que as pessoas escreveram, com o sentimento das pessoas e a gente tá julgando aquilo. Se você parar para pensar que é estranho a gente julgar um sentimento de raiva, por exemplo, você dá uma nota para isso? E essa questão de dar a nota é mais complicada ainda, aconteceu recentemente o caso de um poeta que é um dos maiores da cidade, ele estava participando de um slam de outra organização, que não é tão próxima da gente de certa forma. Ele declamou uma poesia que já está acostumado que a gente sabe que não é uma poesia que dá uma nota baixa, merecia no mínimo nove pra cima. E aí, na hora, por questões de desentendimento de jurado e poeta, o jurado não gostava muito da pessoa, então foi além da poesia, levou para o lado pessoal e ele tirou dois, uma nota baixíssima. E como isso mexe com a autoestima da pessoa também, porque o slam é um espaço que na teoria é para acolher todo mundo, para todo mundo se sentir bem e se expressar, e aí você sai de um slam com o sentimento totalmente inverso disso, então tem esses pontos. (SOPHIA BISPO, 2023)³⁷

O relato da poeta nos leva a refletir sobre como fica a questão do slam quando encontra com outros fatores sociais, como a questão da disputa, envolvendo outros sentimentos despertados como a decepção por uma nota baixa, o envolvimento com o ego, a rivalidade entre pessoas e grupos. Como pode um movimento baseado em uma comunidade emotiva, que faz críticas justamente ao modelo de exclusão e hierarquia de nossa sociedade, que trabalha com emoções e afirmações identitárias das minorias, sobreviver em uma estrutura de competição?

O exemplo que a poeta trouxe sobre um conhecido que recebeu uma nota muito baixa em uma competição de slam retrata bem essas questões. Tive a oportunidade de acompanhar esse caso pelas redes sociais. O poeta em questão é um grande nome da poesia na cidade, ele já representou slams de Juiz de Fora nos campeonatos estadual e nacional, participa de batalhas fora da cidade e estado, é nacionalmente conhecido, e além do slam, também trabalha como rapper, produtor musical e arte-educador. Seu trabalho é muito admirado na cidade e sempre que participa de competições recebe notas muito altas. Ele é um poeta muito admirado pelo seu trabalho, mas isso também acaba gerando algumas críticas e desavenças. Ele costuma participar dos mesmos grupos e slams que as

³⁷ Entrevista concedida por Sophia Bispo. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

poetas que acompanhei participam, um dia foi participar de um slam organizado por outro grupo que também é bem conhecido na cidade. Quando recitou suas poesias, as quais são poemas que em outras competições já haviam recebido notas muito altas, acabou recebendo notas abaixo de cinco, notas que raramente são vistas no slam e que não condiz com o desempenho do poeta. O artista ficou muito indignado com as notas e, no mesmo momento, usou seu Instagram, que tem um número considerado de seguidores que apreciam a cena poética da cidade, para postar um vídeo explicando a situação e demonstrando o quanto tinha ficado chateado com o ocorrido. Suas críticas eram justamente pelo fato de suas rimas, seu trabalho, sua vivência e história terem sido desrespeitados em nome de desavenças da competição.

Embora relatos como esses não sejam tão comuns no slam, eles existem e são impulsionados pelo clima de competição. A existência de conflitos ocorre pelo fato de que, mesmo o slam tendo um discurso de celebração da comunidade e união, ele está inserido em uma sociedade de conflitos e com a competição isso se intensifica ainda mais. A poeta Laura Conceição afirma que o slam é um reflexo da sociedade e que, por isso, nele também existem os momentos de opressões, principalmente no caso das mulheres. Sophia Bispo destaca que “dentro do slam ninguém deixa de ser pessoas, e como pessoas os conflitos às vezes acabam acontecendo, então a poesia sempre vence, mas como pessoas às vezes perdemos” (SOPHIA BISPO, 2023).

O clima de competição muitas vezes faz os/as poetas desistirem dos slams e seguirem apenas nos saraus. Isso porque competir mexe com o processo criativo, mexe com a ansiedade e pode transformar o que era uma diversão em algo que pode acabar não fazendo bem para a própria saúde mental. A esse respeito, a poeta Sophia Bispo faz a seguinte afirmação:

É por isso que eu não ando mais querendo fazer slam. Quando eu saí desse circuito de competições, eu saí muito machucada, muito travada porque mexeu muito com a minha ansiedade. Eu não estava acostumada com ambientes assim de competição, não me sinto bem. Então eu decidi que tem outras partes que me deixam mais feliz e mais realizada. Ao mesmo tempo, é uma competição e ninguém sai bem de competições, né? Mesmo você ganhando, é muita energia, mesmo sendo energia boa, é muita energia. É difícil lidar com isso e é desgastante porque é um sentimento que você está declamando, às vezes é uma ferida sua que está sendo aberta para muitas pessoas verem, você está sangrando no palco através de palavras. Então, é muito exaustivo você ter que fazer

tudo isso e ter que se preocupar com nota também. (SOPHIA BISPO, 2023)³⁸.

Uma forma de enfrentar esse clima de disputa é sendo resistência dentro do próprio slam à estrutura de competição. Muitas poetas vão para os encontros sem estarem preocupadas em competir, vão pela poesia e por estar no grupo, recitam poesias que não ganhariam a competição, como foi o caso da poeta Laura Conceição, declamando uma poesia de amor na final de uma competição importante. Laura afirma que não vai mais para os slams para batalhar, vai porque ama o movimento, vai pelos encontros, e isso lhe dá mais liberdade para falar sobre o que quer. Muitos/as poetas estão fazendo esse movimento de ser resistência na própria cena, evidenciando as características dessa arte de ser revolução e ser crítico às estruturas de opressões.

Outra forma de demonstrar resistência dentro do slam é através dos coletivos. Esses grupos possibilitam reforçar questões como a da comunidade e da identidade. Um dos coletivos de poetas mais populares da cidade é o *Sararau Crioulos*, cujo objetivo é o de promover a poesia e a arte vinda da periferia. Isso é feito por meio de oficinas em escolas, sarais e *shows*. Duas das poetas que acompanhei durante a pesquisa fazem parte do coletivo: Sophia Bispo e Tay. Portanto, durante o meu período em campo, acabei acompanhando muito o coletivo em geral. E, de certa forma, não teria como falar do slam na cidade de Juiz de Fora sem falar desse coletivo. Isso porque, dos/das poetas que fazem parte do coletivo, todos têm nome de renome da cena do slam da cidade, todos já foram classificados para o *Slam MG*, além da Tay e da Sophia. Os poetas PretoVivo e Igor Braz também já foram classificados para o *Slam BR*. Todas e todos do coletivo são sempre lembrados quando se fala em poesia na cidade, seja em slam, sarau, em batalhas de MC's, música e poesia nas escolas. No coletivo participa outra mulher, a poeta Cigana. Ela também carrega em suas poesias palavras de denúncia e compartilha suas vivências de mulher negra e homossexual. Cigana é uma poeta nova, tem apenas dezessete anos e mesmo assim já é conhecida nas rodas de slam. Ela começou a participar ativamente da cena em 2022 e sua participação no coletivo foi oficializada em setembro do mesmo ano. Portanto, quando conheci a Cigana, a pesquisa já estava em andamento e as análises das poesias já estavam sendo feitas. Por esse motivo, optei por não acompanhá-la diretamente.

³⁸ Entrevista concedida por Sophia Bispo. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

A observação que fiz dela foi a observação que fiz do coletivo através do contato com as outras mulheres.

O coletivo Sararau Crioulos é muito importante para a cena de poesia na cidade e é de total importância para as carreiras das poetisas Sophia Bispo e Tay. Segundo elas, através do coletivo se sentiriam acolhidas, despertando seus vários lados artísticos, superando questões como a timidez, fizeram amigos e ganharam visibilidade no meio cultural da cidade. Além de ser um espaço de acolhimento, o coletivo também é um importante impulsionador da arte, da cultura e do conhecimento na cidade, levando poesia para as escolas e para as periferias, sempre lutando contra o racismo e qualquer forma de desigualdade.

2.5. A potência na voz dos povos marginalizados

O slam representa a potência da produção artística e política de povos que durante muito tempo foram silenciados. Através das poesias, as/os poetisas produzem um conhecimento que vem de suas vivências, expõem suas indignações e resgatam suas memórias, dando voz para a periferia, fazendo uma arte por e para ela.

O uso da voz por povos marginalizados é algo que quebra as estruturas historicamente produzidas de hierarquia social e silenciamento. No livro *Memórias da Plantação*, a psicóloga e escritora portuguesa Grada Kilomba (2008) fala sobre a importância da escrita e da produção de conhecimento entre povos marginalizados trazendo a sua vivência enquanto escritora negra e demonstrando o quanto o conhecimento por ela produzido através da sua escrita é transgressor:

Eu, como mulher *negra*, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito *branco*, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco o meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem clássica. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Franz Fanon ou os de bell hooks. (KILOMBA, 2008, p. 59)

Quando os oprimidos produzem seus próprios discursos, incorporam em suas palavras não apenas suas lutas, mas também toda a dor das opressões por eles vivenciadas. O ato de escrever os seus próprios discursos e contar sua própria história para os

oprimidos não é um luxo. Segundo Kilomba, com base no pensamento de bell hooks, escrever nesse sentido é uma obrigação moral, é recuperar a si própria, não ser mais o outro, é deixar de ser objeto e se tornar sujeito de suas narrativas. Ter autonomia e poder sobre os próprios discursos, para além da escrita, mas também pela fala, é uma forma de ser resistência e transgressão a um sistema que historicamente oprime e silencia diferentes grupos, determinando quem pode falar, quando se pode falar e o que se pode falar.

Como exemplo do histórico de silenciamento de povos oprimidos, principalmente dos negros e negras, Kilomba fala sobre a máscara, que era utilizada por Anastácia, mulher negra que foi escravizada no Brasil. A “máscara do silenciamento” era um instrumento de tortura utilizado em escravizados no Brasil durante o período colonial. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa (KILOMBA, 2008). Essa máscara era utilizada para evitar que os escravizados comessem os alimentos das lavouras. No entanto, o seu simbolismo vai muito além. A máscara impedia os indivíduos de falar, ela representa todos os instrumentos de colonização e controle historicamente utilizados contra o povo negro. Nos coloca na categoria de “Outro”, aquele que não é dono da história, não é dono dos discursos e dos lugares, é aquele que tem sempre alguém falando por eles e que por isso não é um sujeito, pelo contrário, é um objeto que está sempre a serviço dos seus opressores. A máscara do silenciamento representa um medo que os colonizadores tinham, e ainda têm, da fala do povo negro, pois através da expressão essas pessoas se tornam sujeitos, contam suas próprias narrativas e não se mantêm mais na posição de oprimido.

Considerando o processo histórico de silenciamento, de história apagada e de conhecimento negado. A produção de conhecimento artística, filosófica e científica de povos negros e marginalizados se apresenta como uma forma de fazer revolução e contrariar todo um processo de opressão que historicamente limitou nossas formas de escrita e expressão. Em uma entrevista concedida ao rapper Mano Brown para o podcast *Mano a Mano* (2023), a escritora Conceição Evaristo afirma que, para os povos marginalizados e excluídos, “escrever é uma forma de fazer vingança” (EVARISTO, 2023). A vingança nesse sentido é pelo ato de fazer justamente o que as elites durante muito tempo impediram o nosso povo de fazer, produzir conhecimento, um conhecimento vindo das nossas próprias vivências e trajetórias.

O slam carrega na sua essência o fato de dar espaço de fala para grupos que até então foram silenciados. É um espaço de acolhimento para todos os sentimentos que a/o poeta tem para expressar, é um espaço de acolhimento para todas as diferenças, e toda expressão política que precisa ser transmitida. A poeta Laura Conceição diz o seguinte sobre o uso da voz no slam:

O slam é um espaço de acolhimento, um espaço de escuta. Porque você vai no slam e recita três poesias, mas você escuta sessenta poesias, então é um espaço que dá oportunidade de fala e de escuta para pessoas que não têm essa oportunidade na vida, nas grandes mídias, nos grandes centros. Então por isso que o slam é um movimento periférico também, um movimento de rua, é o espaço onde as pessoas que vivem algum tipo de opressão na sociedade, e aí assim, seja o que for, consegue uma escuta. (LAURA CONCEIÇÃO, 2023)³⁹.

O uso da poesia como expressão também mexe com questões que fazem parte das estruturas de silenciamentos que corrompem o empoderamento e negam o lugar de fala para determinados grupos, e criam emoções como a timidez. A poeta Sophia Bispo afirma que sua mãe, uma mulher negra de periferia, sempre foi muito tímida e por isso incentivou a filha a falar, e a se colocar em qualquer ambiente. Mesmo assim, a poeta ainda sentia um pouco de nervosismo quando começou a participar de competições de slam, mas segundo a poeta, por se sentir acolhida, começou a se tornar mais confiante para realizar suas performances. Além da perda da timidez, recitar suas poesias e se sentir pertencente ao grupo faz com que as poetas se empoderem em todos os sentidos. A poeta Tay conta como a poesia foi importante para o seu processo de empoderamento enquanto mulher negra, fazendo com que ela se sentisse mais capaz enquanto universitária e auxiliou no seu processo de perda da timidez. A poeta afirma que:

A poesia foi uma forma que eu tive de me defender, principalmente em questão da autoestima. Também da gente se empoderar, porque o racismo deixa marcas muito intensas na gente desde a nossa infância, questão de aceitação do nosso cabelo, da nossa pele, de que a gente é bonita, são coisas que sempre me deixaram com a autoestima muito baixa. E eu sempre fui muito reprimida e muito tímida, e só agora que eu consigo entender isso. Então é importante a gente identificar que essa timidez, essa falta de autoestima são marcas do racismo em nossas vidas. E a poesia me deu essa questão de autodefesa, uma forma que eu consigo me defender denunciando essas coisas que acontecem com a gente. Essa questão também de racismo né, essa questão de violências

³⁹ Entrevista concedida por Laura Conceição. Entrevista 1. [fev 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

até mesmo dentro de relacionamentos, essa questão da solidão da mulher preta também, porque a gente sempre viu que a gente nunca foi a preferida em relação à mulher branca, a gente sempre foi segunda opção. Essas questões, hoje eu tenho mais clareza disso, mas na minha adolescência eu não tinha essa percepção, e isso vai se construindo ao longo do tempo, a consciência racial que eu tenho hoje, foi através da música e através da poesia que ela foi sendo construída. Quando eu cheguei na universidade eu tive um choque de realidade muito grande, porque na universidade infelizmente tem mais pessoas brancas e vindas de escolas particulares. Sempre achei que eu tinha mais dificuldade do que as outras pessoas, sempre tive esse complexo de inferioridade muito grande, mas através da poesia eu consegui entender que sobre essas questões sociais, essas questões raciais principalmente, eu tenho mais domínio porque isso eu vivencio eu passei na pele. Então, essas questões vão criando um empoderamento na gente, na nossa fala, nessa confiança que a gente vai criando. E o mérito eu acredito que seja todo da arte, porque eu tenho mais facilidade de aprender as coisas através das músicas, através das apresentações da fala, então eu acho que a arte ela me deu essa oportunidade de aprender com a vida também. (TAY, 2023)⁴⁰.

O Slam é um espaço para dar voz à periferia, um ambiente onde a periferia pode falar o que pensa, expor sua arte, fazer suas críticas sociais e reivindicar suas memórias. Além de ser um espaço de fala, também é um movimento de acolhimento da periferia. O slam leva arte, cultura e conhecimento para espaços da cidade que até então não recebiam esse tipo de atração, quebrando os monopólios da arte e do conhecimento, fazendo cultura da e para a periferia.

Um dos slams que acompanhei foi o *Sarau do Sararau*, o qual é um evento itinerante que leva a arte da poesia e a cultura *Hip Hop* para os bairros das periferias da cidade. Trata-se de um evento de grande porte por fazer um resgate da cultura de periferia feita por e para a periferia. Em entrevista, Sophia me afirmou que seria contraditório se o coletivo ficasse apenas no centro, pois todos os membros são de periferia e não faria sentido não levar sua arte para os lugares de onde eles vieram. Portanto, o objetivo do projeto é levar cultura e arte para as pessoas de periferia que muitas vezes não têm acesso a esse tipo de lazer. Nele ocorre apresentação de Dj, *pocket show*, batalha de MC, slam, sarau e *mic* aberto.

No ano de 2023, ocorreram três edições do *Sarau do Sararau* em diferentes regiões da cidade. Irei me atentar à descrição do segundo evento ocorrido no bairro Grama, localizado na região nordeste da cidade, bairro este com características de

⁴⁰ Entrevista concedida por TAY. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

periferia e afastado do centro. O evento aconteceu em uma tarde de domingo na praça que fica localizada na região central do bairro. Essa praça é frequentada por crianças e jovens que utilizam a quadra esportiva, os brinquedos e o espaço. Perto do local, há alguns bares onde as pessoas compram suas bebidas e se sentam na praça para beber e socializar. Portanto, onde aconteceu o evento, já costuma ser um espaço movimentado e frequentado pelos moradores.

No entanto, na ocasião, a praça foi tomada por outra atmosfera. O *Hip Hop* e a poesia haviam tomado conta do lugar. No evento ocorreu um slam que foi intercalado com sarau, onde as pessoas poderiam fazer apresentações de música, ou de poesia, apresentação de *DJ*, *mic* aberto, *pocket show* com *MC's* convidados e membros do coletivo. O público presente foi o mesmo que costuma frequentar os slams e as festas de *Hip Hop*, mas nessa ocasião, diferente das outras, o público tradicional dos slams se misturou com os moradores do bairro. Inicialmente, os moradores observaram aquela movimentação com olhares de curiosidade. Essa sensação durou pouco, assim que o *DJ* começou o som, o estranhamento acabou. O evento era um movimento de periferia para periferia, por isso várias pessoas que estavam por perto se identificaram com o som que estava acontecendo. Eram as batidas do *rap*, ritmo que faz parte do cotidiano e que agrada a muitos que estavam presentes, por isso logo algumas pessoas começaram a se aproximar e a fazer parte do que estava acontecendo ali.

Inicialmente, apenas as pessoas que estavam na praça bebendo foram prestigiar, depois foram aparecendo mais pessoas. A participação dessas pessoas no evento era variada, alguns interagiram e participaram do sarau até mesmo do slam, outros ficaram apenas de longe olhando, outros se aproximaram e vibraram com a competição de poesia, outros apenas se aproximaram com uma forma de curiosidade observaram e foram embora. Mas o fato é que ter um evento artístico no bairro movimentou o ambiente, despertou curiosidade, interesse, apresentou a cultura do slam, para alguns ali, e possibilitou que outros pudessem se expressar. Proporcionou lazer, emoção e conhecimento. Além de ter sido importante para o bairro, também foi importante para aqueles que estão acostumados a acompanhar a cena da poesia, foi uma oportunidade de sair do centro e fazer essa arte nas margens, que é de onde todas/todos as/os poetas se originam.

O evento iniciou com o sarau. Os/as poetas que estavam presentes que não pretendiam participar do slam podiam apresentar suas poesias ou poderiam declamar poesias de outras/outros poetas. Quem quisesse apresentar alguma música também tinha

o *mic* aberto, a produção havia levado violão e pandeiro para os artistas que quisessem. Durante o sarau, estavam acontecendo as inscrições do slam, qualquer pessoa ali presente poderia se inscrever. O *Sarau do Sararau* é um evento que recebeu verba de edital cultural para acontecer. Por esse motivo, o slam pode ter premiação em dinheiro para o primeiro e o segundo lugar. Isso não é comum de acontecer nos slams da cidade, e fez com que tivessem mais pessoas inscritas. Geralmente, quando é assim, o/a poeta já vai com a intenção de competir, mas também tem aqueles/aquelas que acabam se encorajando no momento. Na ocasião, estava acompanhando as poetas Sophia Bispo e Tay que estavam ali por fazer parte do coletivo. Sophia Bispo não participou da competição, mas foi escolhida para ser jurada pela primeira vez e me falou que foi emocionante e, ao mesmo tempo, muito difícil estar no outro lado. Segundo a poeta, “é muito difícil julgar as emoções das pessoas”. Já a Tay, que depois me informou que nunca foi jurada, optou por participar da competição e acabou ganhando.

Quando iniciou o evento, os moradores estavam mais interessados pela música. Ao iniciar as poesias, sem nenhum *beat* ou instrumento, apenas a voz e o corpo do/da poeta, isso causou um certo estranhamento. Era possível ver pessoas pedindo “põem música”, ou “que falação”. Ao mesmo tempo, algumas pessoas querendo participar do *mic* aberto, mas pedindo para colocar *beat* nas suas rimas, gente indo embora quando era apenas poesia. Esse estranhamento ocorre pelo distanciamento que alguns grupos sociais têm dessa forma de arte.

Essa questão nos faz questionar sobre qual é a periferia que acessa a cena poética. É certo que as/os poetas marginais são em sua maioria pessoas nascidas e criadas nas periferias. No entanto, é possível notar que essas pessoas, de alguma forma ao longo de suas vidas, adquiriram determinado capital cultural, que possibilitou com que elas criassem interesse por esse tipo de arte. Seja por influência de familiares e amigos, seja por incentivo da escola, por contato com determinadas artes e cultura, ou acesso à universidade. No caso das poetas que acompanhei, a escola teve papel fundamental na construção desse capital cultural. Foi através da escola que elas tiveram contato com as artes, com a poesia e com movimentos políticos. Isso fez com que despertassem consciência e indignação para as questões sociais e usassem a poesia marginal para se expressar.

Em sua dissertação de mestrado, Livia Lima da Silva (2017) desenvolveu uma pesquisa sobre poesia marginal, onde traçou um perfil com base em dados qualitativos dos/das poetas que participam de sarais de periferia na cidade de São Paulo no ano de

2016. Segundo a pesquisa, 77% dos entrevistados concluíram o ensino médio e 57% o ensino superior, mais da metade dos entrevistados, isso considerando o nível de ensino superior de seus pais, que foi 24% para mães e 15% para pais. Tais dados simbolizam uma mudança na estrutura social, onde a periferia está cada vez mais acessando as instituições de ensino. Podemos considerar para analisar esses dados que o público que frequenta a cena de poesia marginal ainda é muito jovem, devendo-se considerar o número daqueles que continuam cursando o ensino médio, por isso o valor dos que já concluíram ainda é pequeno. Outro ponto é que essa pesquisa foi feita em 2016, sete anos depois, esse número pode ter aumentado. A autora afirma que o acesso às universidades criou uma mudança de “*habitus*” a essa camada da sociedade, proporcionando assim uma ampliação do capital cultural (SILVA, 2017).

Entre as poetisas que acompanhei vários foram os fatores que contribuíram para o desenvolvimento do capital cultural, todas elas tiveram influência positiva de suas famílias no incentivo ao consumo de arte e cultura, desde pequenas eram estimuladas a participarem e apreciarem música, dança e outras práticas artísticas. Todas elas tiveram nas escolas contato com práticas que fizeram com que desenvolvessem suas capacidades artísticas e o pensamento crítico, participando de grupos e movimentos estudantis.

A questão do capital cultural não quer dizer que as pessoas que não tiveram a possibilidade de acessá-lo não gostem de poesia, pelo contrário, de alguma forma essas pessoas têm o contato com a escrita poética e gostam, geralmente a música é o contato mais popular com a poesia. O poeta Sergio Vaz, um grande escritor da literatura de periferia do Brasil, publicou um diálogo em suas redes sociais que ficou muito famoso e que nos faz refletir sobre essa questão:

NA FUNDAÇÃO CASA...

- Quem gosta de poesia?

-Ninguém senhor.

Aí recitei "Negro drama" dos Racionais.

- Senhor, isso é poesia?

-É.

-Então nós gosta.

É isso.

Todo mundo gosta de poesia.

Só não sabe que gosta.

Sergio Vaz (SERGIO VAZ, 2019).

Quando uma pessoa gritou no meio de um evento de poesia “põem música”, não quer dizer que ele não goste de poesia, tão pouco que a rima estava ruim ou que estava de alguma forma distante da realidade dos espectadores. Quer dizer, que o contato que essas pessoas têm com a poesia é através da música. Em muitos casos, essas pessoas não tiveram acesso a um capital cultural que proporcionasse o gosto por esse tipo de arte. Ou então tiveram o seu capital cultural de periferia diminuído, não considerado cultura, aprenderam que “*Racionais MC’s* não era poesia”, que poetas de verdade são apenas os clássicos e, assim, foram afastados cada vez mais dessa forma de arte e produção de conhecimento. A música, dessa forma, funciona como uma mediadora social, uma forma de levar arte e conhecimento para quem a cultura foi negada. Nesse sentido, o trabalho que o coletivo *Sararau Crioulos* realiza é de grande importância. Ao ir em uma escola, ou ocupando a praça de um bairro da cidade, eles estão levando uma arte e um conhecimento que é da periferia, para os seus membros poderem ter acesso à cultura e saberem que também são produtores e consumidores de capital cultural.

O slam é um espaço para dar voz às minorias, principalmente para a periferia. É o lugar de fala, mas também de escuta, onde se compartilha suas emoções, mas também acolhe as emoções dos outros, é um espaço de produção de conhecimento e de valorização das vivências de cada um. É importante dizer que, em um evento que se propõe sair do centro e levar cultura para os bairros, toda essa esfera simbólica do slam se concretiza, porque faz com que de fato a periferia participe.

Um dos moradores que acompanhou o evento no bairro Gramma, ao ver a movimentação das pessoas apresentando suas poesias, pediu para declamar uma poesia de sua autoria. Motivado pela premiação em dinheiro do slam, ele se inscreveu para competir. Na sua vez de declamar, ele surpreendeu a todos/as que estavam presentes com uma poesia que falava sobre os dramas reais da sua vida: as violências que sofreu, problemas com a família e alcoolismo. Sua poesia era impactante, despertava diferentes emoções para quem ouvia e para ele era como um desabafo. Esse fato foi a representação do slam, dando voz e transmitindo vivências entre pessoas que muitas vezes são silenciadas e têm suas realidades esquecidas, demonstrando a importância social que essa arte tem e a sua capacidade de romper barreiras e criar transformações.

2.6. Conhecimento marginal

Não é de hoje que calam meu grito, abalam
meus instintos
Ambos pela dor
Por ter nos olhos esse brilho, essa herança bem
Quista dos genes de meu bisavô
Não é só pela preta cotista, a casa própria da
diarista
Ou qualquer outra conquista dos que fazem
parte da
História de uma terra que você usurpou
É ver o espaço ocupado, a mulher preta, pobre
no doutorado,
Retomando o seu legado, sem dizer: sim
senhor...

(MEL DUARTE)

As palavras que iniciam essa parte do texto fazem parte do poema *De que lado você luta?*, da poeta Mel Duarte. Esses versos ilustram de forma potente a verdadeira essência da poesia marginal. Além de ser um ambiente de comunidade e de expressão dos sentimentos, o slam também é uma forma de ocupação dos espaços até então negados para a população periférica. Esses espaços podem ser físicos, como as universidades e grandes teatros, mas também podem ser simbólicos e políticos, como a produção de conhecimento. Pensar o slam como uma forma de conhecimento, vinda de populações marginalizadas que está ocupando vários ambientes, é identificar que essa é uma cultura revolucionária que rompe com padrões hegemônicos dentro da cultura, da arte, da política e do conhecimento, fazendo da vivência da periferia um instrumento de luta para recontar a história daqueles que nela vive.

Em sua tese de doutorado intitulada *Poemas Malungos – Cânticos Irmãos*, a escritora brasileira Conceição Evaristo defende que a ideia poética dos povos negros é revolucionária pelo fato de recontar nossas histórias a partir das nossas vivências. Segundo a autora, a palavra poética é uma forma de narrar o mundo a partir da perspectiva do indivíduo sobre o que é o mundo. Sendo assim, o/a poeta pode criar universo e criticar o universo existente através de suas palavras. Portanto, o ato de escrever poesia é o ato de escrever a própria história (EVARISTO, 2011).

O poema escrito por pessoas de grupos marginalizados se mostra revolucionário não apenas por fazer críticas sociais, mas também por produzir um conhecimento que reconta a história, mostrando a ótica dos processos históricos e sociais sob o olhar daquele que vivenciou as opressões, e não aceita a sua história sendo contada por outros, transgredido as ideias existentes. Sobre essa questão, Conceição Evaristo afirma que:

Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, o poema torna-se um lugar de transgressão. Pela criação poética pode ser dada uma nova autoria, assim como outra interpretação da história a um relato que, anteriormente, só trazia o selo do colonizador. Uma poética se torna transgressora, também, por eleger, muitas vezes, um padrão estético destoante daquele apresentado pelos dominadores. (EVARISTO, p.8. 2011).

Nesse sentido, a poesia feita pelas *slamers* é transgressora não apenas por trazer falas contundentes em suas rimas, mas também por ser uma forma de produção de conhecimento. Esse conhecimento se opõe a estruturas hegemônicas e acadêmicas, se inspira em literaturas marginalizadas, principalmente de autores e autoras negros e negras, mas principalmente se inspira no seu cotidiano, em suas vivências, na realidade de seus amigos e familiares. Esse conhecimento visa recontar a história de um povo a partir da sua perspectiva, sendo feito para que esse próprio povo tenha o seu pensamento crítico. É feito para ocupar espaços para estar nas ruas, mas também estar em teatros, espaços de arte e cultura e universidades. É um conhecimento para transgredir qualquer hierarquia, espaço físico e opressão social. A poeta Tay afirma que a poesia marginal é uma nova forma de produção de conhecimento, “é exatamente demonstrar a nossa vivência de uma forma que o nosso povo consiga entender, porque é também sobre a vivência deles” (TAY, 2023).

Para refletir sobre o slam, utilizo dois termos criados por Conceição Evaristo (2011); “escrevivência” e “palavra(ação)”. Escrevivência é junção da palavra escrever com a palavra vivência, se refere ao ato de escrever sobre sua própria história, a história do seu grupo, trazendo para a escrita fatos do cotidiano que atravessam as experiências de quem escreve. Palavra(ação) é o ato de escrever ou falar, sendo oposição, se mostrando contrário às normas, sendo questionador. Na percepção da autora, palavra(ação) é escrever de forma revolucionária e agindo contra as normas colonizadoras (EVARISTO, 2011).

Na perspectiva da escrita, o que as poetas *slammers* fazem é “escrevivência” e “palavra(ação)”, por ser uma escrita que parte de suas vivências e são revolucionárias por fazerem críticas e quebrarem paradigmas sociais. As poetas assumem esse papel na arte e buscam cada vez mais reforçar seus escritos como um conhecimento vindo das periferias. A poeta Laura Conceição afirma que acredita que “os/as poetas marginais devem ocupar todos os espaços de conhecimento, inclusive as universidades”. Por esse motivo, a artista decidiu fazer mestrado em educação para estudar o impacto do slam nas escolas. Sua pesquisa foi intitulada como “*Quem fala de noiz é noiz*”, e teve como objetivo exatamente criar espaços para a periferia poder ocupar o seu lugar de fala na produção de conhecimento. A poeta afirma que:

Me inscrevi no mestrado de tão puta que eu fiquei de estar fazendo pesquisa para os outros. E eu pensei na importância da gente tá ocupando esses espaços também. Porque os poetas slams ao invés de serem estudados, não estão indo para uma universidade, por muitas vezes acharem que não é o lugar deles, porque que não é o nosso lugar. Quem falou que não é? A gente vai aceitar, não é? Vamos ficar nesse disco de que a academia é uma merda, é elitista? Vamos deixar ela lá? Enquanto as pessoas ricas, brancas, heteros vão se beneficiar da academia, vão conseguir empregos melhores, melhorando a vida nas nossas custas? Até quando a gente ficar: “não, eu não vou, não porque é isso e é aquilo”? Não é assim. Vamos entrar lá e vamos mudar isso. Vamos mostrar que o nosso movimento muda a sociedade. Então, tem que estar na academia, não adianta nada ter uma pesquisa que não se aplica na sociedade. (LAURA CONCEIÇÃO, 2023)⁴¹.

Laura reivindica que, se está se criando conhecimento sobre poesia marginal nas universidades, os/as poetas marginais também precisam estar nas universidades produzindo e levando seus conhecimentos. A poeta Tay afirma que a arte marginal em si produz conhecimento e espalha uma sabedoria vinda das favelas, através dessa arte se fala e trabalha diversas questões com o olhar da periferia, a poeta fala que:

A poesia marginal traz questões sociais, como gênero, raça, mas trata sobre isso com uma perspectiva da favela. Então, acredito que cria uma representação e uma reflexão nessa população, que cria uma consciência sim. O que eu vivo, muita gente vive, a maioria do povo brasileiro vive e eu trago isso nas minhas letras. Então, eu acredito que quando eu recito, gera essa questão de identificação, porque se a pessoa

⁴¹ Entrevista concedida por Laura Conceição. Entrevista 1. [fev 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

não tem essa vivência na pele, ela conhece alguém que vivenciou aquilo que a poesia está falando. (TAY, 2023)⁴².

A poesia marginal é arte, luta e conhecimento vinda das vivências das periferias, sendo assim, ela é em si um ato político. Conceição Evaristo afirma que, pensado no contexto histórico de poder, a fala para os povos marginalizados se torna um ato político. Declamar uma poesia de sua própria autoria, escancarando suas emoções, é mais que uma performance, é política. Nesse sentido, as palavras expressadas pelos/pelas poetas são ações que buscam direitos, espaços e autonomia política, são palavras revolucionárias que têm poder de mudança e transformação.

⁴² Entrevista concedida por TAY. Entrevista 2. [ago 2023]. Entrevistadora: Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, 2023.

Considerações finais

O presente trabalho refletiu sobre a importância de se quebrar as máscaras dos silenciamentos e fazer da expressão um instrumento de luta, resistência e transformação social. Através da história de três mulheres, Laura Conceição, Sophia Bispo e Tay, jovens poetisas que têm suas vivências marcadas por diferentes camadas de opressões, e que utilizam a arte como uma forma de romper estruturas, ocupar espaços e fazer sua luta política. Foi possível analisar a cena poética de Juiz de Fora observando sua estrutura e relações, e identificando a importância do slam para a produção de conhecimento vinda da periferia, considerando questões de gênero, raça e classe.

O slam é um movimento político e cultural que, através da poesia e da expressão marginal, dá voz aos jovens das periferias, possibilitando que eles/elas próprios possam criar suas narrativas através de suas vivências, os tornando assim sujeitos que produzem conhecimento e reescrevem suas histórias. A competição que nasce entre operários, de forma simples como uma brincadeira, se mostra transgressora ao buscar romper com a escrita acadêmica e tornar a escrita poética mais popular e democrática. Logo, o slam se espalha pelas periferias, se tornando uma forma de expressão daqueles que sofrem com as mais variadas opressões.

Assim como bell hooks, Grada Kilomba e todas as escritoras feministas negras que escrevem com base nas suas vivências, e a partir disso produzem conhecimentos que conseguem reivindicar e recontar a história. As poetisas slamers também são produtoras de conhecimento, um conhecimento que dá voz e representa a juventude das periferias do Brasil e do mundo, e denuncia as diferentes opressões por elas vivenciadas.

Através das letras das poesias feitas pelas poetisas, foi possível notar que suas inspirações nascem do cotidiano, das realidades vividas por elas, e das realidades vivenciadas pelos grupos sociais dos quais elas fazem parte. Sendo assim, as temáticas trazidas nas poesias estão relacionadas com questões de racismo, machismo, desigualdade social, homofobia, violência e outros. Não apenas aspectos negativos fazem parte das poesias, mas também empoderamento, ancestralidade, memória, amores e afetos também fazem parte das letras que se envolvem com a performance artística, com a entonação da voz, com a postura do corpo, com o estilo de vestimenta utilizado. Todas essas questões fazem da apresentação da poeta um momento de expressão de suas vivências e de compartilhamento de suas emoções. Fazendo dessa forma de arte um instrumento de luta social, de resistência contra as opressões, de transgressões às desigualdades e produzindo

um conhecimento do cotidiano feito a partir da realidade da periferia. Através dessa expressão, as poetas realizam e espalham uma arte política que representa os jovens de periferias.

O slam é uma forma de expressão que transgride barreiras, da produção de conhecimento, da arte e principalmente da forma de se fazer a luta política. As mulheres no slam têm sua própria forma de fazer e vivenciar o feminismo. Elas reivindicam que suas experiências interseccionais sejam consideradas luta feminina, e embora critiquem o feminismo hegemônico, as demandas das mulheres estão sempre presentes nas suas artes. O feminismo por elas experimentado é aquele que parte das suas vivências, das suas dores e das suas heranças, e propõe acabar com todos os sistemas de opressões. Quando a poeta Tay denuncia as mazelas e violências sofridas por pessoas negras e de periferias, ela está vivenciando o seu feminismo. Quando Sophia Bispo questiona a história brasileira e busca recontá-la reivindicando a ancestralidade do seu povo, ela está vivenciando o seu feminismo. Quando Laura Conceição, enquanto mulher lésbica, reivindica o seu direito de amar, ela também está vivenciando o seu feminismo.

A luta feminina levantada pelas poetas parte das suas realidades, e não se resumem à luta sobre as questões de gênero, mas se entrelaça com todas as violências e opressões que elas vivenciam. O uso da poesia nesse sentido serve para escancarar seus sentimentos e estimular reflexões e discussões que possam gerar transformação social. Através de suas “escrevivências”, trazendo sua gramática para a produção de conhecimento, e de sua “palavra(ação)”, reenviando a sua história nesses espaços. As poetas realizam suas próprias, que contrariam as discussões do feminismo hegemônico e criam um feminismo de vivência periférica.

Observando a cena do slam em Juiz de Fora, foi possível perceber que existe um forte sentimento de pertencimento. O slam é uma celebração da comunidade, embora seja uma competição, o mais importante para os/as poetas não é ganhar, mas sim estar em grupo celebrando a poesia. Celebrar a poesia nesse sentido é compartilhar emoções, é expressar dores, raivas, indignações, amores e afetos que fazem parte da realidade vivida, tanto por quem realiza a poesia quanto por quem assiste. Transformando o ambiente em uma atmosfera de emoções compartilhadas onde o indivíduo possa se sentir representado, transformando a emoção em um sentimento social, fazendo com que a expressão dos sentimentos se torne um instrumento político.

Considerando o slam como sendo uma comunidade emocional, a realidade de estar em grupo compartilhando sentimentos, identidades e celebrando a poesia. Faz desse

ambiente um espaço político, onde as representações se manifestam através dos discursos, que compartilham as indignações sociais compartilhados pelo grupo, gerando a sessão de pertencimento entre esses jovens que se sentem acolhidos para se expressarem nesses lugares.

O slam é uma arte cujo intuito é fazer críticas sociais, não apenas através das letras e da mensagem passada, mas também pelo fato de mexer com estruturas sociais. Essa arte tem como intuito ocupar espaços, faz isso quando ocupa os ambientes urbanos, praças, viadutos, estações e equipamentos culturais, levando sua expressão para os mais diferentes ambientes, alcançando as mais distintas pessoas. O slam também faz isso quando vai até as escolas levando a poesia marginal para dentro da educação estimulando crianças e jovens a se expressarem, rompendo com a estrutura hegemônica do ensino, possibilitando que o indivíduo possa levar para o processo educativo suas vivências estimulando mudanças individuais e sociais. O slam também faz sua revolução ao mexer com as estruturas da produção do conhecimento, fazendo com que o conhecimento popular de periferia ganhe o seu espaço e importância.

Em uma cidade do interior de Minas Gerais marcada pela desigualdade social, como Juiz de Fora. O slam e toda arte produzida pelas poetas são importantes armas de luta e transformações sociais, pois através deles os grupos oprimidos ganham voz e podem se expressar contando as suas narrativas, realizando suas reivindicações e contando sua própria história. Por esse sentido, essa forma de fazer arte abre espaço para diferentes questões que nos fazem refletir sobre a nossa sociedade, tocando em assuntos e ocupando espaços que mexem com as estruturas de opressões, se tornando uma forma de expressão revolucionária que dá voz para os grupos marginalizados. Expandindo suas lutas para todos os ambientes e transgredindo as estruturas sociais.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Marcella dos Santos; ROCHA, Cláudia Hilsdorf; MACIEL, Ruberval Franco. Letramentos literários e translanguagem entre as ruas e as escolas do sul global: o slam interescolar como prática enativo-performativa decolonial. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 60, n. 3, p. 626-644, dez. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103181311060011520211022>.

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. **Introdução: emoção, discurso e política da vida cotidiana**. Tradução de Maria Claudia Coelho. 1990.

AO CUBO. **Cinderela**. Youtube, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1BUqFs6H1L8>. Acesso em: 29 fev 2024.

ARARA REVISTA. **Tay**. Disponível em: <<https://arararevista.com/tay/>>. Acesso em: 14 mar 2023.

BISPO, Adenilde Petrina. A caminhada é uma construção coletiva e a filosofia não se separa da vida... **Problemata**, [S.L.], p. 9-20, jul. 2020. Problemata: International Journal of Philosophy. <http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v11i2.54037>.

BISPO, Sophia. **Entrevista 1**. [Entrevista concedida a] Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, fev 2023.

BISPO, **Sophia**. **Entrevista 2**. [Entrevista concedida a] Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, ago 2023.

BLUES, Baco de Exu. **Sinto Tanta Raiva...** Youtube, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9H195BEIHZ4>>. Acesso em: 25 fev 2024.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **POEMAS MALUNGOS: cânticos irmãos**. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura Comparada, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. p. 178. 2011.

COELHO, Rogério. **À voz, à luta: uma entrevista com Rogério Coelho**. [Entrevista concedida a] BICALHO, Gustavo, SILVA, Douglas. Em Tese, Belo Horizonte v. 23 n. 1, p. 286-296. jan 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 99-127, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016000100006>.

_____. Se perdeu na tradução?: feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 7-17, jan. 2017.

CONCEIÇÃO, Laura. **Entrevista 1**. [Entrevista concedida a] Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, fev 2023.

_____. **Espelho**: Laura Conceição. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Y9z4Mo4NRA>. Acesso em: 13 mar 2023.

_____. **Intervenção Poética**: Laura Conceição. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mqh44437AdU&t=3s>>. Acesso em: 13 mar 2023.

COSTA, Larissa. **Adenilde Petrina**: a história da rádio que marcou a luta do povo negro em Juiz de Fora. Brasil de Fato, Belo Horizonte 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/23/os-poderosos-nao-querem-que-a-gente-se-informe-para-nao-lutarmos-diz-ativista>>. Acesso em: 25 fev 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. **Synergies**, Brésil, n. 9, p. 119-126, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DORSCH, Hauke. Diasporizando a Tradição. Griots e Estudiosos no Atlântico Negro. Tradução: Hasani Elioterio dos Santos. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFscar**, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 1125-1156, 2020. FAI-UFSCar. <http://dx.doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.12>.

DUARTE, Mel. **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ESPAÇO HIP HOP. **Espaço Hip Hop**. Juiz de Fora, 12 dez 2021. Instagram: @space_hiphop. Disponível em: https://www.instagram.com/space_hiphop/. Acesso em: 31 jan 2024.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: DUARTE, Mel. **Querem nos calar**: Poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
FALQUET, Jules. História do Coletivo Combahee River. **Lutas Sociais**, [S.L.], v. 22, n. 40, p. 124-137, 28 dez. 2019. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/ls.v22i40.46660>.

FAWKES, Patrícia. **A “mão chifrada” significa exatamente o contrário do que falaram pra você**. Associação Cultural do Rock, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://acrock.com.br/artigo/a-mao-chifrada-significa-exatamente-o-contrario-do-que-falaram-para-voce>>. Acesso em: 25 fev 2024.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 35, n. 12, p. 46-69, jun. 2019.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata a Judith Butler. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. 1 ed. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020. p. 274-295.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**, v.16, 2022 ISSN 1983-7364.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estud. Lit. Bras. Contemp**, Brasília, v. 59, n. 59, p. 1-15, nov. 2020.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução: Vera Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GELEDÉS. **Ubuntu**: A Filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Portal Geledés. São Paulo, 13 de mar 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>>. Acesso em: 19 ago 2022.

GICA TV. **Slam BR 2017**: Final Laura Conceição 02 – Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vS48VNdhw0&t=2s>>. Acesso em: 13 mar 2023.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. 1 ed. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020. p. 41-55.

HOOKS, Bell. **Erga a Voz**: Pensar como feminista, pensar como negra. Tradução: Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante Editora, 2019.

_____. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução: Rainer Patriota. Perspectiva, São Paulo, 2019.

_____. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução: Stephanie Borges. Elefante Editora. São Paulo, 2021.

_____. Vivendo de Amor. Tradução de Máisa Mendonça. In: **Portal Geledés**, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 13 mar 2023.

JIMENO, Myriam. Emoções e política: a vítima e a construção de comunidades emocionais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 16, p. 99-121, ago. 2010.

KILOMBA, **Grada. Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

KLIEN, Julia. Na poesia. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 105-137.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 226-228.

_____. **Sou sua irmã**: escritos reunidos. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. Quem disse que era simples?. In: **Textos escolhidos de Audre Lorde**. 2 ed. Difusão Feminista, 2018. p. 33.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de, org. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). **Na metrópole** – textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 1 - 24.

MANO A MANO. **Conceição Evaristo**. [Locução de:] Mano Brown. Original Spotify jun. de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4BnaMQUzUXvDo276bkHs3d>. Acesso em: 05 abr 2024.

MARIOSIA, Gilmara Santos. **Negras Memórias da Princesa de Minas**: Memórias e representações sociais de práticas religiosas de matriz africana. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss**. Coletânea: Antropologia. Roberto Cardoso de Oliveira, org. Tradução: Regina Lúcia Moraes Morel. São Paulo: Ática, 1979.

_____. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios. **Revista PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32. dez 2016.

MENDONÇA, Kelly Yara de Souza. **Expressões decoloniais na performance de poesia de mulheres**. XVII Encontro Regional de História da UNPUH, 2020.

MIGALHAS. **Caso Mariana Ferrer**: TJ/SC confirma absolvição de empresário. 2021. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/352850/caso-mariana-ferrer-tj-sc-confirma-absolvicao-de-empresario>. Acesso em: 14 mar 2023.

MORELATO, Adrienne Kátia Savazoni. **Por que poeta, e não poetisa?**. Vermelho.org. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/adrienne-savazoni-por-que-poeta-e-nao-poetisa/>. Acesso em: 14 mar 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **“Slam” é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos**. Jornal USP. 2017. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/slam-e-voz-de-identidade-e-resistencia-dos-poetas-contemporaneos/>>. Acesso em: 11 nov 2020.

NGOMANE, Mungi. **Ubuntu todos os dias**: eu sou porque nós somos. Tradução Sandra Marthav Dolinsky. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

NOGUEIRA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HaperCollins Brasil, 2020.

OLIVEIRA, Vic. **Slam da Norte Vic Oliveira**. Youtube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xPllX2DE0XQ&t=3s>>. Acesso em: 13 abr 2024.

O PHAROL. **A polêmica homenagem à memória de Rosa Cabinda com a Comenda Henrique Halfeld**. Disponível em: <<https://jornalopharol.com.br/2022/05/a-polemica-homenagem-a-memoria-de-rosa-cabinda-com-a-comenda-henrique-halfeld/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **História da Cidade**. Disponível em: <<https://pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>>. Acesso em: 13 maio 2023.

PRETOVIVO, NEGA PRETO, TOPRE. **Afrika Em Tudo**. Youtube, 20 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sPqVgB8QsqQ>>. Acesso em: 19 ago 2022.

RACIONAIS MC'S. DVD - Mil Trutas Mil Tretas - **Vida Loka - Parte 2**. Youtube, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qv9ayypY1dQ>>. Acesso em: 25 fev 2024.

RAMOS, Gustavo Henrique Thomaz. **Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha**. SIPAD UFPR. Disponível em: <http://www.sipad.ufpr.br/portal/dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/>. Acesso em 25 ago 2023.

ROCHA, Cristal. Arte escura. In: DUARTE, Mel. **Querem nos calar**: Poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SILVA, Caio Ruano da; LOSEKANN, Cristiana. slam poetry como confronto nas ruas e nas escolas. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 41, p. 1-19, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/es.228382>.

SILVA, Livia Lima da. **A literatura fora do lugar**: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 180. 2016.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2006.

SLAM MG. **Chave A**: 08 setembro 2021 [eliminatória]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wa2cyNEty8w&t=5691s>>. Acesso em: 14 mar 2023.

_____. **Final 11 setembro 2021**- SLAM MG. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z4kAWOjdh4s&t=3546s>>. Acesso em: 05 abr 2024.

_____. **SLAM MG- 2020/19/11** [eliminatória] - 1º parte. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aHCveNUI4Ds&t=2137s>>. Acesso em: 13 mar 2023.

_____. **SLAM MG – 2020/ 21/11** [final]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xjdk-g3pQZg&t=4804s>>. Acesso em: 05 abr. 2024.

SOARES, Elza. **A carne**. Youtube, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>. Acesso: 29 fev 2024.

SOUZA, Rose Mara Vidal de; CARACRISTI, Maria de Fátima. Cultura Hip Hop Identidade e Sociabilidade: estudo de caso do movimento em palmas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Congresso**. Santos: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. v. 30, p. 1-15.

TAY. **Entrevista 1**. [Entrevista concedida a] Rafaela Malaquias Marcelino. Juiz de Fora, ago 2023.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. **Crime Doloso x Crime Culposos**. 2018. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/crime-doloso-x-crime-culposos>>. Acesso em: 14 mar 2023.

VAZ, Sérgio. **NA FUNDAÇÃO CASA...** @poetasergiofaz. Twittter, 2019. Disponível em: <https://twitter.com/poetasergiofaz/status/1133003141744594944>. Acesso em: 25 fev 2024.

VIEIRA, Isabela. **Maria e José são os nomes mais comuns do país, revela IBGE**. In: Agência Brasil. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/maria-e-jose-sao-os-nomes-mais-comuns-do-pais-revela-ibge#:~:text=Levantamento%20in%C3%A9dito%20do%20Instituto%20Brasileiro,7%20milh%C3%B5es%20de%20homens%20brasileiros>>. Acesso em: 13 mar 2023.

VILAR, Fernanda. Migrações e periferias: o levante do slam. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S.L.], n. 58, p. 1-13, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018588>.

ANEXO - Poemas analisados**TAY****Poema 1 Slam MG 2020 (Classificatória)**

Toda princesa um dia, vai se tornar rainha, mas
O tempo passa, o sonho acaba, só não pode olhar pra trás

Me diziam, “homem não chora”
Eu só não entendia os porque
Quando via o meu pai chorando
Porque ele me viu chorando
Com dois dias sem comer
O pedreiro sem serviço
Que já se alimentou do lixo
Não aguentou
Abandonou a família
Dona Maria e suas três filhas
A empregada
Não tinha nada
E ainda era uma mulher
E ela me dizia
“Minha filha estuda, escuta o meu conselho”
Mas pra mim não teve jeito
Na escola desde cedo preconceito
Aos 13 arranjei um trabalho
Aos 14 um namorado envolvido
No ano seguinte era o pai do meu filho
Sim, mãe aos 15, a história se repete
E ele?
Meu príncipe encantado
Meu eterno namorado
Que jurava amor eterno
E que nunca ia me abandonar
Na hora de dar à luz ele já não estava lá

Ah! O que seria de mim sem dona Maria para me ajudar?
E aprendi cedo na vida a força de uma Maria
Morre por sua cria e dá até o que não tem
E essa história não é só minha
Na luta não estou sozinha
Só lá de onde eu vim, Maria tem mais de 100
Nos interrompem para brincar de bonecas vivas
Sem ajuda de família nem ajuda de ninguém
Vida longa a Ana, Maria Carolina
Vida longa a todas as meninas mães sozinhas
Vida longa a todas as Marias.

Poema 2 Slam MG 2020 (Classificatória)

O dedo que aperta o gatilho não sente
A dor da alma que a bala transcende
Nem tente!
Nem quiseram saber se ele era inocente...
Pior que era
Mas o cara que apertou o gatilho se achava mais inteligente
Joga na vala como indigente
Assim disse aquele PM
Que já havia feito isso várias vezes
Com outros da mesma “gente”
Me entende?
Não?
Nem eu!
Mas essa é a realidade que vocês me deu
Eu sou o presente
Reflexo do passado que vocês me deixaram
Eu sou o grito de justiça daquele que vocês mataram
Eu sou cobrança que bate na porta do Estado
E ultimamente eu nem sei qual é o meu estado
Eu tenho estado preocupado, não parado

Talvez desamparado seja a palavra chave que abre a porta da revolta do meu povo revoltado

Revolucionário, que resistiu e resisti ao genocídio desse estado sanguinário!

“Minha filha seja forte engole o choro e tampe os olhos

Tem sangue pra todo lado...”

Isso é Brasil, 2020, não tem como explicar

Que a mina foi violentada e o estuprador?

“Não teve a intenção de estuprar” ...

Excelentíssimo exigimos respeito ao nosso corpo

Num país onde o aborto é ilegal mas o estupro... CULPOSO.

Minha mãe sempre me disse:

“Filha se comporta, não bebe, não grita, não se diverte, essa roupa?

Pelo amor de Deus não usa!

Se acontece alguma coisa ‘inocente’ é quem te abusa...”

Porque quando é nós que grita a justiça fica surda

Só enxerga o que quer... Mas nunca muda.

Poema 3 Slam MG 2020 (Classificatória)

É CONSCIÊNCIA NEGRA

Mas que tal conscientizar o povo que ainda é racista no seu subconsciente?

E ainda há quem pense que preto nem é gente

Acredite, eu escuto isso

Mas nem posso reclamar

Nem chamar de racista

Porque eles batem no pé e me chamam de vitimista

Século XXI, mentes super avançadas

Às vezes eu para e penso

Será eu a atrasada? Mente fechada?

“Poxa, a Tay só fala de preconceito

No Brasil nem existe desigualdade”.

Hipócritas!

Olha a merda da nossa sociedade

Olha dentro do presídio e de uma universidade

Olha lá, e por alto faça uma contagem

Quantos pretos estão na cadeia e quantos tão na faculdade
Ah, mas isso é questão de escolha
Então me diga quantos lá tiveram oportunidade
Criados no meio da comunidade
Quatro irmão, mãe solteira
Entrar pro crime não foi questão de escolha
Mas foi brincadeira de criança com fome
Virando avião aos 12
Voando pra longe de uma palavra chamada dignidade
Que deu muita experiência ruim para pouca idade
Cresceu assim, sem felicidade
Sem atenção, sem amor de mãe
Então a culpa é da mãe? Isso vocês nos impõem
Para de nos culpar, porque a culpa não é nossa
Nós somos o fruto que vocês plantaram
O monstro que vocês criaram
Escravidão desigualdade é o seus Estado
Ah, mas o tempo passou
Muita coisa avançou
Não, apenas um povo que era antes oprimido, hoje se posicionou
A gente evoluiu, mas o sistema ainda não mudou
Ele ainda é racista, burguês e desigual
Seja você branco, preto azul
Se você não tiver dinheiro
Aqui você não tem moral

Poema 1 slam MG 2020 (final)

Escravocratas fantasiados de bolsominions
Loucos, alucinados, gritando “o fascista é mito”
E eu não minto quando eu digo
Que a solução da nação
É a nossa juventude clamando por revolução
Por um povo que padece sem voz e educação
Reclamam do governo, se vendem na eleição

Não veem o voto como direito, mas só uma obrigação
Nós somos geração de luz fugindo do perigo das trevas
Manchando com sangue preto essa sua aquarela
Mostrando a realidade a violência da favela
Viemos atrás de paz, porque não conhecemos ela
E se a polícia é a que mais mata, o que que a gente vai fazer?
Chamar a polícia pra polícia? Irmão, quem vai nos defender?
Crianças da favela quase nunca comem bala
Só que na favela a bala come
O que mais tem na minha favela é criança com fome
Porque eles nunca enchem a boca, mas a boca sempre enche
Por aqui menor de 12 no tráfico já é gerente
Enquanto muitos viram estatística, quantas violentas?
Falo das nossas meninas que estão sendo estupradas
Enforcadas, uma das nossas que foi assassinada
Engole esse disco seu machista
O "defensor familiar"
Porque se tua amante engravida, você manda ela tirar
Eu uso a roupa que eu quiser
Aprende a me respeitar, porque eu não vou ficar calada
Machista não passará
Fascista não passará
Racista não vai passar
Meu lugar não era na cozinha
Eu sei bem o meu lugar
Eu não vou ficar calada
Cês vão ter que me aguentar

Sophia Bispo

Poema 1 slam MG 2021 (classificatória)

Sua bandeira estampada de positivismo
Enquanto suas metrópoles
Estão encharcadas de sangue latino

De que país eu tô falando?
É dentre todos o mais divino
Com povo trabalhador
Filho da miscigenação
Isso é só um outro nome para estupro
Só que com mais romantização
Ai Brasil!
Me dói na alma ser sua filha escrava
Me dói ter que pôr a mão no peito
Para honrar a pátria amada
Sabe o que mais me entristece?
É que tem gente que se esquece
Que tava na constituição
Que eugenia era o nome da solução
Prum Brasil mais direito
Prum Brasil que merecia mais respeito
E tem gente que tem coragem
De dizer que não existe racismo no Brasil
Eu até tento dialogar
Dizer fatos históricos
Realmente tentar levar conhecimento ao próximo
Mas me pergunto se eles querem ouvir
Eles só querem ficar gritando que é mi mi mi
Sair falando que cotas não deveriam existir
Ai Brasil!
Está cada vez mais difícil elogiar o homem banco
Até tento levar meu amor
Mas na maioria das vezes ele causa o meu pranto
Mas a gente vai caminhando
Com esperança num futuro melhor
Enquanto a realidade consegue se tornar cada vez pior
Não vem com esse papo de que você não sabia
Que não imaginava que colocar milico no poder isso daria
É, não sabia

Mas a sua escolha levou o país para o abismo
 Desde quando falar a verdade é ser petista?
 Desde quando ser republicano é ser abolicionista?
 Ai Brasil!
 Será que não existe história nas suas escolas públicas?
 Ou é essa juventude que é absurdamente estúpida?
 Passa dia todo na internet fazendo dancinha
 Tira foto na frente do IF fazendo arminha
 E pra eles qualquer coisa é só tomar Cloroquina
 Ai! Como eu queria ter nascido em outra época
 Se bem que
 Viver em qualquer tempo com a minha cor é uma merda
 Ai, a vida não tá fácil pra ninguém!
 Então por que cê foi pra praia em plena pandemia?
 Tem gente morrendo noite e dia
 Chorando em frente ao hospital
 O Brasil é o país
 Onde é o comediante que tem que comprar oxigênio pra Manaus
 Mas é Bolsonaro até em 2026!
 PT nunca mais terá vez
 E é bala pra que apoia vacina de chines
 Ai Brasil!
 Eu quero me realienar
 Tem hora que é uma desgraça saber raciocinar

Poema 2 slam MG 2021 (classificatória)

Se Maria fosse uma cor
 Ela seria vermelho sangue
 Acho que ela não percebeu como era exuberante
 Sua beleza irradiava qualquer lugar por onde ela passasse
 Ela pintava um sorriso até na mais triste face
 Tinha consigo um coração sincero, mas não puro
 Isso era impossível para alguém que vivia no lugar onde ela nasceu
 A tristeza e a miséria pairavam sobre a sua comunidade

Sendo essa sua triste realidade
Desde criança tinha sede de mudança
Mas a vida era bem diferente do que a gente conhecia
De todos os seus sonhos nenhum deles deixou história para ninar gente grande
O que ela podia fazer era não se conformar
Mas mudar algo?
Isso não lhe era possível
Quando teve o seu primeiro filho sentiu de novo a vontade de mudar o mundo
Ela queria um ambiente seguro
Mas isso era tarefa difícil
Ainda mais por conta de sua cor
O tempo agora já era mais próximo do óbvio
Então se entende o tamanho sofrimento do ofício de ser mãe negra
A cada esquina ela temia pelo pior
A cada noite ela chorava só
As notícias da TV só pioravam
Morte de meninos como o seu aumentavam
E ela orava
Para que o seu não fosse o próximo
Não posso mentir nem ocultar os fatos
Em sua vida também existiam muitos sorrisos largos
E festas de aniversário
Seu menino agora tinha 17
Maria não podia estar mais feliz
Ele trabalhava de frentista
E era devoto de Santa Beatriz
Como ele tinha sido ensinado por sua avó
No seu aniversário ele quis sair para buscar o pão
Ela só lhe pediu para que ele tivesse cuidado com a rua
Mas ele não ouviu
Já tava longe
Não deu tempo de lhe dizer que o amava
Não deu tempo de dizer que ela o esperava
Assim como nunca dá tempo de desviar de uma bala

Agora o tempo é atual
Como o filho de Maria muitos outros morrem igual
Ela nunca deixou de sonhar com um mundo diferente
Onde talvez o seu filho ainda estivesse presente
Mas mudar é algo difícil
E agora Maria respira o ar triste e depressivo
Que paira sobre os edifícios.

Poema 2 Slam MG 2021 (final)

Nos roubaram nossa memória
Nos apagaram dos livros de história
E nos resumiram a escravos
Sequestraram nossos nomes
Roubaram nossa alma
E muito tempo nos reduziram a mais do que nada
Nos deixaram sem cultura
Sem família e dignidade
Mas a chama que queima em cada um de nós
Nunca se apagou na verdade
E nem poderia
Nada fere em quem tem Ogum como guia
Em todas as lutas somos comandantes da infantaria
Que sustenta o insustentável
E que doma o indomável
Olhem pra nós
Somos estrelas em corpos humanos
Sob a luz dos astros nós brilhamos
Viemos para ressignificar o significado da nossa cor
Somos pérolas negras
De Aruanda somos a flor
O sangue de nossos ancestrais corre em nossas veias
Temos ouro, sabedoria e beleza
Tivemos impérios
Fomos reis e não servos

Somos Irenes, Sirenes, Marias, Carolinas e Sophias
Somos geradoras de arte e de vida
Carregamos conosco o peso de ser o futuro do nosso passado
E é por isso que lutamos para que ele seja respeitado
Queremos mais reparação
E acesso à educação
Seremos doutores, professores e o que quisermos ser
Viemos e vamos fazer acontecer
Chega de nos negar
Chega de nos cobrar
Somos feitos de ouro
E merecemos brilhar

Lura Conceição

Não vão nos calar

Já posso ouvir o canto dos colibris
Marielle era da onde os pássaros
Que cantam tem calibre
Se uma de nós tá morta, nenhuma de nós tá livre
Se uma de nós tá morta, nenhuma de nós tá livre
E eu vejo pessoas na sala de jantar
Entre nascer e morrer Tropicália
Pessoas tentando se amar
e morrer sem nascer é represália
Eis então que surgiu a eleição
Chama logo o ladrão
Não é pesadelo
Alisa esse cabelo e sirva o patrão
Descendente daquela gente
Que trocou urucum por espelho
Não bastasse essa luta
O sangue e a labuta
E toda nossa conquista
O passado não serve mais

Quem não sente não vê Elis
Foram eles: o bêbado e o economista
Gente
É que tá tudo interligado, entende?
O seu mal humor e o seu mapa astral
O mundo da carne e o espiritual
Isso a que é o Sense 8 da vida real
O comentário machista do chefe
O golpe de estado em Dilma Rousseff
Aquele assédio na internet
A barata na vagina das mulheres no DOI COD
A indústria barata
Que machuca doi e fode
A fumaça no cigarro da arrogância do empresário
A arrogância da fumaça que dá vida ao embrionário
Sua arrogância que te faz querer ter um TV e uma Ferrari
A ignorância que te faz querer chamar de "feminazi"
As mulheres que só querem igualdade de direitos
Damos a vida pela buceta e alimento pelo peito
Damo vida a todo mundo
E não merecemos respeito?
Sociedade que avança descobrindo Marte e NASA
Sociedade onde o homem não pode varrer uma casa
Manda pra pátria que pariu
Mas a pátria te deu a luz
Discrimina o irmão que é pobre
Cê sabe quem foi Jesus?
A chacina LGBT ou então chame de street fight
A missão jesuíta opressão e Spothliht
Isso é o aquecimento global e a camada de ozônio
Não é só a menopausa e a camada de hormônio
Que te faz sentir calor até no meio do inverno
Cê sente calor na Terra pois a Terra é um inferno
A Orca não é assassina, o sistema que é fatal

Que põem baleias em um aquário pra somar mais capital
E o poeta anda preso com uniforme industrial
Trocou sonhos por dinheiro em uma multinacional
Cada pai que agride o filho
E o filho que agride o neto
O neto cresce perdido
Sem ver a mãe morrer por perto
A ditadura que é o passado
É o futuro e o presente
Cálice de vinho tinto
Tinto de sangue da gente
A lembrança de Amariudo e Marielle presente
E a polícia sucumbido
Deter gente que portava detergente
Então aí surgiu Criolo e eles chamaram de doido
A menina foi estuprada sem interrupção de coito
Alguns machos fode o sistema é cês quer que eu dou biscoito
Tem quem se afoga no raso e gente rasa no topo
Mas é que sororidade não é a idade do soro
E a maior idade não é bom assunto pro Moro
A ditadura que é dura nem foi vivida por seu filho
Que quer ela de volta e atira a sangue frio
Toda carne necessária pra fazer esse churrasco
Compraram na Friboi depois rescindiram o contrato
Cada banda da cidade cada artista independente
O sorriso é da Colgate e tem carie nesse dente
Mas seu plano não cobre os 10 gigas de internet
A exploração da Índia e a divisão por casta
A exploração da Vale e a divisão da mata
A exploração da fé que te cega e te cala
A exploração da vida que te cega, suga e mata
A exploração do seu dia que te leva a depressão
A exploração das minas, do minério e do Pré-sal
A exploração das matas e da carne animal

A exploração que é tanta!
Que não haverá final

Espelho

Você,
é mais bonita que o pôr do sol,
na praia do sal,
na ilha de Cabo Verde.
Mais elegante do que dois argentinos
dançando tango no Palácio do Catete.
Mais bonita que o encontro rio Negro e Solimões,
mais bonita que a tristeza que embala solidões,
mais generosa que os amigos,
e seus imensos corações...
Tipo a Betânia,
e todas as suas canções.
Eu sei que as ondas te invejam ao te verem na areia,
todos querem ficar surdos com seu canto de sereia.
Você é mais bonita do que a própria Monalisa,
mais bonita e passageira do que a passageira brisa.
Muito mais bonita do que o gosto da biju, Alceu.
Muito mais bonita do que a La belle de jour.
Eu sinto pena dele por não te conhecer,
se conhecesse,
escreveria...
La belle você.
Mais bonita do que amar e odiar a própria vaidade,
a moça mais bonita de toda e qualquer cidade,
mais bonita que a moça da publicidade .
Eu que odeio matemática,
seria matemática,
só pra reduzir a sua dor pela metade.
Quem descobriu o amor?
Onde é que se escondeu?

Eu quero questionar, pois quem o descobriu foi eu.

Quem tá de costas,

inveja quem tá de frente pra você.

Tão bonita que meus olhos lacrimejam ao te ver.

Você,

é mais bonita que o planta

mais bonita do quintal da minha avó,

mais brilhante do que o móvel depois de tirar pó,

mais bonita do que qualquer quadro do Van Gogh,

mais alucinante que um hippie dirigindo uma van...

grogue.

Mais bonita que a própria beleza,

então vou ter que inventar outra palavra,

mais bonita com calma

e mais bonita com raiva.

E eu?

Eu sou mais trouxa, que as minhas trouxa

de roupa que ocê descartou,

e a mais competitiva se o prêmio for o seu amor.

Eu sou mais ansiosa do que a própria ansiedade,

presa no engarrafamento, no centro, no fim da tarde.

Você,

é mais bonita que essa poesia,

e qualquer outra poesia que eu possa recitar.

Mesmo eu roubando ela um pouquinho do Alan,

que roubou um pouquinho do próprio Ferreira Gullar.

É que cê é muito mais bonita do que a moça

mais bonita que inspirou eles a versar.

Você,

é mais bonita do que os astros e as estrelas,

e todas aquelas frutas, domingo de manhã na feira.

Mais bonita que a música exagerada do Cazuza,

que é exageradamente bonita, e tudo aquilo que ele cantou,

mais bonita que o eulírico apaixonado e escondido

em codinome beija flor.

Mais bonita que os mistérios lendários,
 mais bonita que Sônia Braga em Aquarius,
 e olha que essa é difícil.

Mais bonita que a visão do alto do precipício,
 mais bonita do que A Banda Mais Bonita da Cidade,
 do que a moça bonita da praia de boa viagem.

Você,

é mais bonita que o fim da guerra,
 mais distraída que as minhas queda,
 mais bonita que Canção do Exílio, seguida de O Cio da Terra.

Você, é mais bonita que aqueles pontinho de poeira
 que sobressaem pelo sol,
 e do que a pipa voando alto,
 em liberdade sem cerol

Mais bonita do que a moça mais bonita que inspirou a poesia mais bonita
 que não é essa,
 eu nem sei qual é.

Mais que cê mais bonita.

E por fim,

você é quase,
 quase, mais bonita que seu amor por você.

Só vai ficar mais bonita,
 quando se olhar,
 e perceber.

Espelho.

Poema 2 slam BR 2017 (final)

Eu vou recontar, eu vou recontar
 Eu vou recontar uma história
 Se ocê for forte que aguente
 Começa com “Era uma vez”
 Mas o final não é felizes para sempre
 Mulher é barriga no tanque

Preparando o lanche
De olho na panela de pressão
Panela de opressão
Vivendo sem condição
Marido passando a mão e
Não adianta dizer não
E o medo de andar nas ruas sozinha ao sair?
O risco do aborto ilegal
Porque não há legal se eu não posso parir
É história de chacina
Tão matando as mulher
Aqui o ventre não é livre
Buscam proteção na fé
Te forçam e empurram
Em berço de alienação
Deus fez a mulher da costela de Adão
Ahhhh não!
Vou contar para você
O verdadeiro mistério da fé
Todo homem existente
Ele nasceu de uma mulher
Os boys podem transar com geral
Consta no estereótipo
Mas se eu transo antes do casamento
Eu vou para o inferno do católico
Inferno?
Inferno pra mim é na terra
Onde os boy leva as mina pro mato
Estupra e depois enterra
Respeito não tem
Vou fazer a denúncia com quem?
Se a polícia estupra também?
Quando eu falo estupro
Não é só violência física

O sistema estupra as nossas ideias
Todos os dias
Não escutam a nossa reclamação
Descaso a alma e o coração
É estupro
Sem penetração
Congresso composto
Majoritariamente por homens
E eu lamento
Os boys não quer saber de criar
Só quer saber de gozar dentro
Ai pobre moça
É do tanque pra louça
Da louça pra força
Vai perdendo a força
Até tombar no chão
Todo dia, todo ano
Aproveita que tá no chão e
Passa o pano
Mas levanta do chão
Já é noite, e noite é reprodução
Aquele sexo que não é bom
Onde o homem goza a mulher não
A mídia romantiza
Relação abusiva
Sexo cama todo tormento
50 tons de cinza?
Aqui é 50 tons de sofrimento.
Mas calma, tô falando do roxo que fica
Na pele, e o roxo
Que fica na alma?
Minha poesia é atual
Eu preciso vir aqui e falar disso
Porque isso não passa no jornal

Vim aqui marcar minha presença
Tentando fazer diferença
Me chamam de sapatão
Como se isso fosse ofensa
Eu quero respeito sem faceta
Eles tem medo pra caralho
Da força de uma buceta
Eles tem medo de seus filhos
Verem casal gay na TV
Eu tenho medo de os meus filhos
Verem Temer no poder
Rede Globo apoia ditadura na TV
Polícia exhibe cassetete quando com
Minha dama me vê
Mulheres não podiam ir a guerra
Mulheres vivem a guerra
E eu tô pronta pro combate
Pois na minha veia corre sangue delas
Sangue de Joana D'arc
Vaca trepadeira,
Vadia e puta
O mundo enche a gente de nome
A gente enche o mundo de luta
Frida kahlo, Dorothy Stang
Adenilde Petrina, e Gal
Então não me encosta
Se aproxima passa mal
Simone de Beauvoir, Maria Rita
Se for pra falar de todas jamais haverá final
Esse verso é um aviso
Pra toda e qualquer mulher
Esse verso é um aviso
Quem avisa... Amigo é!